

# PRIMEIRO DE ABRIL

Narrativas da cadeia

SALIM MIGUEL

 editora ufsc

OBRA COMPLETA  
SALIM 100 ANOS MIGUEL  




UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Reitor

*Irineu Manoel de Souza*

Vice-Reitora

*Joana Célia dos Passos*

EDITORA DA UFSC

Diretor Executivo

*Nildo Domingos Ouriques*

Conselho Editorial

*Nildo Domingos Ouriques* (Presidente)

*Alexandre Bergamo Idargo*

*Antonio Fernando Boing*

*Bairon Oswaldo Vélez Escallón*

*Camila Feix Vidal*

*Carlos Alberto Severo Garcia Junior*

*Diogo Robl*

*Elias Paiva Ferreira Neto*

*Fernando Luís Peixoto*

*Francisco Emilio de Medeiros*

*Jéferson Silveira Dantas*

*Jucinei José Comin*

*Paula Campos Pimenta Velloso*

*Raphael Grazziano*

*Rosane Silvia Davoglio*

*Vanessa Aparecida Alves de Lima*

Editora da UFSC

Campus Universitário – Trindade

88040-900 – Florianópolis-SC

Fone: (48) 3721-9408

[editora@contato.ufsc.br](mailto:editora@contato.ufsc.br)

[www.editora.ufsc.br](http://www.editora.ufsc.br)

Salim Miguel

*Primeiro de abril*

Narrativas da cadeia

 editora **ufsc**  
2025

OBRA COMPLETA  
**SALIM 100 ANOS MIGUEL**  


© 2025 Editora da UFSC

A Obra Completa do autor foi cedida pelos herdeiros de Salim Miguel por meio de acordo específico com a finalidade de disposição ampla e gratuita do seu conteúdo ao público.

© Herdeiros de Salim Miguel  
salimmiguel100anos.com.br

O lançamento da Obra Completa de Salim Miguel foi viabilizado por meio de recursos da Emenda Parlamentar 22100008/2024.

Coordenação editorial

*Flavia Vicenzi*

Estabelecimento do texto

*Fábio Brüggemann*

Capa, projeto gráfico, revisão e editoração

*Estúdio Sempredo*

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária  
da Universidade Federal de Santa Catarina

M636p	Miguel, Salim Primeiro de abril [recurso eletrônico] : narrativas da cadeia / Salim Miguel – Florianópolis : Editora da UFSC, 2025. 176 p.  E-book (PDF) Disponível em: <a href="https://doi.org/10.5007/9786558051053">https://doi.org/10.5007/9786558051053</a>  ISBN 978-65-5805-105-3  1. Memória autobiográfica. 2. Literatura catarinense. I. Título  CDU: 869.0(816.4)-94
-------	---

Ficha catalográfica elaborada por Dirce Maris Nunes da Silva – CRB 14/333



Este livro está sob a licença Creative Commons, que segue o princípio do acesso público à informação. O livro pode ser compartilhado desde que atribuídos os devidos créditos de autoria. Não é permitida nenhuma forma de alteração ou a sua utilização para fins comerciais.

[br.creativecommons.org](http://br.creativecommons.org)

Para  
EGLÊ,  
companheira  
há mais de 45 anos.

Para nossos filhos,  
JOÃO JOSÉ, ANTÔNIO CARLOS,  
SÔNIA, PAULO SÉRGIO e  
LUÍS FELIPE,  
na esperança  
de que nunca precisem  
enfrentar fatos semelhantes.

Para os colegas de cadeia.

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquentam. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se. Outros permanecem junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alternam-se, completam-se, avivam recordações meio confusas — e não vejo inconveniente em mostrá-los.

*Memórias do cárcere*

GRACILIANO RAMOS

Mi vida siempre transcurre con la misma monotonia. Hasta el estudio resulta muchísimo más difícil de lo que parece. Recibí algunos libros y realmente leo mucho más de un volumen por día, además de los diarios —, pero no es a esto que quiero referirme. Es a otra cosa: me obsesiona — supongo que es este un fenómeno propio de los presos — la idea de que debería hacer algo *für ewig*, para la Eternidad, de acuerdo a un complejo concepto goethiano.

*Cartas desde la carcel*

ANTONIO GRAMSCI

(trad. de Gabriela Moner, Buenos Aires, 1950)

Liberdade é sempre a liberdade daquele que pensa de modo diferente.

*A revolução russa*

ROSA LUXEMBURGO

(trad. de Isabel Maria Loureiro, Petrópolis, 1991)

## Sumário

Prefácio de Luciana Rassier .....	8
Apresentação .....	13
A prisão .....	15
Tua mulher .....	28
No alojamento .....	34
Um amigo .....	40
A fogueira .....	46
Passeio .....	52
Mário e o <i>figueirón</i> .....	62
Aurélio, o neto .....	76
Um interrogatório .....	86
Faces .....	100
Fragmentos/Perfis — I .....	109
Fragmentos/Perfis — II .....	120
Fragmentos/Perfis — III .....	132
Diálogos .....	147
Liberdade .....	157
Liberdade? .....	164
Relação dos presos no quartel da PM .....	169
Posfácio de Hélio Pólvora .....	171

## Prefácio

### Salim Miguel, sempre contemporâneo

Luciana Rassier

Abordar a obra de Salim Miguel (1924-2016) é como lançar-se ao mar e navegar em um arquipélago imenso e variado, onde a realidade é-e-não-é ficção, onde as fronteiras líquidas e fluidas se inscrevem na (im)permanência das marés. Transitar nesse universo talvez nos deixe emocionados, surpresos, contrariados. Talvez indignados, mais cultos ou menos ansiosos. Seja como for, uma coisa é certa: dele, não saímos incólumes.

Contista consagrado, romancista celebrado, é com apurada técnica e sensibilidade que esse artesão da palavra e perspicaz observador do ser humano — e do mundo que o rodeia — constrói suas narrativas, privilegiando temáticas como tempo, velhice, morte e memória.

O menino nascido no Líbano, que chegou ao Brasil com 3 anos de idade, recebeu de seu pai e de sua mãe o imaginário das lendas orientais e de *As mil e uma noites*, com seu tempo não linear, suas personagens que aparecem, desaparecem e por vezes reaparecem, metamorfoseadas, suas estórias imbricadas, cujas versões nem sempre são concordantes.

Fascinado pela materialidade das letras desde a mais tenra idade, recorta e cola fragmentos de textos, montando supostas narrativas, que conta às outras crianças ao fim do dia. Já conhecendo os idiomas árabe e alemão, o

garoto é alfabetizado em português e passa a devorar os textos que encontra, sejam almanaques ou bulas de remédio. Em Biguaçu, no interior de Santa Catarina, passa horas lendo, em voz alta, obras da literatura brasileira e universal ao livreiro cego João Mendes.

Na juventude, é um dos fundadores e dos participantes mais ativos do Círculo de Arte Moderna de Santa Catarina, o Grupo Sul, um coletivo de jovens que sacode o marasmo cultural de Florianópolis, inovando na literatura, no cinema, na música, no teatro e nas artes plásticas. Publicam, de 1948 a 1957, trinta números da *Revista Sul*, estabelecendo uma rede de colaboradores oriundos do Brasil, da América Hispânica, de Portugal e das colônias portuguesas na África.

O grupo articula também a organização de uma exposição de pintura moderna proposta pelo intelectual Marques Rebelo, o que resultaria no então Museu de Arte Moderna de Santa Catarina (atual MASC), em 1949, criado pouco tempo depois dos museus do Rio de Janeiro (1948) e de São Paulo (1947).

Do Clube de Cinema do Grupo Sul, surge *O preço da ilusão* (1948), primeiro longa-metragem de ficção catarinense. Salim exerceu diferentes tarefas na produção, participando de todas as fases que envolvem a criação e a realização de um filme, além de estar nos créditos como autor dos diálogos e, junto a Eglê Malheiros, do argumento, em roteiro de E. M. Santos. Eglê foi presença feminina atuante ao longo da existência do grupo e se tornou a companheira de vida e de escrita do intelectual líbano-biguaçuense, como ele próprio gostava de ser chamado.

Nos anos 1950, Salim atua nos periódicos *Diário da Manhã*, *Opinião Pública* e *Bossa Nova*. Na década de 1960, trabalha como assessor de imprensa do governo do estado e dirige o escritório catarinense da Agência Nacional, a agência de notícias do governo brasileiro.

Presos em 1964 por serem considerados subversivos pelo regime militar, Eglê Malheiros e Salim Miguel mudam-se para o Rio de Janeiro, onde permanecem por 15 anos. Durante esse período, Salim ocupa diferentes funções junto ao grupo Bloch editores, em publicações como *Tendência*, *Manchete* e *Fatos & Fotos*, tendo viajado a diversas regiões do país para efetuar fotorreportagens, gênero no qual foi precursor.

Leitor inveterado, jornalista calejado, consagra-se como crítico literário ao publicar artigos sobre literatura brasileira, hispano-americana e universal no Caderno de Ideias do *Jornal do Brasil*. Com Eglê Malheiros, Fausto Cunha e Laura e Cícero Sandroni, editou a revista de contos *Ficção*, que, entre 1976 e 1979, teve ampla circulação nacional e atingiu tiragem mensal de 15 mil exemplares.

Ao retornar a Florianópolis, Salim Miguel trabalha na Agência Nacional e na assessoria de comunicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Dirige, de 1983 a 1991, a Editora dessa instituição (EdUFSC), tendo atuado na criação de políticas nacionais de edição, como o Programa Interuniversitário para Distribuição de Livros (PIDL) e a Associação Brasileira das Editoras Universitárias (ABEU). Depois, assume a Superintendência da Fundação Cultural Franklin Cascaes (1993-1996), impulsionando a política cultural municipal e promovendo a publicação de literatura catarinense.

Esse breve apanhado permite-nos compreender por que a trajetória e a obra de Salim Miguel se destacam no cenário cultural catarinense e brasileiro — o que lhe valeu prestigiosas distinções. Dentre outras, o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra (2010); o Prêmio Juca Pato — Intellectual do Ano, da União Brasileira de Escritores (2002); e, no mesmo ano, o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Santa Catarina.

Em sete décadas de atividade, lançou mais de 30 títulos, entre romances, contos e crítica literária, além de ter textos publicados em diversos periódicos do Brasil. Dentre as marcas recorrentes de sua escrita ficcional, cabe destacar a herança das narrativas orientais, com uma refinada estrutura temporal e personagens e episódios reincidentes, que provocam o leitor, seja por um exercício de memória, seja por multiplicarem os pontos de vista, propondo diferentes versões de um mesmo fato.

Também é preciso sublinhar a figura de um personagem-narrador-autor impotente diante de personagens que teimam em tomar as rédeas do próprio destino; a intertextualidade com obras e autores apreciados pelo escritor; o arrojo formal; a habilidade na fragmentação e em sua articulação. Afinal, o Mestre repetia que, além da fruição, buscava com seus textos intrigar, provocar, sacudir seus leitores, transformando-os em coautores.

No âmbito do centenário de nascimento de Salim Miguel, a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina lança sua obra completa, em formato digital e com livre acesso ao público. Esse projeto, audaz e colossal, dis-

ponibiliza títulos há muito esgotados e revitaliza o conjunto da produção do escritor líbano-biguaçuense.

Portanto, caros leitores, o caminho está aberto, e a navegação será com o vento em popa. Por onde começar? Talvez pelo *site* organizado pelos filhos de Salim e Eglê ([salimmiguel100anos.com.br](http://salimmiguel100anos.com.br)), talvez por onde nossa intuição nos levar.

A única certeza é que adentramos um território onde a realidade é-e-não-é ficção, e onde nos confrontaremos com nossos sonhos, alegrias, temores e dúvidas. Nesse universo, em cada letra pulsam os enigmas da aventura de ser humano neste planeta. Salve, seu Salim, eterno porque sempre contemporâneo.

Florianópolis, janeiro de 2025

# Apresentação<sup>1</sup>

## Primeiro de abril

Moacir Werneck de Castro

Entre pôr no papel as *Memórias do cárcere* e os acontecimentos de que trata o livro, Graciliano Ramos esperou dez anos; até a publicação, em 1954, passaram-se mais oito, em que a direção do Partido manteve a obra engavetada. Este *Primeiro de abril*, de Salim Miguel, teve um período de gestação muito mais prolongado: quase trinta anos, desde o acontecido até a transposição em livro. Ambos os autores de histórias de prisão não tiveram pressa, o que conta a favor deles. O parto precoce faz mal ao produto literário, que precisa de um distanciamento capaz de evitar os excessos da paixão e o gosto da simples vindita.

Salim Miguel seguiu o exemplo e a lição do mestre alagoano, como deixa ver logo na epígrafe tirada das *Memórias do cárcere*, na qual Graciliano invoca o tempo transcorrido para justificar a “indiscrição” de exibir em público pessoas com as quais conviveu atrás das grades. Pura delicadeza, mas que no caso dele, como no de Salim, reforça a validade e a importância do testemunho. Os dois escritores tomam como material momentos diferentes da repressão. Qual desses momentos foi pior, mais desastroso, mais burro? Você decide.

---

<sup>1</sup> [N. E.] Apresentação para a primeira edição, de 1994.

*Primeiro de abril: narrativas da cadeia*, de Salim Miguel, refere-se a 1964, quando ele, intelectual já conhecido, redator da Agência Nacional, passou cinquenta dias numa prisão militar em Florianópolis. Seu relato não denuncia arbitrariedades inéditas, nem torturas como as que ocorreram em outros lugares. É o depoimento de um escritor, de um homem sensível, que sabe valorizar o detalhe e recolher, dentre os variadíssimos tipos humanos que o cercam, o traço mais significativo; de um ficcionista atropelado por uma realidade dolorosamente imprevista, mas que não perde o sentido do pitoresco, do humor, mesmo quando descreve a destruição da livraria que foi sua, a queima absurda de livros em pleno centro da capital catarinense.

Habilmente construído, com capítulos que podem funcionar como módulos autônomos, usando com boa técnica o *flashback* e a revelação do que viria depois, o livro de Salim Miguel se acrescenta à sua bibliografia de muitos títulos como uma nova e marcante contribuição à história do golpe de 1964 e seus ecos pelo país afora. História vista e contada do ângulo das vítimas, por isso mesmo mais reveladora.

Os “revolucionários” da província prestaram um mau serviço à cruzada nacional contra a subversão: podiam ter passado sem este retrato de sua grotesca e subserviente prepotência. Para Salim Miguel, além de incorporar à sua experiência esse material, o resultado positivo foi ter sido trazido por seu amigo Adonias Filho para o Rio de Janeiro, onde ganhou novas amizades e uma ressonância maior do seu talento e das suas qualidades humanas.

## A prisão

PERPLEXIDADE. Solitária, a palavra ocupa quase todo o espaço da lauda, se estilhaça-baila diante de teus olhos. Batucas mais na antiquada máquina de escrever, o som cavo reboa, repetes e repetes, em caixa-alta, PERPLEXIDADE, em caixa-alta e baixa, Perplexidade, em caixa-baixa, perplexidade, sílaba por sílaba, per-ple-xi-da-de, letra por letra, p-e-r-p-l-e-x-i-d-a-d-e. Paras. Corres os olhos na horizontal e na vertical, sílabas e letras se embaralham, te confundem. Indeciso suspiras, respiras fundo, te mexes-remexes. Afastas a cadeira, te levantas, observas teus companheiros, todos silenciosos-tensos, alguns sentados, outros de pé ao rés de chão daquele velho palácio, ainda outros na sala ao lado. Ali som algum se ouve, nem o ruído das máquinas de escrever. Lá de cima, do primeiro piso, um movimento contínuo de cadeiras sendo arrastadas, de pés se movimentando de um lado para o outro. Prestas atenção: alguém se dirige à sala do governador do estado, alguém se dirige à sala do chefe da Casa Civil, alguém se dirige à sala do chefe da Casa Militar, alguém desce os poucos degraus dos fundos, em direção ao térreo onde vocês se encontram. Entra, vai até o chefe do gabinete de Relações Públicas e Imprensa, cochicha, o chefe se levanta, ambos atravessam por entre vocês, saem, começam a subir as escadas. Estás encostado à cadeira, braços no espaldar, pensamento distante — e em tua cabeça só a mesma palavra transita, se fixa: perplexidade. Sem te

dares conta caminhas até a janela, miras lá fora um pedaço da rua nesta pálida manhã, as escadarias da Catedral, um trecho da praça XV onde, nas folhas das árvores, um ar de outono já se insinua. Poucas pessoas circulam, todas quietas-inquietas mal se cumprimentam, olhando-se de soslaio, quase sempre desconfiadas, temerosas. Ficas uns instantes assim, quantos não sabes. Agora retornas à tua mesa, te sentas, arrancas da máquina de escrever a lauda contaminada, fitas atento os caracteres ali inscritos. Lê-re-lês a palavra única, perplexidade, a falha no *p*, o *l* cambado-torto, amassas a folha com raiva, com rancor, formas uma pequena bola que atiras sobre a mesa atulhada, a bola rola, para perto de tua mão que se movimenta num gesto instintivo e a apanha, volta a jogá-la, parou lá num canto, na outra extremidade da mesa, quase debaixo da máquina. Reapanhas a bola, vais desamassá-la desenrolando pedaço a pedaço, buscas restaurar a palavra em sua integridade. De novo levavas o papel até bem perto dos olhos, procurando encontrar não sabes o quê, de novo ficas perplexo. Então, num movimento brusco, comesças a rasgar o papel em infinitos pedacinhos, até que nenhuma das letras possa sobrar intacta. Jogas tudo na cesta do lixo, retornas à janela, o movimento continua escasso embora seja um dia normal de trabalho, é como se as pessoas estivessem intimidadas, com receio de abandonar a casa. Um solzinho vagabundo ameaça sair. Forças a mente, queres recuperar o ontem e sua reviravolta tão brusca (ou não?), o anteontem é um esplendente final de tarde quando o crepúsculo incendeia o céu lá para as bandas da ponte Hercílio Luz, estás com amigos no Miramar tomando umas cervejas, comendo casquinha de siri recém-

-chegadas de Laguna, discutindo os acontecimentos do país, os entrechoques, o clima tão tenso que afeta o ânimo de todos, nervos à flor da pele. Opiniões contraditórias se entrecruzam em meio a piadas sem graça, os ânimos se exaltam, cético como sempre não te parece que a situação esteja sob controle, vens há dias repetindo, alertando que o quadro nacional é conturbado, mais conturbado com o último discurso do Jango, te indignam o otimismo e a passividade reinantes. Agora levantas a voz, soltas um vocês são incorrigíveis, não querem ver a realidade, se deixam levar, alguém retruca, eis aí o sempre dono da verdade, a discussão esquenta, todos intervêm, se desentendem como sempre, resolvem sair atendendo a uma sugestão razoável, a maior parte vai em direção à Casa do Estudante onde se realiza mais uma reunião para se avaliar a situação nacional e que medidas tomar. Já de longe se ouve o burburinho, os gritos, as exaltadas palavras de ordem, vontade do povo, unido, jamais será vencido, golpistas serão derrotados, consciência popular, a vez do povo, outros lugares-comuns que pouco ou nada significam em tais momentos, anestésiam em lugar de alertar, uma euforia falsa que ilude. Não dá para chegar perto, muita gente em torno do prédio e nas imediações, vem descendo um líder sindical, baixote, gorducho, meia-idade, sempre afirmativo e dogmático, diz antes que seja perguntado, tudo está sob perfeito controle, tu perguntas que controle, vocês sempre se atritam, um tem a propriedade de irritar o outro, agora ele investe em tua direção, dedo em riste, olhos fuzilando e berra sob controle quer dizer sob controle ora, não te contém e replicas me explica o tal de controle que ninguém vê, o líder mo-

vimenta a cabeça num gesto de desânimo, olha para um, para outro, torna-se mais didático, mais expositivo, vejam, não faz muito tive importante contato telefônico com elementos da cúpula no Rio de Janeiro, agora taxativo, me acreditem está tudo sob o mais perfeito e total controle, o esquema de sustentação do governo federal nas forças armadas é real, além de ter a massa popular com ele. Retrucas, a este filme já assistimos e reassistimos, o líder perde a aparente calma, se exalta, contigo não se pode contar, um derrotista, laivos direitistas, metido a intelectual, alheio ao povo, encastelado na tua torre de marfim, espera pra falarmos amanhã quando tudo estará resolvido com os eternos golpistas no seu devido lugar, der-ro-ta-dos. Hoje, dia 2, meditas perplexo na velocidade com que tudo se consumou, o ontem tão longe, o golpe instantâneo a partir de Minas Gerais. Pensas, que tipo de noticiário vou transmitir para a Agência Nacional no Rio de Janeiro, já sentaste e levantaste vezes sem conta, a máquina de escrever impassível te desafiando, é para ti um texto extremamente difícil na sua aparente simplicidade, laudas e laudas começam a encher a cesta do lixo, o que relatar, como relatar? Voltas à máquina, dedos no teclado, fazes o cabeçalho, a mente um turbilhão, ontem foi o desfilar das marchadeiras, dos militares tomando os pontos estratégicos da cidade, de civis militarizados, de gentes enrustidas que de repente se manifestam aos gritos, berrando, sempre fui contra essa baderna que se instalava e assolava o país, destruindo a hierarquia e os autênticos valores da civilização e de nossa formação cristã, dos aproveitadores que até há pouco afirmavam adesão ao presidente da República, Jango está certíssimo, e que

agora o negavam, reafirmando aos berros, sempre estive contra as medidas demagógicas que ele vinha tomando, um despreparado para o cargo, tramando com os comunistas e os traidores da pátria, minoria contra Deus, a propriedade e a família, o Brasil ia parar num abismo, as forças armadas tinham mesmo que intervir e dar um basta — e para isto tiveram integral apoio da população mais consciente, é só ver as manifestações nas ruas. Pela undécima vez começa: “Florianópolis e o estado de Santa Catarina ainda estão perplexos com os últimos acontecimentos, mas o governador do estado controla a situação e já começa, em sintonia com as forças armadas, a administrar a situação e a tomar algumas providências no sentido de dar garantias ao pleno funcionamento das instituições e tranquilizar a população.” Relês o texto, não te satisfaz, a frase pouco ou nada tem a ver com o momento que o estado e o país atravessam, o que estarão fazendo nos outros escritórios da Agência Nacional, não tens como te comunicar com eles, quem estará na sede no Rio, onde será que se encontra neste momento o Josué Guimarães? Mãos no rosto interrompeste o texto, tentas relaxar, tiras a lauda que vai se juntar às tantas outras na cesta do lixo, fazer o quê, como? Uma ideia se infiltra de leve, sim, é isto, um pequeno texto anódino, que relate pura e simplesmente o que vem ocorrendo, como os acontecimentos destes três últimos dias (31 de março, 1º e 2 de abril) transcorreram em Santa Catarina, quais seus reflexos. Não-não, nada de quais reflexos. É por aí, um texto bem curto, não opinativo, meramente informativo. A nova lauda na máquina, as palavras se compõem, formam as frases, estas dão o sentido necessário, em minu-

tos tens em torno de meia lauda, retiras o texto da máquina, fazes rápida revisão, juntas a cópia do último comunicado do governador, adicionas lá no alto o endereço e o telefone da Agência Nacional no Rio, te viras e comunicas, vou ao correio transmitir a mensagem, é ali pertinho, não debes demorar, logo estarás de volta. Acabaste de sair, caminhas em passos lentos, na mente ainda verrumando o mesmo termo, perplexidade, que não te larga, grudado, só grudado não, nova casca, nova pele, perplexo te diriges ao correio, já estás chegando à praça XV quando perplexo dás meia-volta e perplexo resolves ir antes tomar um cafezinho no Ponto Chic. O movimento continua pequeno, o solzinho veio e se foi, a manhã é cinza, atravessas um trecho da rua Felipe Schmidt, cumprimentas conhecidos, convidas dois amigos para te acompanharem, pedes três cafezinhos, chegas ao balcão, estás levando o café à boca quando tua atenção é alertada para um movimento inusitado. Te viras, xicrinha na mão. O Ponto Chic acabou de ser cercado, civis e policiais fardados formam um bando compacto, ali perto uma ambulância. Agora marcham para o café, se aproximam, não te preocupas até que te cercam, um comissário avança, fica à tua frente, diz, me acompanhe, o dr. Jade quer lhe falar, dás um sorriso incrédulo, perguntas, o quê, a voz afirmativa-irritada repete mais agressiva o me acompanhe, o dr. Jade..., não deixas que conclua e ingenuamente respondes, agora estou indo no correio retransmitir este último comunicado do governador, depois vou ao serviço adiantar o noticiário e de lá dou um pulo para falar com o secretário. Há aí uma pausa, um suspense, parece um ensaio de teatro, depois da tua deixa é a vez do comissário,

incrédulo com o que ouve, sem voz tartamudeia um simples mas... mas... no exato momento em que chegam mais policiais e investigadores. Todos te cercam, os soldados embalados formam um cordão de isolamento e se postam em guarda, os investigadores pedem que os assistentes se afastem, fecha-se o cerco, tu e teus dois amigos no centro, eles não sabem que atitude tomar, o que fazer, como agir, nem tu, tentas ainda uma saída honrosa, num riso que é um tique nervoso dizes mas que brincadeira sem graça é esta, só que já intuístes não é nenhuma brincadeira, agora a voz taxativa do comissário confirma, não é brincadeira não, temos ordens de lhe levar detido, nunca usam a palavra preso, é detido para averiguações, melhor nos acompanhar por bem, em paz, te sentes estranhamente frio, impassível, pelo menos por fora, nunca te imaginaste em semelhante situação, ou se imaginaste não tinhas ideia de como irias reagir, sumiu tudo, estás ali e não estás ali, te vês de fora, de longe, em outra galáxia, como alguém que observasse acontecimentos que não lhe dizem respeito nem lhe interessam. Há novo momento de impasse, de tensão extrema. Só que continuas de fora, acompanhas o que ocorre de longe, é um diálogo fantástico na sua incongruência e absurdidade. Te olham sem jeito, a situação começa a fugir ao controle deles, impossível, não esperavam tal reação ou uma reação semelhante, aquilo escapa às normas estabelecidas nos manuais ou o que aprenderam no dia a dia. Procuram formas e fórmulas de agir, de reagir, de dominar e se afirmar, afinal são a autoridade, imaginavam tudo menos o que estão ouvindo e vendo. De teu lado não é coragem nem bazófia. É o que é. Apenas. Bem depois de tudo passado, raciocinando

com calma é que o pavor te atinge, um medo irracional. Não-não! Reconsideras: racional. Irracional, constatas, foi a maneira como agiste... Variação da frase anterior o comissário diz, é melhor nos acompanhar agora por bem. E outro, um possível investigador, o senhor está detido para averiguações por ordens superiores, não há o que discutir. Sem entonação repetes: detido? Ou preso? Por quê? E para tua surpresa surge nova variante acompanhada da palavra detido: detido sim e é bom nos acompanhar logo para o 5º Distrito Naval. Outra voz que não identificas contrapõe: está um montão de gente lá. E outra, num berro: te cala, porra! Como se aquilo não devesse ser dito assim às claras; ou dito de qualquer forma. No momento não apreendes o sentido total do final da frase, retrucas, 5º Distrito Naval? Não é mais dr. Jade? Preciso saber qual o motivo, estou aqui em paz tomando café com amigos antes de me dirigir ao correio para retransmitir o último comunicado do governador, dentro da minha missão jornalística de informar os acontecimentos e de repente, sem qualquer explicação lógica, vou preso; vejam, eis minhas credenciais, deve haver algum engano. Lá longe, da distância em que se encontra o teu outro eu, ele ri da frase tão sem sentido, que soa bombástica, falsa, artificial, nada tem a ver com a realidade presente, é preciso refazê-la, não se coaduna com a sequência da cena que se desenrola nem forma qualquer sentido lógico. A continuação permanece no terreno kafkiano do absurdo: não há engano, está decidido, vamos já para o 5º Distrito Naval. Tua resposta, afinal é para falar com o dr. Jade ou para ir ao 5º Distrito Naval, nada tenho de momento o que conversar com um ou outro, se perde. Civis e poli-

ciais se entreolham, cochicham, todos os demais circunstantes se afastaram, observam de longe o desenrolar, logo a notícia circula, mais gente chega, de portas e janelas curiosos vêm observar, se interrogam. O impasse continua. Sabes agora (ou já intuitivamente o sabias desde que chegaram) que não há engano possível, que não é brincadeira. Estás mesmo preso, como tantos outros começam a sê-lo no estado ou no país. O que parece ser o chefe repete vamos-vamos, e aponta para a ambulância. Tens um movimento instintivo de repulsa, pensas que atitude tomar, de forma incoerente como se fosses o dono da situação ou como se não soubesses o que está ocorrendo perguntas para onde vamos, e o comissário te aponta um dedo, ainda não entendeu, já disse, vamos para o 5º Distrito Naval, aí e só aí deixas de pairar longe, enfrentas a realidade e uma pontinha de pavor se infiltra, te desce pela espinha, numa reação instintiva respondes como se aquilo fizesse qualquer diferença, algum sentido, ou quem sabe para demonstrar um domínio sobre o que ocorre, não tenho nada pra fazer no 5º Distrito Naval, nem estou doente pra ir de ambulância, e onde fica o dr. Jade nesta história toda? O susto deles é maior do que o teu medo diante da questão assim colocada. Descrentes-raivosos se viram uns para os outros, não sabem que atitude tomar, o comissário interdito, os policia pasmos, mais adiante a reação deles seria outra, bem diferente, te arrancariam dali a socos e pontapés, mas tal momento ainda não chegou e dele te livraste. O diálogo se torna carregado, mais agressivo, vai se prolongando sem saída aparente, nem imaginas os riscos que corres, nem isto parece te preocupar, de novo és tu e não és tu, te vês por

igual como um observador distante e um partícipe da trama. Quanto tempo decorre? Não sabes, o tempo estacionou, não conta, também não queres saber nem procuras imaginar. O impasse continua, mais pessoas vão chegando, murmúrios indistintos de repúdio ou apoio. Nunca vais conseguir, por mais esforços que faças ou mais tempo que vivas, compreender como chegaram a uma decisão. Do que te lembras é de estar dizendo, em voz alta e firme, podem me moer de pancada, não estou doente pra ir de ambulância e nada tenho a fazer no 5º Distrito Naval. Sem perceberes fica aí implícita uma ida ao gabinete do dr. Jade. Isto não foi levado em consideração. Quais confabulações ter-se-ão seguido, existiria uma contraordem? São mistérios que permanecem insondáveis. De repente surge um novo integrante do grupo, o delegado, com mais autoridade, conversa com os demais, ouve o que lhe dizem, depois se vira em tua direção e és atingido por uma nova surpresa: então podemos levá-lo para o quartel da Polícia Militar. Não te conténs e retrucas, afinal que história mais maluca é esta, que querem, para onde devo ir, ora é falar com o dr. Jade, ora pro 5º Distrito, agora pro quartel, logo te calas, recuas, te recriminas de imbecil, se fosse possível recolher as palavras que bailam zombeteiras diante de ti, é a melhor solução, te embaralhas, mas és salvo por um advogado amigo que chega querendo saber o que há, ao te ver confabula com o delegado, se dispõe a te acompanhar até o quartel. Só resta um pequeno detalhe, te recusas a ir de ambulância, insistes que não estás doente. Isso também é resolvido pelo dr. Aldo numa decisão consensual, como terá surgido esta palavra tão fora de moda, jargão advocatício, tomar um

táxi. Pedes a teus amigos que avisem tua mulher antes de te encaminhares, acompanhado do advogado e de dois soldados, para o ponto de táxi, bem ali pertinho na esquina da rua Felipe Schmidt com a praça XV. Estás entrando no táxi, o motorista um conhecido que tudo acompanhou, acabas de lhe dar o endereço do quartel, sentas ao lado do advogado, só então ouves uma voz tímida de um dos soldados dizendo me desculpe temos que lhe acompanhar se não concorda que a gente vá neste carro apanhemos outro só que aí a corrida sai do nosso bolso. Forças um sorriso, olhas para o dr. Aldo que faz um sinal aquiescendo, o motorista te encara, retrucas, entrem, não vou querer tenham tal prejuízo — e durante a corrida, depois que o advogado te deu breves indicações de como deverias agir e te comportar, vocês mantiveram uma irreal conversação social sobre os problemas que o país atravessa, a chegada do outono, os deslumbrantes pores do sol da ilha, logo-logo com o frio vamos ter tainha à farta, de todas as casas, como se fosse um ritual, o cheiro de tainha frita infestando ruas, o gosto de uma ova frita com cerveja, logo a conversa descamba para o crescente custo de vida, o tão pouco que ganham os soldados. Atrás, como se fosses importante autoridade (ou elemento perigosíssimo), outro táxi e a ambulância com comissários, investigadores, soldados. O táxi contorna a praça Getúlio Vargas, vai se deter diante do portão principal do quartel, desces, pagas o motorista, desce o advogado, descem os dois soldados, logo o outro táxi e a ambulância despejam o restante do pessoal, não podes deixar de te rir por dentro, não consegues conter o riso que te aflora à face, pensas, nunca me imaginei tão perigoso, um facínora, rodea-

do por todos os lados, acabaste de entrar no quartel, vão avisar no comando, um comandante de batalhão vem te receber, cumprimenta o advogado, te cumprimenta aberta tua mão, vocês se conhecem bem, ele havia trabalhado no Gabinete Militar do governador, fizeram juntos pelo interior do estado várias viagens, ele é de papo agradável, tem boa cultura, vocês discutiam a situação do país, os problemas mais cruciais do estado, a instabilidade do regime, a luta pela posse do Jango, a miséria, a fome, quais soluções mais viáveis a curto prazo, comentavam artigos de jornais e revistas, ele lia um que outro livro, reclamava que quase só lias ficção e ensaios, agora te olha sem espanto, como se estivesse à espera, vira-se para o advogado, que também conhece, informa, são determinações superiores, vira-se para os civis e soldados e num tom sem modulação diz está entregue, podem ir, eles se retiraram, o comandante explica a situação para o dr. Aldo que te pede calma, fica tranquilo, verei o que posso fazer, vou daqui avisar tua mulher, darei notícias logo, o oficial te leva para dentro, informa, vais ficar num alojamento junto com outros detidos, de novo a mesma palavra que te irrita, como se até ele temesse a outra tão mais correta, detido te causa náusea, te mexe com os nervos, num movimento insopitável tu dizes preso, tens medo da palavra é, presos é que se diz, não estou detido porra nenhuma para as tais averiguações, estou é preso, e ele entre irônico-irritado retruca, agora compreendes por que estás aqui, os motivos, sempre tiveste a língua solta, mania de falar demais o que não deves, nem vou discutir tuas ideias não é hora, vê, falas o que queres sem pensar nas consequências, para, te olha, se cala, espera a resposta, e tu, um

sorriso largo e gaiato que é tua marca registrada quando estás tenso-nervoso e que os demais confundem com deboche, não consegues te conter, olhas bem no rosto do oficial e afirmas com perfeita segurança, como quem sabe de fonte certa, eu estar aqui até que não é de admirar tanto diante do momento absurdo em que nos encontramos, fazes uma pausa estudada e concluis, quero ver é o que vais me dizer quando estiver em situação idêntica à minha o teu querido chefe Juscelino Kubitschek.

## Tua mulher

ENQUANTO te encaminhas para o quartel, tua mulher, que nesta hora dá aula no Instituto Estadual de Educação, é avisada. Um professor chamou-a para um canto, pede, tenha calma, a notícia é desagradável, teu marido acaba de ser preso. Alguns professores se aproximam com uma palavra de simpatia, muitos te conhecem, comentam o assunto, protestam, outros, intimidados, começam a se afastar. E já no dia seguinte ela estava proibida de lecionar e até de entrar no estabelecimento. Bem depois, ambos soltos, te diria que, embora não esperasse que fosse tão rápido, diante da situação que se desenhava não ficou muito surpresa. Ficou, sim, profundamente chocada. Pediu dispensa, saiu para ver quais providências cabíveis naquele momento. Poucas. Ou nenhuma. Quase todas as pessoas das relações de vocês, que podiam ajudar, estavam presas ou sendo presas. Outras procuravam se esconder, fugir. Encontrou o dr. Aldo, que explicou como fora efetuada a prisão. Ela tomou um táxi, foi para casa, contou aos filhos o que acontecia, acalmou-os na medida do possível, buscou resposta para os vários “mas papai não é nenhum bandido”, juntou objetos de uso pessoal numa sacola, foi levá-los ao quartel. Vocês não conseguiram se ver nem por uns minutos. Ela procurou te tranquilizar por meio de um bilhete escondido nas roupas. Pressentia que tudo se complicava, os próximos tempos não iam ser fáceis. É

que boatos fervilhavam, o pânico tomava conta da cidade, do estado, do país, murmurava-se sobre tortura e mortes. Ao ficarem sabendo que tua mulher havia sido afastada, professores e amigos menos temerosos foram à tua casa sugerir que ela fugisse, ainda podia haver tempo. Montava-se um esquema. Tinham como providenciar um barco que a levaria até o continente, de lá tomaria um carro ou um ônibus. Recusou. Alegou que não via sentido em te abandonar; mais, abandonar quatro filhos pequenos, mesmo sabendo que parentes e amigos tomariam conta deles e que mais tarde poderiam ir ao encontro dela. Os dias seguintes foram tensos, carregados de maus presságios. Ela parecia adivinhar o que viria, achava que estava na lógica daquele absurdo que se instalara por toda parte. Sempre que possível descia com as crianças, postava-se na rua atrás do quartel, ou no terreno dos fundos, na esperança de te ver, abanar, trocar umas palavras. Logo os presos ficaram incomunicáveis. Tua mulher passou a cuidar mais dos gastos na alimentação, eliminou supérfluos, pois não sabia com que recursos poderia contar num futuro próximo. Sim, existiam parentes; não achava justo ficar apelando para eles. Só mesmo numa emergência — como se tudo aquilo não fosse uma emergência! Para se comunicar com teus irmãos, com outros parentes, usava o telefone da vizinha, sem imaginar que estivesse grampeado. Ela nunca conseguiu descobrir: o motivo foi uma conversa mal-interpretada, ou já estava determinado? Nem dez dias se haviam passado da tua prisão, quando ela foi presa. Entre os professores do Instituto houve uma divisão bem visível, alguns solidários lembrando a contri-

buição que tua mulher dera nos mais de 15 anos em que ali lecionara, outros alegando que também devia estar presa. Logo no dia em que foste solto te contou: eu estava lendo, tentando me distrair, sozinha em casa, as crianças brincando, quando para uma viatura, descem policiais. Era de tarde. Mal tive tempo de chamar a vizinha, pedir que olhasse pelas crianças, avisasse teus irmãos. Fui levada para o Hospital da Polícia Militar. Entre asco e piedade relata: as pessoas tinham medo de falar comigo, de se aproximar, operários insinuavam maneiras de se fugir, um oficial médico, cuja mulher participara do nosso filme *O preço da ilusão*, foi se pôr à disposição, caso precisasse de algo. À noite uma guarda dormia ao meu lado, nossa conversa era intercalada de silêncios, não atinávamos com o que falar; contrafeita, a moça foi gentil, mas eu percebi que gostaria de estar a léguas de distância. Tua mulher prestou depoimento no 14º Batalhão de Caçadores, dias antes do teu no Dops, quando o dr. Jade Magalhães, secretário de Segurança, apontando o dedo te disse, pode falar, sua mulher já confessou, nos contou tudo, e respondeste, que tudo? Dia seguinte ao depoimento, diante da indignação de boa parte da população, não queriam saber se tua mulher tivera ou não participação ativa politicamente, uns diziam das quatro crianças menores abandonadas, ponderavam outros aquilo podia afetar a credibilidade da ‘revolução’, ela foi mandada para casa em prisão domiciliar. Na circunstância, sentir-se em casa e poder atender às crianças era uma vitória, um fato positivo. Ao contrário do hospital, a casa dava uma sensação de liberdade, de quase plenitude, ainda que nem do portão tua mu-

lher pudesse passar. Cuidava dos afazeres caseiros, encaminhava as crianças para a escola, lia dia e noite, ouvia música, noticiários censurados, buscava contatos para ver de que maneira amigos de fora poderiam te ajudar, escrevia cartas, ouvia rádio irritando-se com as barbaridades e as falsidades que bom número de comentaristas de Florianópolis insistiam em veicular, alarmava-se com as descrições que emissoras de fora do país transmitiam, revelando o que começava a ocorrer nas prisões, nas caçadas aos fugitivos, embaixadas repletas de exilados. Temia por ti — e se fosses mandado para longe? E se não mais se tivesse notícias tuas. Por teu lado, levantada a incomunicabilidade, raros amigos ousavam te visitar. O mesmo ocorria com tua mulher, que passou a depender da vizinha solidária, de teus irmãos, de alguns poucos parentes, de raríssimos amigos. A aparente tranquilidade que buscava era minada por uma pressão subterrânea, pelo ambiente conturbado na cidade, pela população alarmada com os frequentes boatos, as crianças voltavam intranquilas da escola, colegas falando da prisão do papai, um subversivo, queriam saber, me diz, mãe, o que é subversivo? Um dia apareceu para uma visita o dr. Renato Ramos da Silva, figura importante ligada ao governo, começou declarando que ali não estava o político, mas o amigo, queria um esclarecimento franco, sincero, o dr. Jade Magalhães, para justificar a prisão de teu marido, declarou ao governador ter provas de que ele era um elemento perigoso, comunista fichado. Renato queria confirmação. Tua mulher respondeu, não, não é, nunca foi, pode ter suas ideias mas jamais pertenceu a qualquer partido político, é uma das

esquisitices dele. Renato insistiu, mas o dr. Jade... Ela não deixou que terminasse, acredita em mim, é uma grossa inverdade, para não dizer uma deslavada mentira. Acrescentou, Renato, me conheces, nos conheces há muito, podes acreditar na minha palavra, penso que no meu caso nem preciso te repetir, sabes, nunca fiz segredo de minhas posições, eu sim pertença ao Partido. Tua mulher se emociona ao contar o episódio, da mesma forma como fica pensativa ao referir o diálogo travado com pescadores, verdureiros, leiteiros, gente humilde que não entendia por que pessoas relativamente bem situadas na vida, como vocês por exemplo, que tinham casa própria, tinham até carro, se metiam nesses movimentos reivindicatórios. Ainda se fossem gente pobre, uns mortos de fome... Querias saber mais, querias saber de tudo que se passara naqueles intermináveis 48 dias. Puxavas por tua mulher, vai, conta, conta. E ela, já contei, convence-te de que a cidade mudou, as pessoas estão diferentes, cuidado com as conversas na rua. Num dado momento se descontraía, lembrava, sim, por vezes era difícil controlar as crianças: o mais velho, com quase 11 anos, já percebia certas nuances, irritadiço, sem motivo aparente se revoltava, no dia em que o Renato veio aqui, para que pudéssemos conversar com mais segurança pediu que eu fechasse a porta, o menino imaginou nem sei o quê, talvez eu estivesse para ser presa de novo, se atirou no chão e começou a bater com toda a força dos pés na porta, gritando, gritando; precisei controlar muito o segundo, para que não cantasse mais as palavras de ordem aprendidas nas passeatas estudantis, nem xingasse mais, nas ruas, os militares; tinha que

tranquilizar a menina que, de repente, sem motivo visível, ria e chorava me abraçando; e bem mais tarde, reflexos de tudo aquilo se fizeram sentir em determinadas reações de medo no mais moço, que à época não completara cinco anos. Demorou que a vida voltasse ao normal. Só que um normal repleto de sobressaltos, novos componentes se infiltrando e verrumando. Quando, por acaso, vocês dois saíam a serviço, para uma compra, um passeio, e demoravam além do previamente combinado com as crianças, ou só um dos dois saía sem avisar antes, eles ficavam indóceis, não desgrudavam das janelas, corriam até a esquina, reclamavam, que demora, será que foram presos de novo, será que a mãe foi presa, será que prenderam o pai? É que eles sabiam: vocês continuavam sendo vigiados, prestando contas de seus passos. Tua mulher ficou em prisão domiciliar mesmo depois que foste solto; e tu tiveste que enfrentar novos e demorados depoimentos em IPMs no Exército e na Marinha.

## No alojamento

ESTÁS só. O advogado já saiu, sem ter conseguido extrair algo de concreto. Nem o oficial a quem perguntas possui maiores informações. A explicação é sempre a mesma, detido para averiguações por ordens superiores. Vagas palavras que nada esclarecem: quais ordens, de quem, por quê? Isto sem qualquer justificativa, sem que possas te defender, sem saber do que és acusado. O oficial te encaminha para outra sala e sai. Começa a qualificação: nome completo, filiação, idade, data de nascimento, naturalidade, estado civil, nome da esposa, quantos filhos, profissão, residência. Deves mostrar o que trazes contigo: relógio de pulso, caneta, lenço, algum dinheiro, o pequeno canivete que sempre te acompanha, chaveiro, documentos de identidade, lauda datilografada contendo o material que ias mandar para a direção da Agência Nacional no Rio de Janeiro. A matéria é lida e relida com minuciosa atenção, analisada, passada de mão em mão, embora contenha apenas algumas linhas e o mais recente pronunciamento do governador Celso Ramos, feito com extrema competência e cuidado, vê-se, pesando e medindo cada palavra, cada frase, onde se declara que o estado de Santa Catarina volta à normalidade e que tudo se encontra em paz e sob controle, o governo estadual atuando em consonância com as forças armadas para manter a ordem e a tranquilidade da população. O que tens é devidamente anotado e devolvido. Depois te informam que

os detidos (outra vez a mesma palavra) ficarão incomunicáveis. Esta novidade o oficial não te disse, nem ao advogado. Tua família será contatada para que te mande o indispensável: pasta de dente e escova, sabonete e toalha de banho, creme e aparelho de barba, roupa. Antes de te ser entregue, tudo será examinado e registrado. Por enquanto livros, jornais, revistas, rádio estão proibidos. Queres saber quantos dias vai durar a incomunicabilidade. Ignoram. E a proibição de livros? Também. Não expressam de forma clara, mas depreendes, a determinação é das tais forças superiores, eles ali funcionam apenas como um depósito, responsáveis pelos ‘detidos’, não prendem nem soltam por conta própria, nem mesmo o governador tem tal poder, as ordens emanadas de cima são dos militares que tudo passaram a controlar. Um guarda é destacado para te acompanhar até o alojamento. Começas a atravessar o comprido pátio interior que liga um bloco ao outro do quartel. Do extremo à direita do pátio é possível divisar a casa de teu pai. Ei-la, na avenida Rio Branco. Num ápice te interrogas: terá sabido da notícia? Como irá enfrentar a situação, velho, viúvo, doente, morando sozinho com tuas duas irmãs, tão agarrado aos filhos. Logo te lembras de teu irmão, morando ali pertinho dele. E tua família, tua mulher, teus filhos pequenos num bairro mais distante? Temes por eles. Certamente terão apoio de parentes, de vizinhos e amigos menos temerosos de represália. Não tens, neste momento, como saber — ninguém sabe — quais as consequências, quanto tempo durará aquele pesadelo. Acabaste de cair numa engrenagem desumana, te transformas num número. Por enquanto és o número sete ou oito. Em pouco serás o número sete ou

oito entre os quase sessenta só no quartel. E podes — todos podem — passar a ser triturado, massacrado, amarrado a fios invisíveis indestrutíveis. Te interrompes, intimamente te questionas, não queres já começar a elaborar, naquela mania de tudo transformar em ficção, em tema de contos. Agora não é ficção. É real. Pensas: preciso não entrar em pânico, manter a calma, onde o distanciamento de que há pouco, lá no Ponto Chic, tanto te jactavas. Tudo não passa de um pesadelo, logo-logo vou acordar. Num esforço recuas até o amanhecer: o dia começara como outro qualquer: levantar, acordar os quatro filhos, apressá-los no café da manhã, sair, pegar o ônibus, tua mulher para a escola onde leciona, tu para o Gabinete de Relações Públicas do Governo do Estado, onde trabalhas e onde também funciona provisoriamente o escritório da Agência Nacional, antes deixar cada filho em sua escola ou no jardim de infância, despedir-te com um beijo em tua mulher que te pede cuidado. No entanto, esse corriqueiro começo de dia é rompido. Sem que ainda o saibas, ele traz em seu bojo complicações que se entrelaçam e confundem e que irão dar novo rumo à tua vida. Eis aí, desencadeadas num segundo, forças que ninguém conseguirá travar. Num segundo? Não! É preciso reconhecer: houve um processo que se foi armando aos poucos e ao qual, como tantos, não quiseste estar atento. Os indícios eram evidentes, bastava querer enxergar, querer avaliar, examinar... És interrompido, teu pensamento cortado. Acabas de chegar ao alojamento, já com alguns ‘hóspedes’ não a quantidade que logo vai se amontoar ali, dentro de poucos dias. Estes fizeram a estreia do local no momento mesmo em que o golpe estava sendo desfechado.

Sim, hoje é dia 2 de abril. Um engraçadinho, que ao chegar dias depois, encontra o alojamento abarrotado, e que é obrigado a se acomodar em qualquer canto, dirá vocês são uns ‘privilegiados’, puderam escolher os melhores apartamentos do hotel. Tu ainda vais poder escolher, solidários os que já estão te ajudam, indicam o lugar mais adequado, perto de uma janela por onde logo mais conseguirás abanar para tua família, teus irmãos e um que outro amigo mais corajoso que se arrisca a passar por ali, com uma nesga de sol se infiltrando até teu canto. Dois ou três presos tu conheces, com um te dás bem, outra meia dúzia é do interior, como terão chegado tão rápido, vêm de municípios próximos ou distantes. Incrédulos todos se interrogam, como fomos cair assim ou quais os motivos que nos levaram à presente situação. A aproximação entre os presos vai se fazendo de forma lenta, difícil, é preciso saber como abordar o companheiro do lado ou o esquivo lá do outro canto do alojamento, o palavroso que busca escamotear o medo ou o mudo que mostra uma coragem inexistente. É um tatear nas longas caminhadas de um extremo ao outro do salão, durante os dias intermináveis. A troca de um sorriso, uma palavra de estímulo quando a fossa é mais funda, um cigarro que se oferece; mais adiante, quando já se pode receber alguma coisa de casa, um pouco de comida caseira mais gostosa, uma fatia de bolo, até mesmo um gole de bebida que chega contrabandeada, sempre existe um jeitinho de fazê-la entrar. O alojamento é amplo, bem ventilado, em determinado momento, dentro de mais duas ou três semanas, vão nele se amontoar cerca de sessenta pessoas, vindas das mais diferentes regiões do estado, velhos e moços, letrados ou

analfabetos, agitadores ou agiotas, com intensa participação na vida política ou sem nenhuma, presos pelos mais estranhos motivos. Logo, num processo comum em tais circunstâncias, ali estão todos juntos, graças à denúncia de um desafeto ou de um anônimo, de um inimigo declarado ou de um parente, às vezes pelo que passou a ser considerado subversão da ordem instituída. Para que o convívio possa se dar de maneira relativamente tranquila e pacífica, algumas normas são determinadas, é necessário limar arestas. Isto vai sendo conquistado aos poucos. Existem momentos de inquietação geral, de desânimo total, a pressão aumenta, caminhadas se dão em silêncio, um silêncio carregado de presságios. Em outros momentos há uma inexplicada euforia, grupos se unem, gargalham, discutem, caminham em passos estugados, se grudam às janelas, observam os passantes, os habitantes das casas vizinhas. O bloco onde vocês se encontram dá para a rua Nereu Ramos e lateral para algumas casas. O edifício do quartel é resistente e incharacterístico, com o segundo bloco adaptado às pressas para aquela emergência: abrigar tanta gente. A rotina é asfíxiante. Idêntico, sem mutação aparente, um dia se emenda no outro: 5h30 — alvorada; 5h45 — fila para o sanitário; 6h30 — café da manhã no rancho; até 11h30 — trancados no alojamento, ansiando pelo escorrer preguiçoso do tempo, inventando conversas, cursos, jogos, reuniões exaltadas em torno de temas ou sem preocupação com temas, mais adiante leituras, um pouco de música ou noticiário, todos ansiando pelos jornais radiofônicos, saber quem mais foi preso, até que foi autorizada uma saída para apanhar duas horas de sol no pátio; 11h30 — almoço no refeitório no outro blo-

co; 17h30 — jantar; 22h — apagar das luzes. Nas noites insones e intermináveis ouve-se o movimento dos corpos virando-revirando nas camas, o gemer de uns, o resmungar de outros. Há os que se levantam no escuro, silenciosos, pé ante pé se dirigem à janela, atentos a um vulto que passa na rua, a uma sombra que se projeta de uma das casas. Quase todos saem cedo das camas, nem esperam o toque de alvorada, cada qual limpa e arruma o que se convencionou chamar de ‘meu quarto’, ou os que o Mário Moraes batizou de ‘apartamento de luxo’, o daqueles que chegaram antes e tiveram tempo de escolher um canto melhor. Foi indescritível tua emoção ao te chamarem, na manhã seguinte à tua prisão. Alguém insiste, te vendo sem ânimo, anda, vem, olha. Chegas à janela. Lá embaixo, no outro lado da rua, tua família, teus irmãos. Peito oprimido, olhos marejados, queres te fazer de forte, lhes insuflar coragem. Sorris. Abanas. Eles retribuem. Na calçada outras mãos abanam para outros presos. Pareces sair de um sonho e cair na realidade. Sonho não, pesadelo. Vais de um pesadelo para outro pesadelo. Só então, num átimo, apreendes a extensão do problema, o quanto tudo aquilo te afeta e aos teus. Diante dos fatos, neste momento, não vês saída. As poucas notícias que transpiram ou que chegam com um novo preso são cada vez mais desalentadoras. A repressão aumenta, aumentam as cobranças. A realidade se coloca por inteiro diante de ti — e compreendes em toda a sua dimensão o significado da palavra preso.

## Um amigo

TUA MULHER te contou:

tinhas sido preso há pouco. Eu ainda não havia sido presa. Era uma noite escura. Em torno de 9 horas. Silêncio absoluto. As crianças já dormiam. Eu lia na cama. Lutava para me concentrar na leitura. De repente ouço passos perto da casa. Tiro os olhos do livro, presto atenção. Os passos somem. Será que me enganara, imaginando coisas? Procurei voltar ao livro. Difícil, por mais que fizesse para me acalmar. A tensão daqueles dias, interna e externa, persistia. Podia senti-la no ar que respirava. Agora não eram mais passos, mas um bater fraco na porta da frente. Pequena pausa e voltam a bater com um pouco mais de força. Me levantei, acendi a luz do corredor, desci as escadas, acendi a luz da sala, cheguei perto da porta, perguntei, quem é? Uma voz baixa respondeu, sou eu, Pedro. Estranhei a voz, seria o Pedro, meu colega no Instituto Estadual de Educação? Não parecia. Que nova notícia (má por certo) viria numa hora destas? Instintivamente abri a porta. Alto e magro, não reconheci logo o vulto que se destacava na escuridão, parado na entrada, à espera que o convidasse. Pedi, posso entrar, não me reconheces, não? Tomei um susto, misto de alegria e apreensão. Respondi, entra, vamos, pra que eu feche logo esta porta, mas que surpresa, estás sozinho, e tua mulher, que que fazes por aqui, nem podia sonhar, perigoso apareceres num momentos destes. E ele,

ressabiado, como se estivesse sendo seguido ou alguém pudesse nos ouvir, estou fugindo, nem sei como consegui escapar do Rio, quero ver se teu marido pode me ajudar, me esconder uns tempos, ele ainda trabalha no palácio do governo, não é? Suspirei, fechei a porta, nos abraçamos, perguntei de novo pela Annie antes de responder, queria escolher as palavras, impossível, Pedro, certamente não tinhas como saber, meu marido foi preso logo no dia 2. Ele estacou sem fala, pasmo, consternado, desnorteado, indeciso. Não sabia que atitude tomar, sacola na mão, única coisa que conseguira resgatar na pressa da fuga. Olhou para a porta, perguntou, o que é que vou fazer agora? Balancei a cabeça, tentei sorrir, respondi, melhor, o que é que vamos fazer? Ele riu também. Fiz um sinal, por enquanto senta, vamos conversar, pensar numa saída — se bem que é um risco ficares aqui. Reconsiderarei: esta noite é improvável (não impossível) que a polícia dê uma batida. Até amanhã encontramos um jeito. Pedro sentou, começamos a conversar. Procurávamos ambos maneira de relaxar um pouco. Foi uma conversa longa, que nos ajudou a descontraír. Pedro puxou pelos velhos tempos, a aventura do Grupo Sul, de que ele participou desde o início, os estragos feitos na pasmaceira da cidadezinha tão gostosa mas tão provinciana. Eu lembrei a ida dele para o Rio, continuar os estudos, depois para a França, onde fez doutorado, nesse tempo todo nunca perdemos contato, a volta ao Brasil. Pedro engrena, sim, voltei casado com uma francesa, cheio de sonhos, achei que com o doutorado seria fácil encontrar emprego, a luta inglória por um lugar na minha área de especialização ou em outra assemelhada. E a opção final, começa

ele, para retificar, não-não, nem optei, melhor dito acabei aceitando, e me dei por muito feliz, um trabalho na Agência de Notícias Nova China, que recém se instalara no Rio. Pedro diz que fazia um pouco de tudo, ao mesmo tempo relações públicas, assessoria, tradução, redação, contatos com a imprensa — e agora, por não conseguir trabalhar no que queria, aceitando o que me apareceu, acabei um fugitivo. E eu lhe respondi, também aqui não foi muito diferente, só que em lugar da fuga, a prisão; resquícios de nossas lutas literárias deixaram marcas — e mágoas — profundas até hoje, algumas pessoas aproveitando o momento para denunciá-lo; além disso o fato da livraria Anita Garibaldi (que por sinal foi incendiada) ter sido de meu marido e uma livraria alternativa que vendia de tudo, inclusive os chamados ‘livros subversivos’, e ponto de encontro, contribuiu para que nos víssemos na situação atual. Temo que estejam atrás dos livros aqui de casa. Lá na livraria não empunharam como perigosa uma história do cubismo, berrando que era livro sobre a Cuba do ditador Fidel Castro?... Procurei explicar ao Pedro o clima de inquietação e desconfiança que rondava a cidade, as prisões cheias, meu afastamento do Instituto Estadual de Educação; ele me contou do pavor certamente muito maior no Rio, as batidas dia e noite, não pôde deixar de sorrir ao dizer, nem meu parente general ligado aos golpistas conseguiu dar um jeito na minha situação, recomendou que eu me escondesse por uns tempos até a barra clarear, mas longe do Rio. Naquele momento nenhum de nós dois podia imaginar que ia demorar muito até a barra clarear. Nem que, não tendo encontrado Pedro em sua casa de Santa Teresa, vasculharam as ime-

dições e acabaram levando preso em lugar dele seu pai, bancário que nunca (ou quase nunca) se preocupara com política. Perguntei, como conseguiste sair? E Pedro: até que foi fácil, me compraram uma passagem de ônibus, fiquei matutando pra onde ir, tive um estalo vieirino que me aconselhou, seu tanso vai pra Florianópolis, lá cidade pequena tudo deve estar calmo — donde se conclui que até os estalos de Vieira podem falhar, estou vendo que tanso fui eu em acatar o conselho. E a viagem, indago. Pedro confirma que foi tranquila. No ônibus, lotado, os passageiros vinham quietos, mal se olhavam — e ele se interrogava se os demais seriam, também, fugitivos. Não teve coragem de perguntar a nenhum deles. Desceu na rodoviária, pegou um táxi, deu um endereço próximo à nossa casa, pelas dúvidas, não custava nada se prevenir. Antes de irmos dormir combinamos que, bem cedo, no outro dia, eu iria até a casa de um parente do Pedro, explicar a situação em busca de uma saída. Na manhã seguinte as crianças rodearam Pedro, queriam saber o que fazia ali, de onde viera, não queriam ir à escola. Depois que consegui despachá-las avisei a empregada que Pedro era um parente de minha mãe, viera visitá-la, sem saber que ela não se encontrava em Florianópolis. Preveni, não debes comentar com ninguém a presença dele aqui. Saí, fui à casa do primo de Pedro, que morava perto. Estudamos a solução mais viável naquela emergência. Urgente era retirá-lo da ilha, enquanto todas as saídas não se fechassem. De avião nem pensar. A ponte Hercílio Luz fora bloqueada, passageiros eram vistoriados. Ele chegara no dia anterior de ônibus, estranho já no outro dia ir embora. Sugeri que atravessasse a baía de lancha, ou baleeira.

Achou válido, tinha uns conhecidos de confiança, ficou de examinar a possibilidade, mais tarde, naquele mesmo dia, me daria resposta. Qual seria o rumo de Pedro? Para o sul do país? Fácil alcançar a fronteira com a Argentina, o Uruguai, o Paraguai. Só que não conhecia ninguém, não tinha recursos. Voltando para o Rio poderia buscar asilo numa embaixada. Todos concordamos em que a saída era mesmo por mar, demoraria uns dias até que as forças de segurança fossem alertadas para aquela porta de fuga. À tardinha recebi o aviso. Tudo acertado. Combinou-se que na manhã seguinte Pedro seria apanhado em frente ao hospital Nereu Ramos, no bairro da Agrônômica, perto da nossa casa, da casa dos parentes dele e do palácio residencial do governador. Cedinho, como quem sai para um passeio com os filhos ou sobrinhos, lá vai Pedro tendo em cada lado uma das crianças. Bem mais tarde, ambas, um menino e uma menina, iriam se jactar de ter ajudado um amigo do pai e da mãe a fugir da polícia. Naquele dia só respirei ao receber a notícia de que tudo dera certo. No local determinado estavam as pessoas que iriam fazer a travessia. Que foi tranquila. No outro lado, um carro com motorista já estava pronto, esperando. O destino, primeira parada, era a praia de Itapema.

Tempos depois é que tua mulher e tu foram ter a conclusão da história:

Pedro ficou uns dois meses em Itapema. Ali Annie foi visitá-lo, informar as tratativas que estavam sendo feitas para conseguir o asilo. A continuação da viagem até o Rio foi mais demorada, em todo o país o cerco se fechava. Ele só foi se sentir seguro de verdade ao se ver na embai-

xada do México. Mais ainda, após o voo, ao desembarcar em solo mexicano. Lá não se demorou. Logo voou para a França. Em pouco tempo a mulher ia ao encontro dele. Para confirmar que ele saíra na hora certa, os tempos se tornavam a cada dia, a cada semana mais difíceis, a reação aumentava, verdadeiras caçadas. Não só a casa deles; toda a vizinhança em Santa Teresa foi vasculhada, pessoas interrogadas com rigor, fossem ou não das relações do Pedro. Começara o período das torturas, do sumiço de presos. Insistiam, queriam saber qual o esconderijo, onde se homiziara aquele elemento superperigoso que trabalhava para os comunistas chineses. Nem o parente general, ligado aos homens de 64, conseguiu lhes aplacar a ira. Só com a abertura Pedro pôde retornar ao Brasil, rever parentes e amigos. Mas já se integrara à vida na França, filhos crescendo adaptados aos hábitos e costumes do país, Annie e ele tendo conseguido o que fora impossível conseguir aqui: ambos lecionavam na Sorbonne. Mesmo que pensassem em voltar, que possibilidades se abriam para eles? Claro que sentiam-sentem saudades da terra, de parentes, dos amigos. Mas na França permanecem, sem planos de retornar ao Brasil.

## A fogueira

RUBRAS as chamas balouçam, fagulhas explodem, batida pela aragem a negra fumaça se eleva, lambe folhas de arbustos, pessoas assustadas recuam, olhares pasmos diante do que ocorre. Centenas de livros dos mais variados gêneros e procedências, tendências e colorações continuam chegando, são atirados à fogueira. Ainda se pode entrever: lado a lado ali estão, folhas se confundindo-consumindo, *O capital* de Karl Marx e *A capital* do Eça de Queirós, *O vermelho e o negro* de Stendhal e *Seara vermelha* do Jorge Amado, *O alienista* de Machado de Assis e *Memórias do cárcere* do Graciliano Ramos, *O príncipe* de Maquiavel e *Pinocchio* do Collodi, todos sem dúvida subversivos. Faz pouco a porta da livraria foi arrombada. Com furor e ódio, aos berros de fogo-fogo, os livros vão sendo arrancados das prateleiras da livraria Anita Garibaldi — nome também altamente subversivo. Poucos passos até aquela esquina entre a rua Conselheiro Mafra e a praça XV de Novembro, pleno centro de Florianópolis, e os volumes vêm alimentar a fogueira. Circulando em torno dela, os incendiários trocam palavras de ordem, comandam, provocam, açam, buscam incentivar os que ali se detêm para que participem, vamos, ajudem a trazer mais livros. Atraídos pelas chamas, pela fumaça, pelos estalidos, por gritos e acenos constantes de andem, carreguem, joguem tudo no fogo, rápido, não deve sobrar nada deste lixo imundo. Liderados por meia dúzia, são em torno de

vinte. O número de curiosos aumenta. Alguns observam indiferentes, sem compreender direito o que ocorre; outros, indignados, sentem-se impotentes diante do que estão presenciando. Raros esboçam um gesto de repulsa, mas são contidos diante da fúria demonstrada. É um espetáculo insano, macabro. Quietos, deprimidos, sem qualquer possibilidade de ação, limitam-se a um tímido protesto sussurrado para um amigo, se interrogam, como teria surgido a ideia. Nunca saberão ao certo. O incêndio é num anoitecer qualquer logo após o Primeiro de Abril de 1964, mas o projeto já devia há muito estar latente, à espera do momento propício para eclodir, previamente combinado entre os que agora se curvam reverentes diante da pira sagrada, ajudando a alimentá-la. Devem compor o bando pessoas que, com toda certeza, não podem conviver com a livre manifestação de pensamento, com o debate franco das ideias, com a divergência, a diversidade, a pluralidade. Daí não terem como aceitar aquele reducto onde jornalistas, professores, operários, estudantes, funcionários públicos, comerciários, escritores, enfim, todos os que se interessavam pelo livro e por cultura se reuniam nos finais de tarde, vinham olhar as novidades recém-chegadas de editoras brasileiras ou dos distribuidores estrangeiros, comprar jornais e revistas, encomendar um título lançado há pouco. Da livraria, sempre discutindo, provocativos, comentando o momento político, a carestia, as crises institucionais, a vida alheia, o último livro lido, a derradeira reportagem, dirigiam-se ao Miramar para uma cervejinha gelada.

No alojamento, através de canais invisíveis, boatos de toda ordem pululam. Embora vagos e inconsisten-

tes, é por eles que se vai saber do incêndio da livraria. Os presos continuam incomunicáveis, porém há sempre um soldado mais amigo, outro mais falastrão. É um novo preso que confirma a notícia. E acrescenta: teu nome era repetido, gritado, xingado pelos cabeças do movimento incendiário. Pouco lhes importava que a livraria não fosse mais tua, houvesse sido vendida cinco anos antes, em 1959. Incrédulo te questionas, interrogas teus companheiros, será mesmo por tal motivo que a fogueira foi erigida? Não, impossível! Teu nome é mera desculpa, muito embora tanto ou mais do que pelo nome verdadeiro ela continuasse sendo conhecida como a tua livraria. E tu continuavas indo lá com frequência, ponto de encontro da turma saída do trabalho e desejosa de um papo descontraído ou examinar uma novidade editorial. Constatas: ser ou não ser tua era para eles fator de somenos importância, mero detalhe. Precisariam de uma desculpa? Nem isto! O incêndio estava decidido, programado, consciente ou inconscientemente, fazia parte de um esquema. Era uma estratégia a mais, no sentido de mostrar que não estavam para brincadeira, iam levar tudo adiante a ferro e fogo. Tens um momento de alucinação. Não estás mais entre os presos, no alojamento. Por um esforço mental, pelo poder da imaginação, retrocedes no tempo e te situas entre os que assistem à fogueira. Como reagirias se lá estivesses? Não tens certeza. Ou não queres tê-la. Ouvir teu nome berrado, ver livros serem atirados às chamas. O que apavora é o ato de vandalismo que se consuma, é a queima, quaisquer que fossem os donos, quaisquer que fossem os livros. O preso que relata o episódio não tem maiores informações, soube por ouvir dizer. Não importa. Em tua

imaginação o ritual prossegue com selvageria. Enquanto as labaredas dançam e as fagulhas explodem atingindo assistentes mais próximos, novos livros vão chegando, são atirados às chamas vorazes, alimentando-as. De que maneira começou o fogo? O preso não sabe. Com um pouco de álcool? Gasolina? Papel aceso por fósforo ou isqueiro? Saber pra quê? Agora o vento que vem do mar começa a soprar mais forte, não é mais a simples aragem de inda há pouco, lambe o fogaréu, atíça as chamas empurrando-as para os lados e para cima, compacta a fumaça sobe chamuscando folhas que se contorcem, acompanhando o contorcer-gemer das folhas dos livros. Com um crepitar dolorido fundem-se e se contrapõem textos diversos no debate das ideias, obras distantes no tempo e no espaço de elaboração, ensaios, ficção, poesia, relatos de viagem, obras didáticas, poemas de Cruz e Sousa, *Satiricon* de Petrônio, compêndio de economia do Caio Prado Júnior, *Correspondance — supplément* de Flaubert, *Minhas universidades* de Máximo Gorki, *Retour de la URSS* de André Gide, *O livro dos médiuns* de Allan Kardec, *Alcorão*, *Cine francês* de Manuel Villegas Lopez, *Pintura quase sempre* de Sérgio Milliet, e tantos outros subversivíssimos. Quanto tempo terá durado o incêndio?, voltas a te interrogar, caminhando de um lado para o outro do alojamento. Pouco interessa o tempo físico, minutos, horas, dias. Para ti, para tantos mais, as chamas não se extinguíram, não irão acabar jamais. Jamais! É uma vergonhosa mancha a marcar indelevelmente aquele dia, aquela hora, aquele momento de trevas. Interessa registrar o fato concreto: ali se estava cometendo um crime contra a liberdade de expressão, de circulação de ideias,

um crime contra a cultura, um crime contra o direito do cidadão escolher o que deseja ler ou o que quer pensar e de que maneira lhe agrada agir, atuar, indo seu direito de liberdade até a liberdade do outro. Sorris diante da frase assim formulada. Procuras relaxar. Mas a fogueira não te larga, caminhas com ela, comes com ela, sonhas com ela, tens pesadelos com ela, os incendiários, lanças flamejantes em riste, livros espetados que nem churrasco dançam uma dança macabra, te cercam e te atiram brasas de livros que te atingem todo o corpo. Adiante, já saído da prisão, procuras te informar mais — e tomas conhecimento de outra possível faceta daquele deprimente episódio que dividiu em duas partes a história de uma cidade tranquila e acolhedora. Embora nunca comprovado, os indícios de veracidade eram veementes. Ao mesmo tempo em que o fogo consumia a maioria do estoque de livros, alguns dicionários, enciclopédias, obras de arte, luxuosos álbuns de artistas plásticos com reproduções em cores eram carregados. Seria por alguns dos próprios incendiários ou por aproveitadores? O mesmo teria ocorrido com o dinheiro que se encontrava na caixa, com discos e cópias de filmes. Não foi um episódio isolado. A violência recrudescia, novos e lamentáveis incidentes vinham ocorrendo em todo o país. A mesma náusea, a mesma mágoa de quando soubeste da fogueira volta a te dominar. Encostado à janela do alojamento, observas o movimento da rua, o murmúrio de teus companheiros. Calado, infeliz, te percebes prostrado, vazio por dentro, uma dor lancinante sem localização precisa te tomando todo o corpo. Sentes, ao mesmo tempo, raiva e dó pelos que haviam proporcionado tão deprimente espetáculo. Outra vez te

esforças. Numa espécie inexplicável de masoquismo que-  
res participar da cena, não só visualizá-la, enxergar o ce-  
nário onde tudo ocorreu. Ali está: livros se amontoando,  
chamas se alteiam, pessoas pasmas e indefesas observan-  
do, vândalos rindo, se apertando as mãos, gritando histó-  
ricos. Mais tarde, local vazio, as chamas se extinguindo,  
cinzas se amontoando, boa parte permanecendo ali até a  
manhã seguinte, sendo lentamente carregadas pelo ven-  
to, o velho vento vagabundo de Cruz e Sousa, a notícia do  
crime retransmitida de boca em boca em meio ao terror,  
de vento em vento levada para longe. Será mesmo que os  
infelizes acreditavam que a força do fogo seria suficiente  
para extirpar a força das ideias? Em nenhum momento,  
em nenhum deles terá perpassado a sombra de uma frase  
de Galileu, *eppur si muove*? Mas no caso presente a mais  
correta interpretação sobre o significado de tudo aquilo  
podia ser sintetizada nas poucas palavras do padre Braun,  
do Colégio Catarinense, que não tinha como ser tachado  
de comunista, esquerdista, subversivo, ateu etc., ao decla-  
rar na manhã seguinte, quando se deparou com o monte  
de cinzas: “Meu Deus do céu, será que estou voltando à  
Alemanha de Hitler?”

## Passeio

NO ALOJAMENTO só o descompassado ressonar dos presos. Teu sono é intranquilo, com sonhos que não afloram mas te angustiam. Na maioria das vezes despertas banhado em suor, sem deles te lembrares com nitidez. Em vão te esforças, o que te deixa uma inexplicável sensação de pavor. Ou acordas sem acordar, te debates na cama, acreditando que tu, e não os livros, crepitas na fogueira. Quase três horas da madrugada. Semiacordas com uma ponta de fuzil te cutucando. Entreabres os olhos. Acima de ti um vulto debruçado. Esfregas os olhos com os dedos, te viras-reviras, o fuzil volta a te cutucar nos braços, nas costas, nas pernas, na cabeça. Sussurrante, uma voz dura e sem modulação manda em tom quase inaudível, vamos-vamos-anda. Na escuridão do alojamento, um fiapo de luz vindo de fora, do poste na rua em frente ao quartel, se infiltra, escorre, insuficiente para que reconheças o vulto, impede que percebas o rosto, só entrevês as botas, a farda. Presos se mexem nas camas, alguns semierguem-se atentos, querem dar a entender que estão vendo o que ocorre, embora pouco ou nada de concreto possam fazer, só um quase inútil protesto. Sempre é um alerta. Amanhã, caso não retornes, irão comunicar no comando. De novo, mais dura e incisiva a voz insiste, vamos-vamos-anda-logo-se-apressa. Estremunhado queres saber para onde, para quê, não obténs resposta, comesas a te levantar, procuras a cueca, a camisa, a calça, as sandálias,

te vestes, voltas a indagar bem alto pra onde vamos, ouves um resmungante não-interessa, há um movimento de presos que não se concretiza, na saída um civil também armado te aguarda. Tu entre eles, vocês descem os poucos degraus, o civil diz um podem-levá-lo, percebes que não é gente da cidade, da terra, o modular da voz o denuncia, perto dali um jipe, na direção outro soldado, sentas no banco de trás ao lado do que te conduziu, o jipe arranca, de novo perguntas pra onde me levam tenho o direito de saber, pergunta que não tem resposta, o silêncio envolve vocês, envolve o quartel, envolve a cidade, envolve a noite. Em frente ao portão o jipe para, o motorista faz um sinalzinho convencionado ao vigia, o portão é aberto, o jipe arranca, toma à direita, pouco adiante entra na avenida Rio Branco, à esquerda, perto, a casa de teu pai, te vem à mente o anoitecer quando saído do trabalho passavas ali, encontravas teus irmãos, tuas irmãs, algumas vezes tua mulher vinha te esperar, noutras teus filhos, a lembrança dói, machuca. Teu pai adora um papo, quer saber como decorreu o dia, logo se perde em reminiscências, enfronha-se naquele Líbano tão presente para ele, não adianta explicar que o Líbano que ele deixou em 1927 é memória perdida no tempo, fala das macieiras em flor, das oliveiras, da infância dura, de como conhecera tua mãe, morta relativamente jovem, da viagem para o Brasil, os imprevistos em Marselha, dos meses no Rio em casa de uma irmã, da vinda para Santa Catarina a fim de encontrar uns primos e assuntar, daqui nunca mais saindo. E repetia *maktub*. Estava escrito. Vocês discutiam, no teu ceticismo brincavas que *maktub* que nada! E agora? Será que também estava escrito? *Maktub!* É uma noite

escura, imóvel, sem vento, sem luar, raras estrelas, escassa iluminação pública nos poucos postes elétricos. Ninguém na rua, ninguém nas ruas que o jipe vai atravessando, som algum nas casas que parecem mortas, o vazio intimidado, o silêncio só é interrompido pelo ruído do motor, o jipe dá voltas, entra e sai de ruas, atravessa becos, a intenção é te confundir, desnortear, qual a finalidade não intuis, ou não queres intuir, agora vocês se encontram em frente ao Colégio Catarinense, onde estudaste uns tempos, te lembrás das aulas, das partidas de futebol, de colegas, das discussões na sala e no recreio, do professor de matemática dizendo para os alunos do curso clássico vocês não necessitam se esforçar nesta matéria, onde já se viu matemática para o curso clássico, das tuas dificuldades desde pequeno com o diabo da matemática, nem o professor Aníbal Nunes Pires, no futuro próximo teu grande amigo e companheiro de lutas literárias, excelente mestre em tantas áreas do saber, te conseguiu livrar na segunda época, passou a repetir foste uma das minhas frustrações. De novo tentas quebrar o silêncio com mais um pra onde me levam afinal de contas? Em vão. O som de tua voz se perde, o soldado maneja o jipe, numa brusca manobra vai em direção à margem da praia, o outro empunha o fuzil, te olha com indiferença-menoscabo, agora escutas com nitidez o marulhar, estás perto do mar, macio rumor das ondas morrendo na areia, o tão excitante odor a maresia-esperma. Até ali, muito embora as voltas e contravoltas, as idas e vindas, as curvas, o escuro que tudo encobre, tens conseguido te orientar, reconheces lugares, ruas, casas ainda que mal e mal entrevistas, perto da praia o bar onde ias com frequência tomar umas cer-

vejas, saber se tinha butiá na cachaça, conversar intermináveis conversas com amigos e conhecidos, ouvir histórias de pescadores. Naquela praia vinhas também namorar, te sentavas na areia ainda quentinha com um restinho do calor do sol ao lado da tua agora mulher, a maré, branco da espuma sobressaindo na noite, lambia os pés de vocês numa carícia doce. O jipe prossegue. Sempre beirando a praia se encaminha em direção à ponte Hercílio Luz, de longe já podes entrever a estrutura metálica se erguendo contra o céu e se fundindo ao negror quase palpável. Começa a travessia da ponte. Só aí uma voz se faz ouvir, de quem matuta, o motorista, bom-lugar-para-se-mergulhar-um-corpo. Segue-se um ‘psiu’ acompanhado de riso, como se os dois estivessem sozinhos ou se aquilo não pudesse ser dito. Outra vez o silêncio. Depois, o que está a teu lado diz ouvi-uns-boatos. O motorista ri, resmunga tu-não-me-pediu-psiu-e-agora... Outra vez o silêncio. Teriam recebido orientação para agir assim? Ou querem te assustar mais do que já estás assustado. O temor que vinha se insinuando solerte, que procuravas afastar, se instala, se manifesta, te toma todo o corpo, sobe-desce pela espinha, sentes frio, um frio diferente que não é da leve aragem nesta noite outoniça, mas um frio de dentro de ti, do mais profundo das entranhas, a mente um turbilhão, não consegues, como há pouco, te refugiar no passado, pensamentos não se completam nem compõem, fogem, tu vagas, flutuas — até que és chamado de volta à realidade com a pergunta quase gritada que te atravessa como um fino estilete, será-que-alguém-sabe-a-altura-exata-da-ponte-até-o-mar-e-o-impacto-de-um-corpo-na-água? Qual dos dois praças terá feito a pergun-

ta que fica boiando sem resposta, te acompanhando. A ponte já ficou para trás, vocês começam a atravessar o Estreito, parte continental da capital, o jipe ganha velocidade, o tempo estacionou, não há velocidade que o ultrapasse, impossível medi-lo, ter-se-ão passado segundos, minutos, horas, dias, meses, anos, séculos? Agora vocês se aproximam de Biguaçu, entram, te recuperas em parte, à tua direita o Grupo Escolar Professor José Brasilício de Souza, onde estudaste. Sem transição, num ápice, estás na sala de aula, a professora dona Alayde te olha, olha para os alunos, te aponta um dedo, se vira para os demais e diz, vejam só, é um turco, chegou ontem aqui, mal sabia algumas palavras de português misturadas com árabe e alemão, hoje já sabe mais da nossa língua do que vocês, vocês não têm vergonha, e tu, ainda hoje em dúvida, seria por timidez ou por aquele ‘turco’ que tua família detesta, vocês são libaneses, não turcos, desabas num choro que custa a passar para espanto da professora. Procuras reter o choro, não queres que os praças te vejam assim, o jipe está na pracinha da igreja matriz onde o grupo de moleques, tu entre eles, vem espiar as meninas em flor, não demora estás em frente à livraria do J. M., o cego, ficavas horas e horas ali lendo, ânsia de saber de ambos, não tinhas recursos para comprar livros, vais devorando tudo sem possibilidade de escolha, passas de *Buridan, ou os mistérios da torre de Neslé* de Michel Zevaco a *As dores do mundo* de Arthur Schopenhauer, de *A ilustre casa de Ramires* do Eça de Queirós a *A ilha do tesouro* de Robert Louis Stevenson, misturas *O alienista* e *Dom Casmurro* do Machado de Assis a *O tronco do ipê* do José de Alencar, *O monge de Cister* de Alexandre Herculano a *O livro*

*dos snobs* de Thackeray. Tantos mais. Qual o motivo desta inopinada invasão de teu mundo particular tão longínquo? Como saber? Queres retornar ao presente, ouvir o que os dois homens conversam — ou escutar o silêncio tão revelador. Mas a memória é mais forte, elide o medo, afasta o pavor que te cerca. Outra vez és puxado para o ontem, para o passado, te revês ouvindo os saborosos causos do preto velho Tio Adão, que tanto te marcou, a recriação das lendas das *Mil e uma noites* reelaboradas por teus pais, que influenciaram tua literatura, és Simbad, queres te perder no mar-oceano. Um salto no tempo. Adolescente, jogas bola no campinho do ‘seu’ Lúcio Born, nadas ou mergulhas da ponte nas águas calmas do rio Biguaçu que num repente se tornam indomáveis tudo tomando, passeias de canoa pela rua principal e única, vais até o bar-bilhar, a bola corre, bordeja a caçapa, entra-não-entra. O jipe dá uma brecada, és projetado para diante, não tens tempo de observar teus amigos rindo nem se a bola entrou. O jipe contorna outra vez a pracinha, acelera, parece dirigir-se a São Miguel, há uma fusão e a minúscula ponte sobre o rio Biguaçu se transforma na ponte Hercílio Luz. O motorista acaba de rasgar o silêncio, bem-que-a-gente-podia-levar-ele-logo-para-Fortaleza-de-Anhatomirim, o praça que está a teu lado retruca sim-sim-não-é-má-ideia-a-gente-logo-se-livrava-de-mais-um, ambos calam, meditam, o que está a teu lado continua, era-mais-fácil-do-que-voltar-né, o motorista concorda com um aceno de cabeça e insiste, a-gente-se-livrava-de-mais-um-sim, agora se animam, repetem com ênfase o mais-um, dialogam como se estivessem a sós, és uma peça na engrenagem, mero número, para os dois tu não estás ali,

ou podes estar, pouco importa, melhor até que estejas ouvindo, a conversa se anima-prossegue como se quisessem recuperar o tempo perdido, em que permaneceram calados, comentam as múltiplas prisões, a trabalhadeira filha da puta, as caçadas pela cidade, as noites maldormidas, por causa destes malditos comunas e sequazes pouco veem a família, um diz meu-filhinho-donem-consegui-cuidar-dele, a voz se adoça, o outro fala nas buscas pelos morros de Florianópolis, os esconderijos descobertos, a vigilância na ponte Hercílio Luz e nas praias, um mundo de praias, alguns subversivos nos primeiros dias conseguiram escapar de baleeira. Fazem pequena pausa, retornam noutra diapasão, querem calcular o que pode estar acontecendo nos grandes centros, Rio, São Paulo, Porto Alegre, Recife, Belo Horizonte, Salvador, um indaga, tu-ouveu-falar-na-caçada-lá-no-Rio-atrás-do-Prestes, e o outro, aquele-civil-me-disse-que-lá-a-coisa-é-pra-valer-não-a-moleza-daqui-tem-até-gentemorrendo-em-Recife-arrastaram-um-cabeça-às-bordoadas-pelas-ruas. O jipe acabou mais uma vez de atravessar a ponte sobre o rio Biguaçu, ah, como era bom mergulhar lá do alto, gostoso fender a água fria, nadar para a margem em vigorosas braçadas, gozar os que temiam o mergulho — e tu, não temias, não temes agora, seria bom poder escapar, temes-tremes. Na direção de São Miguel, mais um pouco Tijuquinhas, depois um desvio e o caminho para Ganchos, pouco antes o acesso por mar até a Fortaleza de Anhatomirim, lugar temido, de lendas e fantasias, cenário macabro de tantos crimes na época de Moreira César, os fuzilamentos, os enforcamentos, a árvore dos enforcados que periodicamente chora compridas lá-

grimas. Será que...? Não! O jipe dá meia-volta, mais compacto o silêncio retorna, como se os dois se tivessem cansado, esgotado o assunto. Não notas que o jipe retorna, estás longe, mergulhado em ti mesmo. Quando te dá conta o jipe começa outra vez a atravessar a ponte Hercílio Luz, atinge o Mercado Público, algumas baleeiras atracadas, imaginas que logo com a chegada de mais frio a cidade vai ficar infestada com o cheiro de tainha, a sensação de degustar uma ova de tainha frita te traz água à boca, o jipe começa a contornar a praça XV, impávida a velha figueira te acompanha por onde quer que circules, parece caminhar ela, não tu, ali, lugar predileto dos notívagos e boêmios. E de tudo que se passa nas longas noites uma coisa tens presente com precisão, começa a provocar estragos: o *figueirón* e as listas que aumentavam e diminuíam, brincadeira meio sem graça mas que contagiava todos vocês, invenção do Mário Moraes ou do Senador vitalício. Quanto tempo mais se passa até que ouças outra vez a voz do motorista, voz ensonada, perguntar ao que está a teu lado sempre vigilante, sabes-a-última, e a resposta em voz por igual ensonada, que-última, e o primeiro ora-que-última-comenta-se-que-alguns-dos-comunas-subversivos-já-foram-despachados-pro-Rio-lá-sim-vão-saber-o-que-é-bom-para-tosse, um breve silêncio, logo, ainda-aquele-outro-dia-na-palestra-o-oficial-de-fora-explicou-para-gente-como-o-país-estava-numa-bagunça-de-dar-dó-era-preciso-um-jeito-os-militares-foram-obrigados-a-intervir-para-salvar-as-instituições, te olham, esperam que digas algo, prestas atenção mas não interferes, os dois engrenam numa nova discussão, o que se devia fazer e o que não se devia fazer com os detidos, não

chegam a um acordo, seria intencional tudo aquilo para te apavorar ou outra vez te esqueceram? O jipe continua rolando, sobe morro desce morro, contorna ruas, atravessa praças, vara becos, sabes não sabes onde estás, as muitas voltas te confundem, sentes uma dormência nos braços, pernas bambas, a cabeça estala, o coração lateja. E de repente eis de novo a praça XV, a figueira, o jipe contorna a catedral, estaciona em frente ao prédio onde se encontra a secretaria de Segurança, no outro lado o palácio do governo, ali trabalhaste nos três últimos anos. Ouves um irritado desça-desça. Desces — e entre os dois te encaminhas para o elevador, chegas à antessala do secretário, um dos guardas bate na porta, um civil atende, balança a cabeça sem falar, como se já estivesse à espera, faz leve sinal que teus companheiros compreendem, fecha a porta, mais tempo decorre, outro civil se entremostra, com surpresa o reconheces, havia trabalhado contigo na Agência Nacional, sempre perguntão, investigativo, intrometido, não imaginavas que ele tinha qualquer vínculo com a polícia, ingênuo nem sabes o que pensavas diante da insistência dele, agora também ele parece se surpreender, ou não, mal entreabre a porta, te olha, volta a fechá-la, fingindo não te ver ou não esperar te ver ali. Quem sabe não queria ser visto por ti! Quem sabe foi mandado de propósito! Outra vez só, outra vez o silêncio que se fecha te ilhando. Mais tempo decorre. Reaparece o primeiro civil, diz aos guardas vocês fiquem mais um pouco tomando conta dele, o secretário quer ouvi-lo pessoalmente mas ainda está interrogando outro, é uma trabalhadeira do diabo, não se tem um minuto de descanso, dia e noite, paciência, logo ele será chamado. O ‘ele’ és tu.

Bocejadas, cochiladas, os guardas demonstram desagrado, te olham com indisfarçada hostilidade, redobrado rancor, te culpam pela noite indormida, pelas noites perdidas, tu passas a representar todos os subversivos, quanto tempo ainda terão que permanecer ali, continuar vigiando? Bruscamente a porta é aberta, sem te olhar, te ignorando como se não estivesses ali, a voz ordena levem ele de volta pro quartel, o dr. Jade Magalhães não poderá ouvir ele hoje, oportunamente, outra data para o interrogatório será marcada, comuniquem ao responsável. Não tens mais nome, nem 'o detido' és mais. Agora és 'ele'. Entre os dois voltas ao elevador, tomam o jipe, que é ligado, ronca, parte em direção ao quartel ali perto, poderiam mesmo ter vindo a pé. O amanhecer se anuncia, um lívido amanhecer. Terás permanecido duas/três/quatro horas neste pesadelo? Não sabes. Preferes não saber. Chegas ao quartel, és recambiado ao alojamento, vais para teu canto, o 'quarto' conforme ficou convencionalizado chamá-lo entre os presos. Estranhas. Eles já começam a levantar, se mexem, correm, forma-se a fila diante do banheiro. Te olham como se houvesse ressurgido do túmulo, os mais afoitos te abraçam. Também te olhas, te apalpas. Inteiro sim, por fora. E por dentro? Medo, frio, angústia. Agora tremes de bater queixo. Não queres. Resistir de que maneira a este pavor que te assalta? Pensas, vai ver foi um pesadelo, vou sair já dele, acabei de acordar. Não! Escandindo as sílabas, em teu ouvido ainda ressoam a voz e as palavras ditas de forma pausada e sem entonação, levem-ele-de-volta-para-o-quartel-o-doutor-Jade-Magalhães-não-vai-poder-ouvir-ele-hoje... O final se perde. É que chegou a hora de outra voz, também sem modulação, ajuntar, bom-lugar-para-se-mergulhar-um-corpo...

## Mário e o *figueirón*

OLHA QUE VAIS PRO *FIGUEIRÓN*. Aquele vai pro *figueirón*.

A expressão, com sua variante, tornara-se corriqueira, espécie de marca registrada de notívagos e boêmios. Não só entre eles, embora inventada numa descontraída conversa de fim de noite, depois de muita bebida. Em pouco ultrapassara as dimensões da figueira, ressoara pelas imediações, espalhara-se pela cidade, era repetida, glosada. Alguém queria reclamar de um amigo ou xingar um desafeto e lá vinha, olha que vais pro *figueirón*, aquele não escapa do *figueirón*. Madrugada. Fechados bares e cafés, encharcados de álcool e discussão, um pequeno grupo tinha destino certo, antes de cada qual se dirigir para sua casa. Última parada, vamos assinar o ponto, era a figueira da praça XV. O grupo, restrito, não variava muito, formara uma confraria, clube de maledicentes que passava em revista a vida na terrinha, no estado, no país. Reclamava-se de um sócio quando ele, sem justificativa plausível, não aparecia. Mas aceitavam-se também os frequentadores instáveis, existiam mesmo os alternativos e os esporádicos, que de raro em raro se juntavam à turma. A centenária figueira, partícipe de maior parte da história da cidade, que resistira até à fúria destrutória de um prefeito, a todos acolhia, abrigando-os da canícula ou do sereno, do vento ou da chuva. *Figueirón!* Quem teria imaginado a palavra e criado a brincadeira que já compunha o anedotário da cidade, uma cidade de povo irreverente

que antes dos outros, numa defesa prévia, adorava se criticar, que tinha como praxe os apelidos, a sátira, usando do bom humor para enfrentar os problemas, a chatice da vida provinciana. Não havia certeza. Alguns afirmavam ser do Mário Moraes. Talvez. Outros se inclinavam pela autoria do Senador vitalício, líder incontestado, unanimidade indiscutível naquele meio. Até a menos votados se atribuía a versão nativa de uma palavra da Revolução Cubana que, a partir de 1959, passara a circular em todo o mundo. No caso predominava a preferência pela autoria do Senador. Sim, movia-se a cabeça concordativamente, bem podia ser dele, tinha que ser dele, só podia ser dele, incansável em suas tiradas críticas, gozador gozando tudo e todos, gozando-se a si próprio. Relembrava-se sempre, entre tantas, a história do ‘cupim comeu’. O governador do estado, de quem o Senador era amigo (e de quem não o era?), sabedor que os móveis da repartição onde o Senador trabalhava, bem ao norte do estado, já quase no Paraná, haviam desaparecido, telegrafa indagando da veracidade do boato. Sucintamente ele responde “móveis cupim comeu”. E contava o caso com sua típica gargalhada. Quando questionado, Senador, verdade que perdeste os móveis numa jogatina?, calava, olhava sério para um lado e outro, baixava a voz, misterioso, ria, retrucava, queres me incriminar queres, que que é isso, meu amigo ou da onça, fui absolvido em inquérito administrativo, móveis cupim comeu, que culpa tenho, né? Comeu todos, toda a repartição? Tudinho, eram móveis gostosos, preferidos da cupinzada, culpa de quem escolheu eles praquela repartição. Agora, 1964, enquanto o terror invadia a cidade, invadia o estado, invadia o país, notícias de

sempre mais prisões e revelações de tortura causando pânico, a última do Senador procurava aliviar um pouco a tensão. Convocado a depor no 5º Distrito Naval, colocava-se tranquilo diante da comissão de inquérito, calmo responde ao lhe indagarem se era mesmo subversivo conforme a denúncia que acabou de chegar, ou se tinha simpatia pelo regime comunista. Antes que tivesse tempo de responder acrescentaram: há mais, a denúncia dizia que ele não era comunista de carteirinha, mas defendia posições do Partido Comunista, tinha apreço pela URSS, por Cuba, e que teria acolhido em sua casa refugiados comunistas, dando-lhes posteriormente fuga. Impassível, sempre fumando, soltando baforadas que se espalhavam pelo salão do interrogatório, o Senador estendeu as mãos, mostrou o trato das unhas sempre manicuradas, toda semana vou à minha manicure particular, apontou o terno bem-talhado de casimira inglesa, feito em alfaiate exclusivo, para a camisa também feita sob medida, para os sapatos impecáveis, para a gravata importada — e num tom de profunda indignação, alteando a voz, retrucou, pelo amor de Deus, isto me ofende, a insinuação me afeta, me olhem, olhem com atenção pra mim, tenho cara de alguém que quer mudar de estilo de vida, tenho, de usar roupa grossa padronizada, tenho, só meu terno, examine ele, sem o resto, custa mais de dois salários mínimos. Contra-atacaram, temos aqui na denúncia que o senhor foi visto conversando à noite sob a figueira com diversos comunistas. Outra vez ele riu, aprumou-se na cadeira, olhou para a comissão com pena, disciplinou a voz, sim-sim, pode ser, e não só à noite, e não só na figueira, sou um homem civilizado, bem-educado, o comandante do

5º Distrito Naval me conhece bem, frequentamos as mesmas rodas sociais, não temo bicho-papão, não nego a palavra a quem quer que me procure, só assim fico sabendo das coisas, não é bom saber? me digam, mas tenho minha personalidade própria, minhas convicções e sei defendê-las, só falta amanhã me denunciarem de integralista porque converso, no bar do Lux Hotel, com o Jade Magalhães. Quiseram saber do tal de *figueirón*, da lista, das listas, políticos, personalidades, empresários relacionados nela para serem enforcados ou fuzilados numa eventual vitória da subversão, que Deus na sua misericórdia não permitiu, em boa hora atalhada pelas forças armadas em consonância com a quase totalidade da população mais consciente. Ele fez um muxoxo de escárnio, perguntou incrédulo, será que alguém inteligente, de bom senso, acreditou naquela brincadeira de bêbedos, não é possível! E a frequência dele na famosa livraria, as conversas com o desembargador José do Patrocínio Gallotti, com o advogado Aldo Ávila da Luz, com o advogado Dalmo Bastos, com o desembargador Hercílio Medeiros, com o vereador Mimo, outros mais, todos apontados como esquerdistas ou esquerdizantes. Que podia ele dizer do filme *O preço da ilusão*, feito com recursos arrancados de inocentes úteis, praticamente esquematizado a partir de reuniões na tal livraria, no Miramar, no Poema bar, no café Java, no restaurante Estrela? Senador movia a cabeça, ria, será mesmo que vocês acreditam nisso, já disse e repito, me olhem bem, vejam minhas relações, falem com o almirante Murilo Vasco Silva. Acabou dispensado, com evidente má vontade disseram pode ir embora, antes recebeu uns conselhos, se cuide, vê com quem anda, visse o

momento difícil que o país atravessa, focos de rebelião sendo desbaratados, as profundas transformações institucionais necessárias para colocar o Brasil no caminho do primeiro mundo, o tremendo esforço de recuperação, a ingente luta dos empresários, das forças produtivas, a vigilância indormida das forças armadas, guardiães da nação e de seu destino histórico. O Senador vitalício, Alcides Ferreira o nome, nem explicava a razão do apelido já incorporado à persona dele, brincava, vai ver porque aperto a mão de todos e falo com todos mesmo fora do período de eleição, gostava, bem mais tarde, cercado de seus fiéis 'eleitores', sempre em número crescente, de concluir esclarecendo sobre as horas passadas no interrogatório, a cada conversa se lembrando (ou inventando?) de novos trechos, ah, sim, agora me lembrei de um dos inquisidores, Escobar o nome, capitão Escobar, cabelinho curto, pinta bem carioca, voz empostada, bancando o espertinho pra cima de mim, ficava dando voltas, repetindo de maneira diferente as mesmas coisas, pra me pegar em contradição, devia achar que eu era um tanso, quando voltei a falar no luxo da minha fatiota até a marca da minha cueca quis saber. E eu disse de pronto, não tem marca, capitão, onde se viu, é feita sob medida, minha *griffe* particular. Mário Moraes não teve igual sorte, afinal, adorava repetir, sou ou não sou o conhecido e famoso Mário-comunista? Foi logo preso. No alojamento repetia, para quem desejasse (ou mesmo não desejasse) ouvir, a história do *figueirón*, explicando que com ou sem *figueirón* estaria da mesma forma preso, não tinha o charme, o prestígio do Senador, não frequentava a roda do almirante. Sempre de bom astral, ajudando a levantar o ânimo

dos que se afundavam no cinza, na depressão mais negra, esclarecia: a gente não tinha mais o que conversar, ficávamos debicando uns dos outros, saturados até da jogatina, um dia nos lembramos, se em Cuba existe o *paredón* por que não podemos instituir em Florianópolis o *figueirón*? Uma boa, né? Dar um susto nessa macacada de merda. E que melhor lugar do que à sombra da figueira, que já participou de tudinho na vida da cidade, é ou não é? E a tal lista, existiu? A tal lista começou entre nós, quem cometia uma gafe, quem faltava a uma noitada, quem discutia sem ter razão, tudo e nada era motivo pra ir pra lista do *figueirón*. Havia certas regras pra dela sair. Eu mesmo entrei e saí nem sei quantas vezes. Em pouco tempo a coisa se ampliou, a lista circulava pela cidade, aumentava ou diminuía, havia até uma taxa pra sair mais rápido, nomes entravam e saíam de acordo com o humor da noite, um artigo lido, simpatia ou antipatia por este ou aquele personagem, qualquer dos frequentadores podia sugerir um nome a ser incluído, no começo nem precisava passar pela triagem, pela votação, mais adiante sim, a diaba da lista ficou quilométrica. Era composta de políticos, jornalistas, administradores, bicheiros, engraxates que não cuidavam como deviam dos sapatos do Senador, visitantes, conhecidos e desconhecidos. Irreverente, desbocado, Mário-comunista onde chegava formava roda, todos queriam ouvi-lo, saber quais nomes haviam saído da lista, quais novos entrado — e ele, sem papas na língua, dizia o que lhe vinha à cabeça, olha, passou no café Ponto Chic o prefeito e não me pagou um cafezinho, tá na lista pela décima vez, pra sair vai custar mais caro. A lista já contara com a presença do governador ao lado do engraxate, do

comandante do 5º Distrito Naval, do líder sindical, do diretor da Faculdade de Direito, do garçom do Poema bar, outro local de encontro. Praticamente toda a cidade já saíra e entrara na lista. Mário-comunista passou a ser o coordenador geral do *figueirón*, indicava os primeiros nomes a serem fuzilados ou enforcados. Chegava a qualquer hora do dia no Ponto Chic, tradicional local de fofoca, na livraria Anita Garibaldi, no Miramar, pegava um amigo, ia com ele para um canto, intimava, me paga um café, uma cervejinha, me compra a *Manchete* que te tiro do *figueirón*, estás bem encrencado, não tanto quanto o secretário de Segurança, mas estás. O que em tempos normais não passava de mais uma característica da irreverência florianopolitana, transformara-se num crime hediondo, murmurava-se nas rodas oficiais, se o Jango tivesse continuado no poder fulano não estaria agora entre nós, teria sido sacrificado à fúria dos sanguinários comunistas e seus sequazes, temos que nos prevenir, eles estão calados, muitos refugiados, mas ainda não derrotados por inteiro, precisamos ficar vigilantes pelo bem da pátria. Mário-comunista era funcionário estadual, lotado no teatro Álvaro de Carvalho. Convivia com artistas da terra, com companhias que vinham de fora, logo se tornava íntimo de todos, frequentava os ambientes como se fossem seus, a cidade inteira o conhecia, sentindo-o um igual, sempre o mesmo conversador infatigável, sempre com impagáveis casos ou causos. Aceitava com tranquilidade o ‘comunista’, sendo ou não membro efetivo do Partido. Desenvolvia com coerência suas ideias, reclamava da situação do país, era relativamente informado, exaltava o desenvolvimento da União Soviética, saída de uma

guerra onde milhões haviam morrido já disputava a hegemonia mundial com os Estados Unidos, falava de Cuba, merdinha de terra, menor que Santa Catarina a enfrentar de cabeça erguida o gigantesco vizinho do norte. Mas de repente também ria e dizia, tudo bem lá pras negas deles, eu não posso viver longe dessa nossa bagunça gostosa, jamais teria condições de viver num regime duro e chato como o da Rússia — e aí entrava em acirrada discussão com outro Mário, este sim da liderança do Partido Comunista. E enquanto o Mário-comunista vinha das camadas humildes da população, o outro, comunista autêntico encharcado de teoria e prática, discutindo e aplicando comunismo-marxismo 24 horas por dia, a ensinar sobre a validade da luta de classes e a necessidade da união de forças, as teorias de Marx/Engels, a prática de Lênin, era filho de família tradicional e abastada, o pai desembargador. Ambos excelentes pessoas, ambos amigos solidários de seus amigos — ambos presos logo nos primeiros dias de golpe. O Mário filho do desembargador foi parar na penitenciária estadual, teoricamente lugar para onde iam os ‘detidos’ mais perigosos; o Mário-comunista foi encaminhado para o quartel da Polícia Militar, tendo como acusação principal a lista (ou listas) do *figueirón*. Denunciado como elemento perigosíssimo, mesmo depois de preso havia os que telefonavam ou iam diretamente ao 5º Distrito Naval se lamuriar indignados, eu era o primeiro na lista, faziam-se de importantes, eu ia ser fuzilado por minhas posições firmes, os comunas sabiam de minha luta indormida, batiam no peito, eu tinha posições firmes, sim, contra a desagregação da família, de Deus, da sagrada pátria, eu cheguei em determinada ocasião a ver

meu nome encabeçando a lista, outro revoltado reclamava, o Mário-comunista e tantos iguais a ele vão continuar ali no quartel ou na penitenciária, só isto, vocês têm que tomar providências mais drásticas, não é possível que a gente tenha se arriscado conspirando e nada além de detenção aconteça com estes famigerados elementos, se tivessem ganho eu não estaria aqui pra contar a história... Mário-comunista passeava pelo alojamento como se estivesse no teatro Álvaro de Carvalho ou sob a figueira, no Ponto Chic ou no Poema bar. Tu já o conhecias, vocês se davam bem, não eras frequentador de carteirinha da figueira nem um omissor, havia períodos em que marcavas ponto quase toda noite, em outros sumias sem dar explicação. Além disso Mário-comunista tinha participado do filme *O preço da ilusão* (que foi a própria, conforme gostavas de repetir), mais uma das múltiplas aventuras do grupo de jovens que na década de 1950 procurara sacudir a pasmaceira da pacata e bela capital catarinense. Mário-comunista fora figurante e ajudara na equipe técnica. O teatro Álvaro de Carvalho transformado em estúdio, Mário circulava entre atores e técnicos como se durante toda a vida outra coisa não tivesse feito. Foi na prisão que o relacionamento entre vocês se estreitou. Figura fascinante, dominava o alojamento, entretinha com sua verve os encaramujados num canto, os suspirosos choramingando e os que buscavam maneiras de aliviar a tensão permanente que pairava sobre vocês. Nada encontrares em tuas anotações que indique qual dos dois foi preso primeiro. Sabes que foram, sem dúvida, dos primeiros, logo na semana do golpe. Agora ali está o Mário-comunista falando, animando os depressivos, te procurando,

indo de quarto em quarto, conversador infatigável, contando histórias, inventando casos, maliciando, sabia da vida de todo mundo, passagens públicas e íntimas, conhecedor inesgotável de anedotas, quer de salão ou picantes, sabia contá-las como poucos. Adorava um joguinho, qualquer tipo de jogo, falava de futebol com conhecimento de causa, era mais um dos milhares de técnicos, que Pelé, Garrincha é muito melhor, só não sabe se promover, se chegava alguém elogiando o Garrincha ele mudava, com aquelas pernas tortas, os cartolas fizeram ele, tinha seu clube do coração, mas para atucanar um adversário do mesmo clube dizia são uns pernas de pau. Embora se dissesse um dia vascaíno, não deixou de te gozar ao te ver torcer pelo Vasco, onde já se viu, clube dos portugas, qué que tu tens a ver com eles me diz? Mas do que gostava mesmo pra valer era de uma roleta, um carreado, por que não instalam aqui uma roleta, juro que pagava pra não sair mais do alojamento. Indignou-se quando soube que mal e mal mexias nas peças de um xadrezinho, bufou, coisa de veado, mariquice, te apontou um dedo, joguinho mais besta, riu, porra será que a única coisa que sabes fazer na vida é ler, não te cansas não, me diz, vou te ensinar uns truquinhos aprende aqui com o professor de rua que a vida não está nos livros, melhor, a vida não é um livro, ela pulula, se encontra nos bares mi-xurucas, nos puteiros, na sarjeta, lateja morde-merda, vem, caralho, vamos te ensino. Misteriosamente desen-cavava um baralho, um dominó, formava uma roda, passava horas, te dizia fica por enquanto piruando que vou te ensinar, é bom, é gostoso como uma boa trepada, tem vezes até melhor foder o adversário. Foi com Mário-co-

munista que aprendeste a jogar dominó, vinte e um, pôquer, biriba. Em pouco participavas de rodadas, te animavas, ele ria, dizia, jeito não levas mas que fazer, quem não tem cão caça..., me diz, não é mais emocionante do que aquele jogo de intelectual metido a besta, o tal de xadrez, é ou não? Reclamava: a leite de pato cadê a graça, a emoção está em casar uns trocadinhos, quem arrisca, pouca coisa, sé pra dar mais vida, uma rodadinha... Foi numa manhã chuvosa que Mário-comunista te fez a revelação. Todos andavam indóceis pelo alojamento, a chuva mexia com os nervos, os presos se chegavam à janela vendo os fios escorrer, o céu baço, ruas vazias, portas e janelas das casas ao lado trancadas, um daqueles dias em que ninguém consegue se animar quanto mais transmitir ânimo aos outros, a chuva não amainava, parecia inundar corpo e alma. Cansados da janela estiravam-se molenhando no que tu havias denominado de ‘a vida horizontal’. Livros largados, caderno de anotação largado, pensamento vadio, em nada te fixas, a vida te parece negra, vazia, sombria, sem futuro. De inopino Mário chega e te diz, me explica uma coisa pensei que vocês fossem continuar fazendo filmes, por que pararam? E tu, chamado à realidade sem a ela ainda te integrares, filmes? E ele, sim, filmes, por que, hein, me diz, ganhei um dinheirinho legal naquele. No começo não prestas atenção, ele insiste, talvez nem estivesse escutando direito. Mário-comunista não desiste, não se dá por derrotado, tal palavra para ele não existe, prosseguiu, foi um tempo bom, não foi, divertido, hein, me diz, desanda a citar incidentes, te lembra cenas, filmagens tumultuadas, os pouco segundos no Poema bar vararam toda a noite, no fim o porre coletivo

dos atores, da equipe técnica, dos curiosos, as filmagens na Lagoa da Conceição com a moçada aproveitando pra curtir a praia, uns e outros tentando se esconder atrás das dunas com as moças, o boi de mamão se repetindo e repetindo, o guri não saindo direito da barriga da bernúncia — então a sequência do carro do Menezes, apelidado Marta Rocha, parado-em-movimento nos fundos do teatro Álvaro de Carvalho, o casal no banco da frente discutindo exaltado, o diretor exigindo mais chuva, mais chuva, mais vento, melhorem a porra desse vento, movimentem a merda desse carro que não se mexe, onde já se viu, uns marmanjos rindo e jogando água, outros tentando fazer vento com ventiladores e a balançar o carro para deixar a impressão de que ele se dirigia à ponte Hercílio Luz para o trágico acidente que fundia as duas histórias de que se compunha o filme. Quando percebeu que começavas a te interessar entrou para valer no assunto que buscava te passar. E nunca mais, por maior que fosse tua insistência, voltou ao tema. Começa falando na bagunça que era o pessoal amontoado nos fundos do teatro, a alimentação precária, o equipamento caindo aos pedaços, a ciumeira do diretor a partir do momento em que passou a se interessar pela atriz principal, Mário ria, um dia vimos os dois grudados no camarim, te lembrás que cortou uma cena de beijo só pra não ver outro beijando ela, parava, te olhava, o riso se amplia, pelo menos se o filme não deu certo teve um final feliz, o diretor casando com a mocinha, nada parecido com aquele dramalhão que vocês bolaram o carro despencando da ponte e o casalzinho morrendo sem tempo de dar uma única trepadinha. Já interessado perguntas, Mário, me diz uma coisa, me ex-

plica, de que maneira foste ganhar uns trocados no filme, e ele, segredo entre nós, trocados não, grana regular pra-queles tempos bicudos, jura que não vais contar pra ninguém, jura, em ti eu confio, estamos no mesmo barco não é, mas o produtor era-é um unha de fome, ele também fazia uma fezinha e vai querer ainda agora que eu devolva a parte dele com juros, e tu, deixa de fazer suspense, te explica vamos, e ele, ora fazendo jogo do bicho, e tu, jogo do bicho como, e ele, sim vais me dizer que também não sabes o que é jogo do bicho, seu intelectual metido a besta, e tu, sei-sei até eu arrisquei uns trocados, mas onde estava o tal de lucro se tu o que fazias era recolher o dinheiro e levar pra uma banca de jogo do bicho, francamente não entendo. Mário se vira, te chama para um canto, sussurra, aí é que está, presta atenção vais compreender a jogada, era arriscado mas risco é o mais gostoso quase tão gostoso quanto botar no bolso o tutu. Ensino pra ti: bonzinho, eu dizia deixem comigo, não se preocupem eu faço o jogo, em troca de uma porcentagem modesta se ganharem, logo que sair o resultado vou lá pegar a dinheiro pra vocês e faremos uma baita farra. Só que nunca joguei um vintém, sou besta, ficava com o proclamado vil metal. Perguntas, me diz, se um dia tivesse dado um dos números, uma centena, um milhar na cabeça, hein! Mário abre um sorriso, pisca um olho, sorriso se transforma num gargalhar que chama a atenção de todos no alojamento, enxuga os olhos onde lágrimas repontam, ofega, se cala uns instantes e baixinho te responde, nunca deu nem uma mísera dezena, eu torcia pra dar, respondeste, não te entendo, te metias numa enrascada, e Mário, adoro enrascadas, ver de que maneira escapo, só as-

sim a vida tem sabor. Se desse eu já tinha a explicação engatilhada na ponta da língua, botava um ar compungido, fingia pena, me desculpava lamentando o azar desgraçado, atirava a culpa pra cima de um que não tivesse jogado naquele dia, apontava dizendo a culpa é dele, cobrem dele, eu estava saindo pra ir fazer o joguinho quando o sacana me impediu reclamando de um trabalho que já devia ter sido feito, resolver um problema urgente da produção — sempre existia um problema urgente pra ser resolvido naquela bagunça, ou outra desculpa qualquer, saída é que não me faltava, de quantas me safei, te conto, queres, só da besteira do *figueirón* não sei quando escapar. Agora que vou, vou, não tenho dúvida.

## Aurélio, o neto

ESTÁS ENTRETIDO NA LEITURA. A sonoridade dos versos, que não cansas de ler-reler, te atinge com o impacto de sempre: “Vozes veladas, veludosas vozes, / volúpias dos violões, vozes veladas, / vagam nos velhos vórtices velozes / dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.” É e não é a mesma emoção da primeira leitura, há tanto-tanto tempo, o mesmo profundo envolvimento em algo novo e belo. Queres recuperar o instante em que, quase criança, em Biguaçu, na livraria do cego J. M., eles te chegaram de um esmolambado livro, envoltos em magia e fascínio. Te lembras: siderado paraste a leitura, mal ouves a ansiosa voz do J. M., continua continua, quero captar quero aprender, ele também poeta com sensibilidade mas sem o domínio da palavra. Agora também paras, te deténs num verso, revolvendo-o, saboreando-o; numa frase melódica, procurando alcançar seu mais íntimo sentimento, a proposta final de Cruz e Sousa, que ainda te foge. Livro aberto nas mãos, pensas que a cada leitura, e elas são tão frequentes, tens novas revelações, mais apreendes a intenção do poeta, a sensação de algo inefável que os versos te transmitem. A cada volta há novo detalhe que se desvela, um fulgurar que te aterra. Como alcançar a capacidade que ele tinha, como? Lento, o sol da manhã escorre pelas janelas do alojamento, vem te beliscar, afugentando o friozinho desta manhã de abril. Um vulto se sobrepõe à luz. Há quanto tempo estaria ali? Só quando, insistente, te cha-

ma, ergues a cabeça, ainda abalado como quem sai, sem querer sair, de um sonho bom para uma realidade amarga. Não, diante de ti não está J. M., o livro que tens em mão é outro que não aquele esmolambado. Indagativo olhas para o intruso. Volta a perguntar o que lê. Mostras: poemas de Cruz e Sousa. Ele te toma o livro, folheia páginas, silencioso te mira, aproveita e baixinho, como quem revela um segredo há muito escondido (e não é mesmo um segredo?, te questionas) diz num tom estranho, patético, misto de orgulho e pesar, tenho dele as qualidades e a sensibilidade poéticas, não o jeito para escrever. E tu: dele quem? E ele: Luiz Delfino. E tu: Luiz Delfino? E ele: sim. E tu: por quê? E ele: meu avô. E tu: avô? E ele: sim. E tu: avô como? E ele: avô, sou filho de uma filha natural do poeta. A revelação é um impacto. Agora sim, estás interessado, largas o livro, vocês se olham, cúmplices, alguma coisa os aproxima, curioso queres saber mais, chegam outros presos, a conversa é interrompida, ele, Aurélio, esse o nome, te faz um sinal, compreendes, mais tarde vais procurá-lo, no pátio caminham juntos, Aurélio passa a ser uma referência obrigatória, se destaca no meio daquela humanidade díspar que em dado momento é forçada ao convívio. Aos poucos Aurélio vai te contando retalhos de uma vida que até ali se escoava sem relevos, sem saliências, sem qualquer reentrância, anulada entre as quase sessenta que vocês são no auge das prisões. A ressonância que ele passa a ter aumenta com o decorrer dos dias. Anotas a primeira observação que já devia estar em teu caderno, que já devias saber e não sabes, só agora te importa: Aurélio Alves, 48 anos, solteiro, inspetor de trânsito aposentado, mãe morta há muito, pai operário

morto de repente aos 84 anos de idade, única herança deixada foram três irmãs idosas e doentes que nada podem ou sabem fazer e das quais Aurélio se torna arrimo. Mas as surpresas com Aurélio não param por aí. Logo vens a saber: se não é poeta, é músico da tradicional banda Amor à Arte. Há um momento em que te questionas, poderá Aurélio ser mesmo neto de Luiz Delfino? Pouco sabes da vida do poeta, pouco se sabe da vida dele, imaginas quantos anos deveria ter a mãe de Aurélio quando ele nasceu. Te disse que está com 48 anos. Bem. Não: mal. Teus cálculos não conferem. Pedes que de casa te mandem livros onde se encontre algo a respeito do poeta, homem, se diz, quase sem biografia. Conferes as datas: nascimento em 1834, em 1840 matriculado no Colégio dos Jesuítas, 1850 embarca para a Corte em companhia do pai, 1852 ingressa na Academia Imperial de Medicina, formando-se em 1857. E daí, perguntas, queres checar se Aurélio tem mesmo informações. Ele não titubeia, esclarece, depois de breve visita à ilha de Nossa Senhora do Desterro em 1858, retorna em definitivo ao Rio de Janeiro, nunca mais tendo voltado à cidade natal. Em 1859, casa com Maria Carolina Puga Garcia, de família classe média carioca. E pronto. Não, as datas não conferem. Começas a observar mais Aurélio, a puxar por ele, será um mitômano, será? A dúvida persiste. O homem se parece ou não com Delfino? Às vezes achas que sim, em outras não. Ele sabe muitas coisas a respeito do poeta, declama poemas inteiros, relata fatos quase desconhecidos, refere datas, miúdos episódios que não tens como confirmar. Conjecturas: talvez ele mesmo se iluda, talvez seja bisneto, aí sim, uma filha que Luiz Delfino tenha deixado na

barriga da mãe naquela rápida visita de 1858, outra filha dessa filha natural sendo a mãe de Aurélio. Ou então, quem sabe, filha de uma empregada que teria ido bem mais tarde para o Rio, servir na casa do jovem médico, já não tão jovem, e que voltara grávida para a ilha já em fins do século. Tais casos eram comuns. Mais dúvidas. Delfino era casado. Teria ainda assim... Procuras te lembrar do pouco que leste em livros, em velhos jornais e revistas, pedes tua mulher te ajude procurando na biblioteca da tua casa. Boatos circulavam, sem confirmação absoluta. Delfino se tornara famoso por seus poemas eróticos, que eram lidos à socapa, mas onde se encontrariam tais poemas? Murmurava-se que tivera uma paixão feroz, alucinada, ele já sessentão, por uma afilhada de menos de vinte anos, sem se apresentar provas. Interrogado, Aurélio não ia além do ouvi dizer. Era pouco. E a estranha parada do poeta louvado quando se iniciava nas letras? Dizia-se que parara a fim de não prejudicar a carreira do jovem médico bem-sucedido. A sociedade preconceituosa recusaria um facultativo que poetasse. Como se o fato não bastasse, um poeta sensual, erótico, transpirando sexo. Que família se entregaria às mãos dele? Puxado agora pelas palavras do Aurélio e pelas esparsas leituras de tempos atrás, te afundas no passado, queres recuperar o pouco que conhecias, mas isto não te leva a lugar nenhum. Bem pouco acrescenta Aurélio ao que já sabias. Não tens como prosseguir, Aurélio não tem como te ajudar, vagos os esclarecimentos que te oferece. De qualquer forma a preocupação com o caso Aurélio é um lenitivo, espécie de válvula de escape para a tensão, acelera a lentição de dias que se arrastam escorrendo gota a gota. Ou-

tros fatos se interpõem na rotina da prisão, mas teu interesse por Aurélio, o neto, não decai, só entra numa calmaria. No intervalo de uma conversa ele se aproxima, cita outro verso do poeta, quer saber se conheces, lembra passagens miudinhas da misteriosa vida do médico-poeta, homem estranho, repete-se nos livros que não possuía biografia. Só que é assim, aos fragmentos, juntando peça a peça, que se vai construindo a biografia de um ser humano. Mas existe também o Aurélio músico. Para ajudar a iludir o tempo que estancou, e passar a conhecer um pouco melhor o neto, sugeres que ele dê aulas de iniciação musical. Tímido, reluta; depois se anima, se dispõe. Juntam-se umas dez pessoas, na primeira aula ele diz, sei bem pouco, retrucas, nós não sabemos nada. Não vai além de meia dúzia de aulas. Cancela-as indignado. Mário Moraes, irreverente como sempre, presente a uma das explicações sobre o dó-ré-mi-fá-sol-lá-si, ergue a mão, interrompe, não-não, Aurélio, olha, o que sei de música é que mi (aponta para o próprio peito) em cima de si (indica Aurélio) sem dó cria uma inédita e aberrante escala musical, tu m'entendes, né? Aurélio titubeia, ferido, uma gargalhada explode-extravasa o alojamento, aula interrompida para não mais ser retomada. Qual o motivo ou quais os motivos da prisão de Aurélio? Quietos, pouco se manifestando, sempre em seu 'quarto', não adiantava interrogá-lo. Como no caso de tantos outros, pouco se sabia. Temor de alguém infiltrado entre os presos? Podia ser. Temperamento? Talvez. Teria ele participado de reivindicações sindicais, pertenceria a um Grupo dos 11 de Brizola, que se dizia ser um movimento paramilitar, teria sido visto em passeatas, cometera alguma indiscrição, fa-

lara demais numa roda de conhecidos? Ou apenas outro caso de denúncia gratuita? Ninguém escapa de um desa-feto. Parecia não ter desa-fetos. Quem no mundo, querendo ou não, deixa de tê-los! Com seu jeitão tranquilo, tinha observações pertinentes, respostas agudas, colocações claras sobre problemas sociais. Provocado ou desafiado sabia safar-se sem se comprometer. Ao voltar ao alojamento, depois que foi depor no 14º BC, todos o rodearam, saber como se saíra. Riu, disse com ar maroto, o inquiridor queria me apanhar desprevenido, só que quando ele estava indo eu já voltava, no meio de uma pergunta boba me disse, compreenda, temos que ficar atentos, de repente alguém que parece ser de nada, um tanso, vamos ver é um elemento perigoso que quer nos enrolar. Deixei ele falar mais um bocado, antes que terminasse pedi licença, respondi na bucha, compreendo perfeitamente sua colocação, o senhor tem inteira razão, veja, em muitos casos aqui chegam pessoas que se recusam a colaborar, são feras travestidas de cordeirinho, não no meu, veja aqui, acredite, assim como sou manso eu podia ser um tigre. E ria da própria resposta, piscava um olho. Esteve preso exatos trinta dias. Depois de vasculhar a vida dele e nada encontrarem de concreto, autorizaram a soltura. Ao saber que ia ser solto, recebera aviso antecipadamente de um guarda conhecido de seu tempo na ativa, e te comunicar, tu perguntaste, Aurélio, por que não cobraste do guarda os trinta dias que te roubaram, como ficam eles na tua vida? Riu seu riso manso, te olhou entre irônico e tímido, disse com segurança, eu, hein, sou besta dar uma resposta dessas, ia acabar ficando aqui outros trinta, sessenta, sei lá. Na véspera da saída dele vocês tive-

ram outra conversa demorada, entremeada de silêncios, como se fossem se separar para sempre, um fio se rompendo. Mais uma vez procuravas puxar por ele, provocá-lo, que vasculhasse lá no íntimo, o que mais lembraria de Luiz Delfino, não teria em casa guardados do poeta, poemas daquele homem tão prolífico, autor dizia-se de milhares de poemas, num certo dia produziu centenas de sonetos, quem sabe Aurélio teria uma carta. Nada. O pouco que sabia te contara. Insistia, Luiz Delfino é meu avô — ou seria bisavô, ele ia ficar com esta dúvida que lhe havias inculcado. Gostava de dizer poemas de Luiz Delfino, versos eróticos, repetia o “Helena, um cheiro tens na carne ardente / Que não há nos jardins, nem nas florestas”. Ou “Entre os aromas sutis dos teus vestidos / Achar na cova dos teus pés — a cova”. Te chamava a atenção para a simbologia daquele “a cova”, que para Aurélio, não havia qualquer dúvida, representava o sexo feminino. Sabia de cor o soneto *Ubi natus sum*, repetia com emoção o primeiro quarteto: “Na rua Augusta, em Santa Catarina, / A cama em cima duns pranchões de pinho, / Aí nasci, foi o humilde ninho / De uma criatura mórbida e franzina.” Fazia uma pausa, explicava, a rua Augusta é a atual João Pinto. Prosseguia: “Nos fundos de uma loja pequenina, / O lençol branco a arder na luz do linho, / Da minha mãe, da minha mãe divina, / Tive o primeiro e tépido carinho.” Te olhava, dizia, bem podia ser eu a criatura mórbida e franzina, indicava o próprio corpo mirrado. A voz mansa não ultrapassava (ou pouco ultrapassava) a dimensão de teu ‘quarto’. Às vezes outro preso, mordido pela curiosidade, se achegava, que que vocês conversam tanto, ficava ouvindo os dois tercetos: “Meu pai foi sempre a honra em

forma humana, / Tinha a virtude máscula e romana, / Não era austero só, era feroz // Trabalhava incessante, noite e dia, / Como um leão seu antro defendia, / E era uma pomba para todos nós...” Amanhã ele sai — e tu anseias por saber algo mais, tirar a limpo aquela história envolta em mistérios, quase nada continuavas conhecendo da trajetória do primeiro poeta catarinense de projeção nacional, mesmo antes de Cruz e Sousa. Tua curiosidade fora espicaçada, não querias generalidades — mas do Aurélio também quase só conseguiste extrair generalidades. Não-não. De qualquer forma generalidades que não eram do conhecimento geral, se ele as sabia é porque tinha alguma ligação mais direta com Luiz Delfino. De outra maneira como explicar a firmeza com que Aurélio se referia ao nascimento do poeta, à ida para o Rio de Janeiro, à formação médica, o poeta prolixo que se resguardava cuidadosamente para não prejudicar o médico conceituado, o jovem romântico, o constituinte por Santa Catarina eleito senador da República, o discurso no Senado contra as atrocidades praticadas em Santa Catarina por Moreira César a mando de Floriano Peixoto que resultou na troca do nome da cidade de Desterro para Florianópolis, os amores do sexagenário com a quase menina Eugênia Caldeira, a coroação em 1898 como Príncipe dos Poetas brasileiros. E quanto à revelação que te fizera naquela manhã, Aurélio preferia não retomar o assunto, não aprofundar o tema diante de tua insistência, afinal na família aquilo era assunto vedado, mancha que marginalizava os seus, pecado terrível sussurrado entre vizinhos, que lhe marcara a mãe para o resto da vida. Ou seria a avó? Neto, bisneto? Ele saía da prisão, mas a incerteza o acompanharia para

sempre. Nem por isso, te disse, menos ciente da importância e da diversidade da obra de Luiz Delfino, que um dia terá o devido lugar na lírica brasileira. Insistia sempre no erotismo, aspecto menos conhecido daquele poeta até então pouco conhecido. Um dia te rodeou, percebeste, alguma coisa o preocupava, buscou coragem e perguntou, me diga, por que entre as facetas, tantas, tenho uma percepção tão mais nítida exatamente para o erotismo que perpassa seu verso e é o que mais admiro. Será ela preponderante? Não tiveste o que responder. Entre tantos, o poeta que te fascinava, de Santa Catarina, continuava sendo Cruz e Sousa. Aurélio pedia, implorava, ouve: “Soltas de leve as roupas, uma a uma / Caem-lhe: assim a camélia se desfolha; / E quando nágua o belo corpo molha, / A água soluça, e o enleia, e geme, e espuma.” No entanto Aurélio, em aparência assexuado, era solteiro empedernido, que enrubescia e gaguejava ao ouvir um palavrão ou quando lhe perguntavam quando ‘comerá’ pela última vez uma mulher. Lá está nas tuas anotações, “luto mas não encontro explicação para o fato”. A seguir: “hoje, dia 2 de maio, completam-se trinta dias da prisão de Aurélio”; mesmo dia em que foste preso, também completas trinta dias. “Hoje ele sai.” Esvaziou o ‘quarto’, mochila pronta, espera com ânsia que o venham libertar, acompanhando-o até o portão de saída. Vocês ficaram de se procurar quando chegasse tua vez. Não o fizeram. Estranha e incompreensível inibição. Cruzavam-se por vezes na rua, olhavam-se de soslaio; sem qualquer explicação ficavam num mero cumprimento, interditos, tolhidos, sem vontade de relembrar o convívio no alojamento, desejosos de esquecer aqueles dias. Recorres às

tuas anotações. Lá vem outro trechinho: “Será que Aurélio tinha razão em insistir que o terceto seguinte de ‘As três irmãs’ podia também se referir à mãe (ou avó) dele? Ei-lo: ‘A mais moça das três, a mais ardente e viva, / Aquela que mais brilha, / Quando, sorrindo, aos seus encantos nos cativa, / Eu amo como filha.” Outra anotação: “Embora de fácil relacionamento, se bem preferisse permanecer em seu canto solitário, Aurélio tinha para tudo resposta pronta. Certo dia Mário Moraes se chega, pergunta, Aurélio me explica, o que pensas aí sozinho te masturbando, hein, e ele, sem se alterar, prefiro andar só comigo do que com certas companhias, é melhor, minha companhia preferida é a solidão.” Ainda assim, ou talvez por isso mesmo, só fez amigos, todos gostavam dele. Sua saída foi festiva, a única programada. Dia 2 de maio. Formam-se duas filas. Para os cumprimentos. Da distância no tempo, esfumada, te esforças, queres reconstituir a cena. Ei-la, viva te volta à mente. Emocionado, Aurélio passa entre as alas que se formaram, aperta a mão de um, abraça outro, acena. Ao chegar à porta do alojamento, sem conseguir falar, abana as mãos agradecendo os aplausos, ar de choro no rosto miúdo de sagui, barbicha rala com fios brancos, lábios finos trêmulos, narinas arfantes. A porta se fecha. Todos correm às janelas para vê-lo chegar à calçada, dobrar uma rua, perder-se na esquina.

## Um interrogatório

VAI! TENTA OUTRA VEZ. Recorre às tuas anotações. Te esforça. Puxa pela memória. Há uma estranha resistência que necessita ser vencida. Lá está: depoimento no Dops dia 21.4.1964. Breves garranchos a serem decifrados. Lê: “acabo de ser largado, pela terceira vez, na sala do secretário de Segurança”. Queres reconstruir o diálogo a partir das indicações que logo depois gravaste. Recuas no tempo. A irritante espera. Imaginando a mesma cena, a repetição da mesma farsa: depois de interminável demora, te devolvem ao quartel, dizendo, o senhor secretário não pode ouvi-lo hoje, fica para outro dia. Agora a porta se abre, ouves uma voz:

— Entre, o senhor secretário logo virá, faz questão de ouvi-lo pessoalmente.

— Quanta honra! Antes quero deixar aqui registrado o meu protesto pela maneira como estou sendo tratado. É a terceira vez que sou retirado à força do alojamento, pela madrugada, colocado num jipe entre dois guardas que tentam me intimidar, rodam pela cidade a fim de me confundir, depois me deixam plantado pra mais tarde me dizerem que o senhor secretário não pode me ouvir, será noutro dia...

— Não precisa continuar. Não estamos aqui para registrar protesto nenhum, mas pra que seja devidamente ouvido sobre suas atividades subversivas, já devidamente comprovadas e seja lavrado o competente ato...

— Se já estão comprovadas e se já me catalogaram como subversivo, qual a necessidade de me ouvir?

— É que queremos ter tudo documentado, queremos agir legalmente, não fazer o que vocês pretendiam fazer se tivessem ganho...

— Legalmente! Que legalidade é esta? Ganho o quê?

— Não vamos continuar. Vai ter que responder ao senhor secretário, ele não demora.

— Das outras vezes também me disseram a mesma coisa, ele não demora, mofei e fui devolvido já de manhã ao quartel...

— O que quer? Privilégios? Ou pensa que nada mais temos a fazer? Será que imagina a trabalhadeira que vocês estão nos dando, a gente dia e noite caçando subversivos, interrogando eles, que se recusam a falar com honestidade.

— O que é que a honestidade tem a ver, que é pra vocês a honestidade?

— Ora, honestidade é honestidade, a palavra diz tudo. Mas pra vocês subversivos, que queriam destruir Deus, pátria e família, estas palavras não têm valor, nada conta. Deixemos de conversa fiada, conhecemos bem você e suas ideias.

Silêncio. Da outra sala movimento contínuo de cadeiras arrastadas, de pés que se movem, de vozes que alteiam e abaixam. Começa a amanhecer. Sentado, te mexes-remexes na cadeira. Eis uma porta que se abre, entra o senhor secretário. Todos se levantam, ordenam em voz áspera que também te levantes, ele faz um gesto com a mão determinando que sentem, te encara, movimenta a cabeça, fica quieto uns instantes, folheia pastas,

examina recortes de jornais e revistas, passa-as de um lado para outro, buscando, separando. Agora volta a te encarar, resvala os olhos de teu rosto para tuas mãos, para teu corpo, para teus pés, sobe de novo os olhos, te fixa e sem transição diz:

— Bem, vamos começar, temos uma relação substancial de fatos, não há necessidade de qualificar o detido, tenho em mãos as informações básicas a respeito dele e de sua atividade, além do mais não vai ser um depoimento formal, quero conversar com ele, em outra ocasião voltará aqui ou irá direto ao 14º BC para que suas declarações sejam tomadas a termo.

Volta a calar, folheia mais papéis, como quem procura algo fundamental, chama com um sinalzinho o comissário, cochicha, o comissário sai.

ELE — Quero facilitar isto para nós, se responder com franqueza será melhor para todos.

TU — Que todos?

ELE — Temos aqui uma extensa lista com nomes de pessoas. Preciso que me diga se as conhece e qual seu relacionamento com elas.

TU — Conheço tanta gente, praticamente toda a cidade.

ELE — Não comece com subterfúgios. Não quero saber de toda a gente, quero saber especificamente de algumas. Por exemplo, tenho aqui, veja, uma lista com nomes de pessoas que assinaram o pedido de reconhecimento do PCB. O que me diz disto?

TU — O que vou dizer? O que quer saber? Se tem meu nome na lista que está em suas mãos é porque assinéi. Qual o crime?

ELE — Pergunta-me qual o crime. Legalização de um partido que só buscava extirpar nossas tradições, Deus, pátria, família, que prega a luta de classes, que queria nos entregar de mão beijada a um país estrangeiro!

TU — Não lhe parece que seria melhor tê-lo na legalidade? Assim poderia controlá-lo mais, tendo-o às claras, ficar sabendo quantos são os adeptos...

ELE — Não queira me dar lições, não me venha com subterfúgios, sua dialética pra mim não conta. Assinou ou não assinou? Estou lhe fazendo uma pergunta direta e quero uma resposta direta.

TU — Se meu nome está aí é porque assinei.

ELE — Então confessa?

TU — Confessar o quê?

ELE — De que estamos falando? Já disse e repito, não pense que com sua dialética marxista vai me confundir. O detido confessa ou não que assinou uma lista solicitando a legalização do Partido Comunista? Olhe, eu podia conduzir este interrogatório de forma diferente, estou tendo consideração, afinal o senhor foi do Serviço de Imprensa do Governo do Estado. Pense nisso e nosso trabalho comum será facilitado e terá melhor resultado, não tenha dúvidas, para ambos. Confessa ou não?

TU — Se encontrou meu nome na relação, pra que confessar? Já sabe que assinei.

ELE — Assim não dá. Em lugar de facilitar está procurando dificultar o trabalho. Nem adianta então perguntar se reconhece alguns dos nomes...

TU — Talvez reconheça, talvez não.

ELE — Não abuse, não abuse da minha paciência, entendeu? Adiante. Aqui está dito que participou do

Congresso de Escritores de Porto Alegre. Confessa? Participou?

TU — Participei. É público e notório.

ELE — Então confessa, não é? Quem mais participou?

TU — Não tem em mãos a relação? Então sabe!

ELE — Difícil prosseguir assim; me fizeram uma solicitação a seu respeito... Não se queixe depois. Adiante. Quais foram as deliberações do Congresso, me diga, tenho-as em parte diante de mim, todas de caráter subversivo.

TU — Se as tem, pra que repeti-las? Toda a imprensa as divulgou. Foram deliberações públicas de ampla circulação. Será que entre os papéis que lhe chegaram não consta que a delegação catarinense foi escolhida em reunião da categoria realizada no Clube XII de Agosto, presidida pelo professor e escritor Othon Gama D'Eça, presidente da Academia Catarinense de Letras e ex-secretário de Segurança? E que a ida da delegação contou com o apoio financeiro do então governador do estado, Irineu Bornhausen? Seria ele um subversivo, banqueiro e prócer da UDN?

ELE — Conheço bem o poder de envolvimento de vocês comunistas. Pode ser sim, pode ser que tenham conseguido tal apoio, vocês sabem manipular e distorcer, mas isto não diminui o fato delituoso, usar dinheiro público para promover a subversão, realizar um congresso que preconizava medidas que vinham contra os nossos mais sagrados princípios. Então o detido confessa que participou do Congresso de Escritores de Porto Alegre?

TU — Confesso. E não só deste. Antes que pergunte, também participei de outros, entre eles o de jornalistas,

minha categoria, na ABI, no Rio, sob a presidência de Herbert Moses.

ELE — Adiante. O que tem a nos declarar sobre sua participação numa gráfica, se não me engano denominada Maria Quitéria, e na livraria Anita Garibaldi?

TU — Da gráfica pouco me lembro. Foi uma tentativa frustrada de trabalho, melhorar as finanças. A livraria foi minha até 1959, quando meu sócio e eu a passamos adiante.

ELE — Voltaremos ao caso da gráfica. A informação que tenho é que ela servia para a impressão de material subversivo, de um órgão ligado ao PCB. Quanto à livraria, passou ela adiante, mas a orientação intelectual continuou sendo sua. Não saía de lá, indicava os livros que deviam ser encomendados. Por que a vendeu?

TU — Porque eu comprava tanto livro que estava levando a livraria à falência. Dou um exemplo. O desembargador Medeiros encomendava um livro, eu tinha certeza que era bom, pedia dois, um pra mim. Aliás, agora, com a fogueira, a livraria foi mesmo à falência.

ELE — Não estaria indo à falência porque a população mais consciente deixou de frequentá-la por ali só encontrar livros de tendência subversiva? E não queira me confundir, não queira bancar o espertinho, me irritar, não confunda um momento de profunda e justificada indignação popular com um processo de desagregação do tecido social como os seus sequazes pregavam. Todos na cidade sabiam que a livraria era um foco de agitação, ponto de encontro de comunistas e simpatizantes do credo vermelho, antro onde se reuniam para traçar planos e tramar, que a totalidade dos livros era comunista ou comunizante.

Mas não estou aqui para lhe falar do que você sabe mais do que eu, quero é que explique alguns fatos, sua reconhecida atuação nos movimentos de esquerda como um líder.

TU — Qual atuação, me diga, se sabe tanto, e que liderança é esta?

ELE — Tem coragem de negar que era um dos cabeças intelectuais que se infiltrava nos movimentos culturais e artísticos a fim de inocular o veneno nas mentes ingênuas, é ou não é? Na Câmara Júnior, por exemplo, dando sugestões para que aquele órgão que reunia jovens de boa-fé atuasse em consonância com seus desejos e realizasse cursos e debates de coloração marxista, se transformando em massa de manobra...

TU — Mas aí, senhor secretário, o senhor está passando um atestado de imbecilidade aos demais.

ELE — Já disse, não queira me dar lições, conheço sua maneira de agir, sua capacidade de envolvimento, temos tudo documentado. Acompanhamos passo a passo sua colaboração em órgãos de divulgação, tudo tendencioso. Parecendo só escrever sobre problemas culturais, procurava sempre deixar insinuada uma ideia de subversão, insuflar nos espíritos jovens a dúvida. Temos tudo anotado, queremos que nos fale, por exemplo, das reuniões no escritório do doutor Aldo. Pensa que não tínhamos nossos olheiros?, os meios de informação funcionavam, estávamos atentos.

TU — Que reunião, a que se refere?

ELE — Reuniões, no escritório, dos líderes daqui com elementos de fora, do Rio, de São Paulo, de Porto Alegre, para traçar estratégias de luta visando minar as forças da ordem e a tomada do poder.

TU — Forças da ordem?

ELE — Sim-sim, não me venha com suas tiradas, conheço-as bem, nunca responde ao que lhe perguntam, mas isso não vai acabar assim.

TU — Assim como?

ELE — Já disse, repito, não abuse da minha paciência, se não colaborar será pior para todos.

TU — Que todos?

ELE — Que me conta das tais reuniões? De uma em especial realizada no dia 15 de fevereiro, pouco depois das oito da noite.

TU — Não sei de que reunião fala. Se tinha mesmo espias, e se eles estavam atentos, ou lhe mentiram, caso tenha existido a tal reunião, ou devem lhe ter dito que não estive lá.

ELE — Não estive, quer dizer que não lhe viram?

TU — Não me viram, afirmo, porque não estive lá.

ELE — E por que não lhe viram, que certeza é esta?

TU — Porque tenho certeza de que nesta data eu estava no interior do estado, a serviço de um governo do qual o senhor também participa.

ELE — Como pode ter certeza?

TU — Mande se informar no Gabinete de Relações Públicas.

ELE — Outro antro de comunistas infiltrados no coração do gover...

TU — Comunicou tal fato ao governador?

ELE — Não me agrada sua atitude. Veja, nós podíamos agir de outra maneira com o senhor. Responda: por que insiste em dizer que nunca lhe viram nas reuniões do escritório?

TU — Primeiro, não sei de tais reuniões, nem se existiram; segundo, se existiram mesmo eu nada tinha a fazer por lá.

ELE — Então tinha a fazer aonde?

TU — Nas minhas atividades normais, que eram do conhecimento de todos. O que eu fazia está devidamente documentado nos meus escritos, na minha atividade profissional como jornalista da Agência Nacional e como redator do serviço de Imprensa do governo Celso Ramos, do qual o senhor é secretário de Segurança.

ELE — Já sei, já sei, não precisa me informar. Insisto: não tumultue, não desvie o rumo do interrogatório. Volto a avisar, é este um depoimento informal, inicial, eu queria ouvi-lo pessoalmente, me pediram para aconselhá-lo, vejo que é inútil, se recusa a colaborar, paciência. Mais tarde será obrigado a depor sob os ritos da lei e tudo o que disser será tomado a termo e confrontado. Prossigamos. Olhe, eis aqui. Veja. Tenho em mãos recorte com matéria sobre a campanha do 'Petróleo é nosso', olhe os nomes, a extensão da lista, tudo misturado, de desembargadores a garis.

TU — Qué que tem?

ELE — Você era a favor da estatização do petróleo ou não?

TU — Era.

ELE — Assinou a lista de apoio ou não?

TU — Não me lembro. Francamente. Se a tem em mãos, vejo o recorte, senhor secretário, deve saber melhor do que eu.

ELE — Não continue com este tom, este ar de deboche, este risinho de escárnio. Mando enquadrá-lo por desacato à autoridade.

TU — Que deboche? E já não estou devidamente enquadrado?

ELE — Deboche é deboche. Percebo. Abomino as interferências indébitas em meu trabalho. Espertinho. Vejo na lista, entre tantos, operários, professores, juízes, advogados, desembargadores, comerciantes, comerciantes, jornalistas, estudantes, funcionários públicos, até o doutor Fúlvio Vieira, só não vejo seu nome. Me explique, vá!

TU — Explicar o quê? E me esclareça, por que o destaque para o nome do Fúlvio, só porque é o chefe do Gabinete de Relações Públicas do Governo? Por que não pergunta pra ele?

ELE — Bem que gostaria. Não é disso que se trata. Repito, me explique.

TU — Explicar o quê?

ELE — Qual o motivo de não se encontrar o seu nome na lista de adesões à campanha do ‘Petróleo é nosso’?

TU — Francamente não sei.

ELE — Como não sabe?

TU — Não tenho como explicar. Lamento. Não me recordo, só isso.

ELE — Afinal, era ou não era a favor da campanha?

TU — Era, já disse.

ELE — E não se lembra por que não assinou o manifesto?

TU — Não. Isto faz diferença? Acabei de dizer que era-sou a favor. Podia negar, já que meu nome não consta da lista. Talvez na época não estivesse em Florianópolis. Ou não fui encontrado.

ELE — Onde se encontrava na ocasião?

TU — E lá vou saber! Tanto tempo se passou. Não me lembro. Viajou tanto.

ELE — Fácil dizer não me lembro. Só se lembra do que quer lembrar. Aliás, precisamos mandar checar que tantas viagens fazia. Estou ouvindo-o aqui de maneira informal, repito, com paciência, fiz questão de eu mesmo, embora tivesse preferido... Deixa pra lá. Vejo que é inútil todo o nosso esforço. Timbra em persistir nas negativas, neste seu tom de pouco-caso, nunca sabe de nada, se nega a colaborar, o que viria em seu próprio benefício, seria melhor para o senhor e para a sua família, não pense só porque acha que tem as costas quentes... Não-não, chega, vamos adiante. Temos aqui outra anotação, deixe ver, diz que a revista *Sul* fazia um trabalho de arregimentação, que além do Brasil chegava a ser distribuída em países como a China, a Tchecoslováquia, as colônias portuguesas, publicando aqui trabalhos de autores proibidos naquelas regiões.

TU — Sim, é verdade. Mas pode acrescentar à sua relação colaborações de Portugal do Salazar, da Espanha de Franco, dos Estados Unidos, onde tinha até correspondente.

ELE — A velha tática. Tenho que reconhecer a capacidade de envolvimento. Sempre uma explicação aparentemente lógica para tudo. Utilizam um inocente útil como fachada. Estou cansado de mentiras.

TU — Que mentiras?

ELE — Só mais duas perguntas: por que escolheu o nome do comunista Graciliano Ramos para a rua onde mora?

TU — Não escolhi o nome do escritor Graciliano Ramos. Foi uma decisão da Câmara Municipal.

ELE — Por sugestão sua, em projeto apresentado pelo Mimo, vereador comunista.

TU — Projeto aprovado por unanimidade.

ELE — Como conseguiram isto?

TU — Vai ver porque admiravam o escritor ou porque acharam que era um ramo desgarrado da família Ramos que se havia mudado para Alagoas. Primo distante do Nereu e do Celso.

ELE — Está fazendo tudo para me irritar, quer sair dizendo que passou por maus-tratos, foi torturado, essas mentiras que vocês espalham.

TU — Existem diversos tipos de tortura. Uma delas a psicológica.

ELE — Não me diga!

TU — Por essa passei, sabe melhor do que eu.

ELE — Passou, foi? Outra invenção para passar por vítima. E de sua senhora, fale-nos da atuação dela, vai dizer que também nada sabe?

TU — Qual atuação?

ELE — Como qual atuação?

TU — Atuação como professora catedrática através de concurso público? Atuação no movimento cultural?

ELE — Não abuse, sabe muito bem a que me refiro, ela é considerada uma ativista das mais atuantes, militante comunista de participação efetiva em passeatas, em comícios; aliás, não só ela, toda a família, deve-se reconhecer que sob tal aspecto é uma família unida. Ela já foi ouvida e confessou tudo.

TU — Se confessou tudo, e insisto em dizer que não sei que ‘tudo’ é este, o que terei para acrescentar... Quanto à família unida, concordo. Com certeza o mais ativo é meu filho de cinco anos.

ELE — Não-não! Chega! Por favor, pare, eu tinha certeza que não ia dar em nada, mas insistiram que eu devia ouvi-lo, apelar, protelei o quanto pude, agora lavo as mãos. Comissário, COMISSÁRIO, pode encaminhá-lo de volta ao quartel, vou determinar que seja formalmente ouvido por quem de direito e suas declarações tomadas a termo e confrontadas com as de outros que já temos, e temos muito, vamos checar as incongruências, as contradições, as mentiras. E também informem ao 14º BC, que quer ouvir o detido, para que marque a data mais conveniente, quanto antes melhor. Tirem ele daqui logo, não quero mais vê-lo. Estou farto! Cansado. É sempre a mesma lenga-lenga, ninguém tem coragem de assumir as próprias convicções, são sempre atitudes dúbias, todos uns inocentes e injustiçados.

Depois que foste solto, eventualmente vocês se cruzavam. Em reuniões sociais, em bares, em cafés, em restaurantes, no Gabinete de Relações Públicas do Governo, onde, embora demitido, continuavas indo. Era constrangedor, fingiam não se ver. Mas o momento crucial, o último confronto direto foi alguns meses depois. Estavas no Cine São José, esperando a chegada do governador Celso Ramos para a apresentação de um documentário cinematográfico no qual havias colaborado. Tinhas chegado cedo. Enquanto aguardavam, já com a presença de autoridades e outros convidados, formavam-se rodas de bate-

-papo. De repente entra o secretário de Segurança, olha para um lado e outro, indeciso. Em lugar de fazer um movimento de cabeça em direção ao teu grupo, discretamente, avança e vai estendendo a mão de um em um. Quando chega a tua vez, ele estende a mão e num gesto instintivo colocas a tua no bolso da calça. E lá está, entre vocês, o dr. Jade Magalhães de braço estendido. Há um momento de pasmo, de extrema tensão, de incredulidade. Os que podem se afastam, a antessala do cinema fica quase vazia, tu tremes por dentro, medo, raiva. Neste exato momento entra o governador, o que provoca um alívio geral, todos se dirigem à sala de projeção. Durante todo o tempo o ambiente permanece carregado, o documentário é projetado sem que lhe seja prestada atenção. Na saída um amigo te puxa para um canto, te carrega dali, pergunta, não tiveste receio de ser preso outra vez?, e tu, receio?, eu estava era morto de medo, eu estava era apavorado, tremia por dentro, não sei como conseguia me manter de pé, mas mesmo que quisesse não podia apertar a mão daquele homem; se o tivesse feito, no dia seguinte me envergonharia de me olhar no espelho na hora de fazer a barba.

## Faces

OUTRA CONSEQUÊNCIA DA PRISÃO. Refletes, recompões, sim, não fosse ela, seria improvável (talvez inviável) a mudança para o Rio de Janeiro, permaneceria como um sonho distante sem esperança de realização. Mais difícil, ainda, acabares repórter de revista. Tinhas projetos bem mais ambiciosos. Sem abandonar o jornalismo profissional, principal ganha-pão, pretendias te dedicar com afinco à literatura, ao cinema. Pouco tempo depois de ser obrigado a mudar, foste trabalhar na *Manchete*, a fim de ajudar a suprir o escasso orçamento resultante do salário na Agência Nacional e de eventuais *freies*. Numa das viagens, neste imprevisto de que se compõe o dia a dia do ser humano, em especial um jornalista itinerante, tiveste ocasião de conhecer o homem que arrastara Gregório Bezerra pelas ruas do Recife, episódio que os guardas não cansavam de repetir durante o teu passeio à noite, no jipe, pelas tortuosas ruas de Florianópolis. Com o fotógrafo Gervásio Batista, estavas em Lages preparando uma reportagem. Pela tardinha, depois de um dia cansativo, vocês relaxavam no apartamento do Grande Hotel Lages. Reviam, sem ânimo, o que havia sido feito e o que tinham pela frente no roteiro de trabalho. Toca o telefone. Gervásio atende. Te chama, é pra ti. Uma voz aflita, ansiosa, de secretária, diz, aqui é da Prefeitura Municipal, onde o senhor se encontrava, pelo amor de Deus, que dificuldade, estamos há tempo atrás do senhor; e o tom implorativo,

por favor, o senhor prefeito tem urgência em lhe falar, não desligue. Um momento de silêncio e ouves a voz, contrafeita, do prefeito, pergunta como vão vocês, como está indo o trabalho, o quanto já fizeram, demoram ainda na cidade?, não necessitam de nada, qualquer coisa podem dispor. Estranhas o introito, sem significação maior, até que o homem engata, preciso de um grande favor de vocês, não vão poder me negar. Perguntas, o quê? E ele, sem delongas, como quem quer se livrar de um peso incômodo, me telefonou o comandante do Batalhão Ferroviário, não sei se sabem, é sediado aqui, descobriu que vocês preparam uma matéria jornalística sobre a região, quer que visitem e colham elementos e fotografias das obras do BF. Não titubeias na resposta, prefeito, me desculpe, nós temos uma pauta de trabalho que foi decidida no Rio, nela não consta nada do BF. O prefeito respira fundo, faz uma pausa, cala sem saber o que retrucar, como quem se concentra, indagas, alô, alô, está me ouvindo, até que voltas a ouvir a voz, um diapasão mais baixa, dramática, tensa, angustiada, o tom implorativo, vocês me ouçam, por favor, não podem me fazer isto, como dizer não a este homem, o comandante determinou que eu me entendesse com os senhores, já tem tudo pronto para amanhã bem cedinho, marcou até a hora, uma viatura do batalhão vai apanhá-los no hotel e acompanhá-los aos canteiros de obras, mandem, digam o que devo fazer pra que atendam à determinação. Não podes deixar de rir, lutas por te conter, Gervásio percebe que é um riso nervoso, acompanhou-entendeu a síntese do diálogo, te cutuca, pede que respondas, e tu, mandou como? E o prefeito, mandando, sabe como é, o comandante me disse

que tem obras importantes do município, do estado, do país, que não devem de maneira nenhuma ficar fora da reportagem. Respondes, entre intrigado, indignado, indeciso, como é que ele soube e qual o motivo de não poderem ficar de fora, o que têm elas a ver com a nossa matéria, estão fora do nosso enfoque. Agora o tom que te chega é implorativo, ouçam, vocês precisam atendê-lo, não tenho outra saída, digam o que preciso fazer pra que atendam, me digam por favor! Por favor! Pensas em responder com uma única palavra, nada, mas a voz te causa pena, é ao mesmo tempo implorativa e intimidante, pedes um tempo, percebes que o homem está à beira do pânico. Estirado na cama ao lado, entretido (ou fingindo) em limpar uma máquina fotográfica, Gervásio te olha divertido-preocupado. Consultas, e agora, o que vamos fazer? Com aquele jeitão impagável de se colocar diante de qualquer situação por mais esdrúxula ou cabeluda que seja, ele ri, mexe os ombros, te olha, sussurra, e eu lá sei, tenho nada a ver com isso, te vira, o abacaxi é teu, vamos fazer não, vais fazer, sou só o fotógrafo, te lembra, respondes, seu sacana, agora é só o fotógrafo, hein, me ajuda, só o fotógrafo é?, o prefeito está no telefone quase em lágrimas, vai ter um chique, te dá até a bunda em troca de umas fotos e do texto, me ajuda vai, debes ter uma solução, mais tarimbado que eu. Com a experiência de anos em situações bem mais complicadas, Gervásio te mira, diz, não gosto de bunda de homem, mas deixa pra lá, se queres mesmo um conselho deste tarimbado mestre aceita, amanhã bato as fotos, capricho, anotas o que o homem quer, depois no Rio a gente vê o que faz, como se livra do abacaxi. Ficou combinado para a manhã seguin-

te, às sete horas uma viatura (para militares nunca é carro, só viatura) apanharia vocês no hotel, percorreriam todo o trecho em obras, deveriam voltar só à tarde, almoçariam num canteiro de obras. Teriam que refazer o roteiro da viagem, um ou dois dias mais ali, paciência! Manhãzinha. Vocês estão se aprontando quando soa o telefone. É da recepção. Uma voz apressada reclama, desçam, vamos, desçam logo, já estão esperando. Gervásio responde, calma cara, um momentinho, estamos indo. Chegam à recepção, na rua um soldado está no carro esperando; indócil o oficial caminha de um lado para o outro no salão. Tu o cumprimentas, ele mal responde, perguntas, é com você que nós vamos, o oficial concorda com um movimento de cabeça, convidas, nos acompanham, vamos tomar um rápido café, o oficial mexe a cabeça para um lado e outro num gesto negativo, diz um categórico NÃO, estamos na hora, vamos logo, tu respondes, ainda temos uns minutos, não são sete, só pra não sair em jejum, olhas para o teu relógio, o oficial volta a olhar para o dele e diz, mais taxativo, mais dogmático, palavra final, são sim, mais até, exatos sete horas e quatro minutos, o meu relógio é que está certo, não há engano possível. Naquele tom e com aquela expressão fisionômica o argumento é irrespondível. Vocês tomam a viatura (não pode ser carro), única coisa que podem tomar no momento. E café da manhã mesmo só irão tomar uns sessenta quilômetros adiante, no primeiro canteiro de obras. Ao começar a caminhada o oficial, que vai no banco de trás contigo, quer saber qual dos dois é o repórter e qual o fotógrafo. O nome de ambos já sabe, mas precisa identificá-los pessoalmente. E só então se apresenta: coronel

Ibiapina, comandante do Batalhão Ferroviário de Lages. Gervásio te olha, tu olhas para Gervásio. O impacto é imediato. Sim, ali, diante de vocês está o homem a quem os dois guardas do teu passeio aterrorizante pela noite se referiam, o homem que arrastara Gregório Bezerra pelas ruas do Recife durante quilômetros, sim, sim, não há dúvida possível, é o próprio, o famoso coronel Ibiapina. Gervásio e tu olham com atenção, buscam reconhecê-lo, tê-lo-ão visto em fotos, durante os dias de viagem com Gervásio ias lhe contando passagens de teus dias de prisão, sem dúvida te referiste ao passeio (e ainda hoje, por mais que lutes, outra palavra mais condizente não te surge, é só passeio) pela noite florianopolitana. O coronel parece perceber o que ocorre, olha para um e outro, vocês calados. Mas as surpresas não acabam. Pouco demora ele revela outra face, qual a mais autêntica, agora te pergunta. Ambas? Te põe em dúvida. Ambas só, seriam apenas duas, voltas a te interrogar. Ei-lo afável, até bonachão, fala com doçura dos seus, preocupado com a doença de um parente a quem ajuda, mas a doença é renitente, fala de suas missões sem tocar, claro, no episódio de Recife, fala da cidade de Lages, a dúvida ao ser transferido, mas um verdadeiro soldado não discute ordens, a hierarquia é sagrada, da surpresa agradável quando chegou a Lages sem dela nada saber, quer conhecer mais do trabalho que fazem, se são casados, se têm filhos, difícil deve ser cuidar de uma família com tantas viagens, tanto tempo fora até sem notícias, difíceis as comunicações, mas por outro lado deve ser excitante conhecer novos lugares, gentes de outras latitudes e psicologia, bom viajar sim, Gervásio conta que mal havia desembarcado de Miami,

onde fora cobrir o concurso Miss Universo, arriscou uma piada, cobrir o concurso, não a misse, o coronel ri delicioso, e viera correndo desbravar o inóspito extremo oeste catarinense, quase lá na Argentina, não tinha qualquer ideia daquele mundão, agora para sua felicidade se encontrava na simpática e hospitaleira Lages, estava tomando conhecimento de um novo e singular Brasil, ele, um baiano do mundo. Tu explicaste que moravas no Rio, mas eras do litoral de Santa Catarina, falou-se nas belezas naturais, da pesca, do litoral com praias rendilhadas, intocadas, mansas ou selvagens. O coronel contou histórias, engrenou fatos, lembrou passagens de sua vida, falou da trabalhadeira que era abrir trechos no meio da selva virgem, Gervásio ia se animando, se soltando mais, interrompeu, nada como desvirginar, não é, coronel? O coronel ria, num gesto amistoso bateu nas costas do Gervásio, vejo que és um bom papo, precisamos conversar mais fora do horário do trabalho, insistiu, era preciso divulgar mais o que faziam, mostrar bem as faces de um exército integrado no pleno desenvolvimento do país, vocês aqui serão os primeiros, os pioneiros que vão ter ocasião de documentar a importância e o significado para a região do trabalho que fazemos, o que representa o Batalhão Ferroviário para um país da extensão territorial do Brasil, com tantos problemas insolúveis, com tanta fome e miséria numa terra que produz de tudo e tem lugar para todos. Na primeira parada, a do café da manhã, o coronel já se descontraíra mais, brincou com crianças, filhos de trabalhadores, perguntou como ia a abertura das matas, e a abertura do túnel, e as dificuldades, qualquer coisa apelassem para ele. Emocionou-se com um menino que ma-

chucara o pé no tronco de uma árvore, procurou lhe estancar o sangue e o choro, alisou e beijou no cabelo a menina que ria e acompanhava o grupo pedindo, quero ser fotografada, o coronel interferiu, Gervásio, faz uma foto dela, depois me manda que me encarrego de entregar, vai ser uma glória pra pequena. E a cada momento, aquele ser de truculência inaudita, nacionalmente conhecido, que não movera um músculo nem tivera um resquício de compaixão ao arrastar um semelhante pelas ruas da cidade, que afirmara de forma taxativa, são sete horas e quatro minutos exatos e meu relógio é que está certo, agora se revelava um novo ser, mais humano (extirpas o mais, fica só o humano), carinhoso com as crianças, preocupado com os assalariados, atencioso com vocês. Na próxima parada, noutra canteiro de obras, para o almoço, fazia questão de saber se todos estavam sendo bem servidos, se a carne era mesmo de boa qualidade, carneada de gado dali, da Coxilha Rica, se queriam mais uma cervejinha gelada. Gervásio, tarimbado, viajado, ia se soltando. Arriscou uma piada de salão. Como foi bem aceita, avançou mais, relatou casos, o coronel deliciava-se com as anedotas picantes, adorou a do restaurante, que Gervásio jurava juntando os dedos sobre os lábios haver escutado — e que, insistia, não era piada, era um caso verídico ocorrido lá pras bandas do Oeste. Era o anúncio de uma churrascaria, mais ou menos o seguinte, na voz empastada do locutor — e Gervásio procurava imitar o tom da voz, o reforço em determinadas palavras, as expressões que marcavam o caso: “cavalheiro, durante toda a semana sua senhora (Gervásio parava, esclarecia, o locutor nunca dizia senhora, era senhõra, com acento

circunflexo no o) lhe prepara os mais deliciosos acepipes. Então, aos domingos, é mais do que justo, está mesmo na lei do Senhor Deus, que ela tenha o merecido descanso. Não vacile, tome sua senhora e vá comer no matinho”. Ele fazia uma pausa para sentir a reação, a explosão de risos, e esclarecia, matinho era o infeliz nome da churrascaria. O coronel também tinha as suas piadas, acreditava-se um humorista nato, eram na maioria sem graça, um humor pesado, tétrico. Mas todos riam delas até as lágrimas. Ninguém era besta, inda mais naqueles tempos. De repente, eis a metamorfose brusca, e podia surgir a face anterior, o coronel do Recife, ou um dos vários outros ‘eus’ daquela complexa personalidade, como passou a repetir Gervásio, ninguém sabia ao certo quantas faces nele existiam, e de quais qualidades seriam. Mas Gervásio era imprevisível. Virava-se e dizia, coronel, aposto que o senhor ainda não conhece a história do deputado federal do meio-Oeste, dono de tudo no município, que chegou sem nada e agora tinha a maior indústria do estado, construíra a cadeia, a casa do juiz, a igreja, o quartel, o palácio da justiça, as escolas, o que mais se possa imaginar e era dono da emissora de rádio. Toda vez que ele vinha ao município era esperado, e o locutor saudava-o diante da multidão que vinha aplaudi-lo; dizia, temos outra vez a subida honra de ter entre nós esse ínclito cidadão, personalidade sem jaça, a quem tanto todos devemos e que vai nos dar a honra de sua palavra, deputado, o microfone é seu. E o deputado, cansado de ouvir sempre a mesma chorumela, um dia não se conteve, virou-se para o locutor, apontou o dedo tocando quase no nariz do rapaz e replicou, microfone só não, rádio também, tudo é meu.

O coronel não conseguia parar de rir. Não tinhas o poder de comunicação do Gervásio, mas foste à forra. Passaste a ter, a partir dali, uma resposta para as infundáveis brincadeiras de teu companheiro. Durante o resto da viagem, longa, com paradas em bibocas, com a reportagem por vezes empacando, a qualquer tentativa de desculpa do Gervásio (atraso no horário, máquina pifada, reclamação pelas dificuldades para fotografar, falta de sol, chuva inclemente, tempo nublado, estradas intransitáveis), te punhas impassível e rígido em teu canto, compunhas um ar sombrio, empunhavas teu relógio como quem empunha uma arma mortal, dizias: nada de desculpas esfarrapadas, dá um jeito, vamos logo pro batente, são sete horas, quatro minutos, trinta e três segundos e seis décimos. E não adianta discutir, repito, o meu relógio é que está certo. Ponto final!

## Fragmentos/Perfis — I

REGISTRO DE FATOS corriqueiros ou insólitos e identificação de um preso que acabou de chegar, as anotações no diário, sucintas, feitas às pressas com tua letra tortuosa, são quase ilegíveis. Agora te esforças, decifrá-las é penoso, mas necessário. As palavras vão surgindo daquele emaranhado, se juntam para compor situações e seres. Rememoras. Flagrantes risíveis ou dramáticos desfilam, perfis de vidas ressurgem. Entre tantas a tua, no que foi, em teu caso, um interregno de 48 dias. Infindável se examinado de um ponto de vista pessoal, ínfimo se comparado com os meses-anos de tantos outros. Um exemplo: Chico Pereira, advogado, esteve preso seis meses, no quartel, na penitenciária, foi transferido para Curitiba, conseguiu fugir, exilou-se e ficou 16 anos no exterior. Período de exceção, se trouxe incerteza, te enriqueceu no conhecimento do ser humano, sua psicologia, seu medo, sua coragem, sua solidariedade. Um dia, ainda incomunicáveis, vocês tomavam sol no pátio. Mário Moraes descobriu um jeito de, através do muro, trocar algumas palavras com a mulher. Descoberto, foi devolvido ao alojamento, proibido de tomar sol. Imediatamente, todos os que ali se encontravam ergueram-se e o seguiram, num movimento de protesto pela arbitrariedade. A ordem pouco depois foi revogada. Conviveste com personalidades contraditórias, fascinantes, amorfas, corajosas, maníacas, depressivas, vibrantes, pusilânimes, tão díspares nos enfrentamentos

do dia a dia, na disposição de reagir ou de se entregar. Havia, certo, momentos de desalento geral, cada preso em seu ‘quarto’. Alguns não saíam da fossa, negavam o que haviam sido. Para que citar o nome do bancário, conhecido por sua participação nos movimentos classistas, que agora insistia em dizer que nunca tivera nada a ver com aquilo? Ou o estivador, que, ao contrário, afirmava sua posição de luta. Para melhor apreendê-los, e por via de consequência melhor te conheceres, observas, fixas, gravas, extras lições. É um laboratório. Não tens pejo de assim agir. Mais tarde, quem sabe, aquilo poderá ser útil, revelar como transcorreram os dias turvos, imprevisíveis, onde nenhuma espécie de futuro se descortinava. Decifras uma frase pomposa que, hoje, te faz sorrir de mofa. Ei-la: “o debruçar-me sobre o presente, que logo será passado, pode me ajudar a prever-conhecer o novo presente que logo virá a moldar, espero, um futuro melhor”. Palavras altissonantes, vazias de sentido. Ou não? Como e por que foste chegar até elas? Que importa! São tuas mesmo? De algum companheiro? Detestável tom filosofante. Não consegues imaginar a autoria. Melhor esquecê-las. No caderno, parte a lápis, outra a tinta, as duas primeiras frases são da tua mulher, em sua letra firme e clara:

*Para te distraíres escrevendo  
Querido, querido, quanta saudade!*

A seguir alguns nomes. Uns te dizem muito, outros absolutamente nada. Por exemplo, Mauri, filho de um sócio do Mimo, contador da gráfica. Te esforças; não consegues fazer aflorar a figura do Mauri, que se esfumaça e

recusa a aparecer. Da gráfica te lembrás. E sem saudade, foi uma tentativa frustrada de atuação numa área que não conhecias. Do Mimo também te lembrás, eletricitista, primeiro vereador do PCB, correto e combativo, sempre dogmático em suas afirmações. O que não consegues lembrar é se ele foi preso ou fugiu. Já com Aurélio Alves, inspetor de trânsito aposentado e músico da banda Amor à Arte, que num certo dia se metamorfoseia em neto do poeta Luiz Delfino, a situação é totalmente inversa. Nem necessitas puxar pela memória. Logo ele se posta diante de ti, magro, mirrado, quieto. Para te certificares dessa dualidade vais em busca de outros nomes: Arno Lippel, funcionário da Celesc, sem dúvida sabes quem é, tinha posição definida, colocava com pertinência suas ideias. Ambos soltos, continuaste a te relacionar com ele. Já no caso de Benito Machado, presidente do Sindicato de Energia Elétrica, vulto impalpável e fugidío, talvez tenha sido apresentado pelo Arno Lippel. Folheias mais páginas do caderno, avanças-recuas, te deténs numa ou noutra. Nomes vão se sucedendo, figuras se postam diante de ti, relacionadas em geral pelo município de onde vieram, seguido de profissão, idade, estado civil, número de filhos, motivo(s) da prisão. Começas a examinar a extensa lista: Waldir, 18 anos, estudante, pai estivador em Itajaí, atuação no movimento estudantil; Guarino Iléo, 40 anos, de Lages, alfaiate, sete filhos, líder sindical na categoria, firme em suas colocações, percebendo com clareza a situação. Paras. Pensas: mais importante do que catalogá-los assim seria traçar o perfil de cada um, deixá-lo se expressar explicando as razões que o levaram a agir desta ou daquela maneira. E mostrar a atuação (ou não) no meio

social, como foram presos, a angústia, o medo, a coragem, os sonhos, as decepções, as esperanças, impressões do dia a dia que lhes marcaram o comportamento na prisão e fora dela. Em dado momento te questionas: não estarei agindo deste modo para me esconder de mim mesmo, para fugir de meus pavores, da minha indecisão? Importa isso?, te indagas a seguir. Invalida o que foi sendo anotado e ao qual te reportas? Afinal é um registro válido o que tentavas. Fragmentos de situações e vidas estão diante de ti, vivos, ricos de sumo, esperando. Esperando o quê? Esperando, só. E tu não ias poder passar o tempo todo debruçado sobre livros, devoraste em três/quatro dias os quatro volumes do *Quarteto de Alexandria* do Lawrence Durrell, releste com o mesmo fascínio, e novas descobertas, *A montanha mágica* do Thomas Mann, pediste livros do Machado de Assis, sozinho retomaste a tão velha e sempre nova discussão sobre a infidelidade (ou não) da *Capitu*, buscaste fazer-refazer a lista dos dez melhores contos do bruxo do Cosme Velho, foste decifrar páginas intrincadas do *Ulisses* de James Joyce, na tradução argentina de J. Sallas Subirat, que lias-relias desde 1948, te deslumbravas com os versos de Cruz e Sousa, pedias ao Aurélio que te dissesse mais poemas do Luiz Delfino. De tua casa livros vinham e logo voltavam. Mas existiam momentos de náusea, de saturação, ias sem te fixar de um livro de ficção a um ensaio, o livro não te bastava, não te satisfazia, havia necessidade da leitura compartilhada com tua mulher, da discussão do que tinha sido lido com um amigo. Indócil fazias e desfazias o trajeto do alojamento, te postavas à janela, voltavas, em vão, ao livro, sem conseguir te concentrar. No alojamento

poucos estavam interessados em teu tipo de leitura (ficção, poesia, ensaios literários), a maioria queria literatura política — proibida de entrar. Assim, as anotações, sem preocupação com o possível futuro que possam vir a ter, te alivia, representam espécie de descarga para a tensão represada que ameaça explodir. Recuas no exame das anotações, voltas à página três, lá está, sob o subtítulo ‘O clima’, um curto e significativo parágrafo: “De repente, sem se conhecerem, sem saberem nada uns dos outros, homens são atirados juntos na mesma prisão. No início, estupefatos, se observam com um temor misto de curiosidade, investigativos. Depois, aos poucos, em movimentos indecisos, buscam se aproximar e conhecer, procuram modos de passar o tempo, não apreendem a duração física dele, pois dias e noites são intermináveis.” Outra curta anotação: “Os que ali já se encontram aguardam ávidos as poucas notícias dos recém-chegados, querem saber qual a situação geral do estado e do país, a quantidade de presos, onde se encontram, na penitenciária do estado ou na Escola de Aprendizes Marinheiros, será que, conforme se murmura, alguns foram mesmo levados para outras regiões, Curitiba, Rio; é verdade que está havendo tortura e morte?” No quartel a única tortura que existia, pelo menos no teu caso, era a psicológica. Continuas a folhear as páginas. Outro trecho te toca: “Os dias transcorrem monótonos e nós acompanhamos com extrema atenção os menores ruídos, uma risada em uma das casas, um assobio, a caminhada de uma formiga pela parede.” Apostavam, onde iria a formiga parar, quantas a seguiriam logo? Eis outra frase solta: “Sabíamos com exatidão a hora da alvorada, antes mesmo do soar do corne-

teiro, a hora da entrada do oficial de dia que vinha vistoriar o alojamento, a corrida para a fila do sanitário.” Agora te esforças, queres ver se consegues te lembrar do que terias desejado dizer ao anotar, em caixa-alta na tua letra informe, TUDO PELO TOQUE DA CORNETA. Será que estavas querendo te referir aos horários, que precisavam ser rigorosamente cumpridos? E o que representava de martírio para quem, como tu, nunca soube o que era horário rígido. Possível. Nada tinha a ver, certamente, com a seguinte anotação: “À noitinha, um violão solado ao longe vinha quebrar o silêncio, chamava para um outro mundo. O som se fundia com o arranhar de uma bota, o ruído de uma chave na fechadura da casa ao lado. Corríamos para as janelas, buscávamos entrever o violonista, íamos acompanhar o movimento da meia dúzia de casas, o acender das luzes, uma porta que se abria ou fechava, pessoas que chegavam ou saíam, o preparo do jantar. Uma doída melancolia nos tomava, nos projetávamos imaginando como estaria nossa família, o que fariam nesta hora, como lhes transcorria a vida.” Não existe — nem pode existir — sequência lógica em tuas anotações. Elas surgem sem motivação aparente. Ou agora te parece sem motivação. São fragmentos, *flashes*. A propósito da situação dos presos, de como cada qual encara a prisão e suas conseqüências presentes ou futuras és seco. Parece que não só tu (todos, talvez) queres ignorar o momento presente, como se estivesses confinado num curso ou participando de férias coletivas. Inútil. A realidade é exigente, mais forte. Logo um novo preso chega — e uma lufada de fora fere, esmaga. Basta uma frase assim, *a situação está mais preta*. Ou então é um que não

esperava e sai, outro que é transferido sem se saber para onde. Teria ido para a penitenciária? Local que se dizia estão confinados os mais perigosos. Qual o significado daquele ‘mais perigosos’? Chico Pereira, advogado de sindicatos em Blumenau, que bem jovem participou da última fase das aventuras do Grupo Sul, é dos ‘mais perigosos’? E tu, um dos líderes do Grupo, ex-dono da livraria, rotulado intelectual, também? Momento de impacto que te atingiu como uma bofetada foi saberes que a livraria Anita Garibaldi tinha sido incendiada. A notícia te chegou de maneira incidental, através de um novo preso, que nem sabia de tua participação na história da livraria, nem nunca havia escutado teu nome. Estavas lendo, o novo preso, estivador de São Francisco, contava para um grupo as novidades lá de fora, no grupo o Chico Pereira, que te chama, olha vem cá, anda, esta notícia te interessa, e tu, que notícia, e o Chico para o homem, meia-idade, baixote, retaco, fala arrastada, conta pra ele, vai, e o homem, maiores informações não tenho, ouvi dizer pelos guardas quando vinha pra cá que arrombaram as portas da livraria, tocaram os livros na rua e fizeram uma fogueira. Visualizas: os incendiários pulam, berram palavras de ordem, as chamas aumentam, atiram mais livros, dizem aqui só tem obra de comunistas, um perigo, não podemos permitir que isto continue. Durante dias não consegues ler direito, conversar, comer, o mundo desaba, sumiam tuas parcas ilusões, era a volta do nazismo, inimaginável o que ocorrera, mastigavas com raiva teu asco. Estupefato te perguntas o que mais poderia acontecer. Só que já tinha acontecido. Também tua mulher (daí o motivo de não mais ter aparecido com as crianças para te aba-

nar lá do outro lado da rua) tinha sido presa. Durante três ou quatro dias, até que a prisão em cárcere houvesse sido transformada em prisão domiciliar diante das pressões de alguns amigos, quatro crianças menores ficaram aos cuidados de parentes e vizinhos. A propósito, em tuas anotações não há uma única referência ao fato. Percorres o caderno, minuciosamente, linha por linha, procuras decifrar teus garranchos em busca de uma única palavra que seja sobre a prisão de tua mulher e o impacto devastador que isto significou. Em vão. O que encontras são frases anódinas. Quererias elidir o problema? Uma frase: “Ficávamos atentos ao ruído de um carro que entrava ou saía do pátio, a um avião que riscava o céu e que era mal e mal entrevisto das janelas.” Ou: “Outra vez me procura o soldado que em troca de uns trocados se dispõe a ir ao bar em frente ao quartel comprar um pão novo, um refrigerante, uma garrafinha com um líquido espesso chamado Chocomilk (que depois de solto não conseguias mais ver, quanto mais engolir), de gosto adocicado e enjoativo, que bebo com gula.” Logo adiante: “O soldado me chama para um canto, fala da doença de um filho, está sem dinheiro para o remédio, o senhor pode me ajudar?” Não tens o que ele precisa, falas com outros, juntam o necessário, ele sai com uma mesura, diz “disponham para o que eu puder, por favor isto fica entre nós...” Outra breve anotação revela o estado de ânimo de vocês: “Ansiamos pelo momento da chamada para as refeições, não tanto pela comida sempre a mesma, mas pela oportunidade de sair, caminhar até o refeitório, ver um pouco de sol, de verde, de terra, de luz natural.” Nos primeiros dias a incomunicabilidade foi severa, rigorosa. Depois, mesmo an-

tes de ser suspensa, os presos tinham, pela manhã, duas/três horas de sol no pátio, caminhavam, batiam uma pedrada, se estiravam molengando como se estivessem saindo de um trabalho exaustivo. Continuas a repassar o caderno. Agora, sem nominar a quem se refere, escreves: “À medida que os dias transcorrem, vai ficando mais nervoso, pior, rosto encovado, macilento, olhos mortiços. Mal se alimenta, pouco dorme, não se manifesta. Hoje, dia 8 de maio, não conseguiu se movimentar, com vômitos e desarranjo intestinal. Chamado o médico, atestou desidratação, necessidade de internamento urgente, tomar soro. Não se conseguiu detectar a razão do mal. Natural de Blumenau, cerca de trinta anos, saía da exaltação para a depressão, irritadiço, era incapaz de aceitar uma brincadeira. Nas poucas vezes em que se lhe arrancavam algumas palavras, negava ter qualquer participação política, mastigava, não sou disso.” No entanto, mais de uma vez tu o flagraste procurando assobiar, inconscientemente, trechos da Internacional. Não se encontra em tuas anotações, mas recordas tê-lo questionado a respeito. Negou com veemência, foi além, tentou te agredir, disse não me ofenda, é vergonhoso inventar mentiras assim. De onde procediam os presos? Eis uma indicação precisa extraída do caderno: “Os presos do quartel da Polícia Militar tinham procedências diversas. Vinham de Lages, de Itajaí, de Concórdia, de Blumenau, de São Francisco, de Araquari, de Bom Retiro, de Florianópolis. De quais categorias profissionais? Havia químicos, comerciantes, comerciários, médicos, advogados, industriais, industriários, funcionários públicos federais, estaduais, municipais, eletricitários, economistas, bancários,

jardineiros, mecânicos, motoristas, relojoeiros, engenheiros, estivadores, camponeses, professores, agricultores, jornalistas, agitadores, agiotas.” Paras. Esboças um sorriso que logo se transforma em gargalhar. Relembras a cena tragicômica. Narrada pelo próprio em soluços, lágrimas escorrendo pelo rosto barbado. Velhote a suspirar pelos cantos, recusando contato, só tinha uma frase que repetia e repetia toda vez que o alojamento recebia a visita de um oficial, quer dizer, diariamente: “seu oficial, me ouça, pelo amor de Deus, mande se informar lá na minha terra, ouça minha gente, sou homem de paz, foi maldade o que fizeram comigo, nem sei o que é a tal de agitação, eu sou é agiota, entenda, a-gi-o-ta, deve ter sido alguém que me devia quem me denunciou”. Ao que Mário Moraes, sempre desabusado, retrucava rindo, “pois eu quero declarar alto e bom som que entre agiota e agitador opto pelo segundo: afinal sou ou não sou o Mário-comunista?” Para zombar do agiota, que ficou sendo seu alvo preferido, e de outros idênticos a ele, Mário às vezes amanhcia cantarolando, punha o terno completo, arrumava a gravata, perguntava estou bem não estou, penteava o cabelo, barba feita no capricho, gritava cambada prestem atenção, vou sair hoje, quero ver vocês todos mofando, mais que todos, tu — e apontava para o agiota. Comprovada a agiotagem do agiota após oito dias, ele foi solto. Não havia mais dúvida, podia-se ver na prática, o golpe tinha sido contra os chamados agitadores, não contra agiotas e agiotagem.

Cena imutável, que se repete e que fizeste questão de anotar: “Manhã, após o café, cada qual varre e arruma,

no alojamento geral, o que se convencionou chamar de 'seu quarto'. Depois disto se formam os grupinhos heterogêneos: uns conversam, outros se põem à janela vendo as pessoas que passam, outros leem em voz alta." Fim da curta anotação, mas agora te recordas das reclamações quando alguns não cuidavam de seu 'quarto'. Aurélio, por exemplo, gostava de pedir, com voz pausada, paciência, não cria caso, tou indo já, me dá um tempinho... Outro exemplo: Nézio Jacques Pereira, funcionário público, lotado no DCT, bem-falante, dizia, ora, me deixem em paz, tenho mais no que pensar, afinal o quarto é meu ou não, pra mim tá limpo, bolas, quem não aceitar assim por favor não olhe nem precisa entrar nele, tá bom, quando me der na veneta limpo, aliás tá mais limpo que outros que vejo...

## Fragmentos/Perfis — II

DEFORMAÇÃO PROFISSIONAL. Eis uma expressão que te agrada e costumavas repetir com frequência. Dizes: espécie de marca identificadora grudada às pessoas, nova pele sobre a pele original. Quantas vezes, na rua, em hotéis, no trabalho, em bares, nos teatros e cinemas, chamavas a atenção de tua mulher ou comentavas contigo mesmo, olha, é um bancário, é uma professora, é um jogador de futebol, é uma dançarina, é um cabeleireiro, é um caixairo-viajante, é um marítimo, é um... Ela atiçava, vai, pergunta, apostamos. Não te davas por vencido num eventual engano. Rebatias brincando, vê o teu caso, professora, basta engrenar uma conversa mais acalorada e levantas um dedo, surge a *magister dixit*. Ela ria, questionava, um Guido Wilmar Sassi, na tua concepção, é o bancário ou o escritor? Saías pela tangente, não te entregavas, em casos excepcionais pode uma mesma pessoa incorporar duas ou mais deformações profissionais, o próprio Guido é um bom exemplo, nele convivem o bancário e o escritor, basta saber olhar com olhos que querem ver, pode até uma das deformações preponderar. Agora, num ambiente restrito, tens todo o tempo para aquilatar a validade do que afirmas. A fim de confirmar tua tese, da qual por vezes tens dúvidas, ficas observando teus companheiros de cadeia. O tique de um, o cacoete de outro, a maneira típica do andar deste, o jeito de se pôr à espreita daquele, a fala compassada ou rápida, expressões idiomáticas, a preocu-

pação com o dizer, o vestir, o andar, o comunicar-se. Mesmo o mais desatento dos homens logo identifica um marítimo ou um locutor. Tens diante de ti um universo rico em sua variedade, que permite extrair conclusões, confirmar ou até relegar a teoria da deformação profissional. Alguns tipos são mais fáceis, logo se destacam, se postam à boca da cena, avaliá-los quase não dá trabalho; outros custam, se esquivam, nunca deixarão de ser impalpáveis manchas fugidias, de quem não consegues fixar um gesto, uma frase, uma expressão fisionômica. Mas o jogo, assim, se torna mais fascinante. Também estes devem ter uma profissão que os marque, uma existência pontilhada de episódios dramáticos ou cômicos — todos têm, diria o conselheiro Acácio. Então por que relutam em se manifestar? Luis Gordinho, por exemplo — e quem será Luis Gordinho? — sempre, de manhã à noite, fiel ao apelido, repetindo famélico, tens aí alguma coisa pra se comer? O ‘se’ era um ‘eu’. Nem o ‘Gordinho’ te traz de volta seu perfil físico, para não falar do psicológico. É só um nome. Não te entregas. Existem milhões de famintos no país, daí a dificuldade em identificá-los. Não, não é bem este o problema. Queres ignorar tua capacidade (tua incapacidade melhor dizendo) de capturá-lo, penetrar no que possa ter de peculiar. Vais a outro, procuras o nome, a idade. Nada. Só a anotação: “sempre sentado, ruminativo, movendo os dedos expressivos, de vida própria, mãos ávidas parecendo manipular notas, este sim, nem precisa revelar sua categoria, é perfeito para a minha classificação, um bancário. Quase neurastênico, movimentando milhões todo dia e recebendo tostões ao final do mês, preocupado com as finanças do país e da família, mur-

mura, quase ininteligível, será que os meus, sem a minha presença, vão saber se gerir, precisam estar prevenidos neste transe, quanto tempo vou ficar aqui, percorria frenético as páginas financeiras dos jornais, resmungava, tenho que avisar os meus...” Logo o identificaste. Também pudera! Mas agora, diante de ti, ele não se corporifica, é só dedos e mãos. Não queres. Mas já começa a manipular dados, a ficcionalizar. Não-não! O entusiasmo inicial se esvai, aqui não é uma brincadeira, o que te propões resulta falso e falho. Como? Por quê? Continuas. Dentro de ti se fundem-confundem presente e passado, estás em teu escritório debruçado sobre tuas anotações e estás no alojamento. Lê: “para conhecer a deformação profissional de alguém talvez não exista necessidade de que se manifestem tiques, trejeitos, gestos, cacoetes. Então como? Basta saber observar com percuciência uma pessoa, perscrutar sua psicologia, seus hábitos, seus costumes, modos de agir e reagir diante dos fatos, apreender o comportamento, o mover dos braços, ombros eretos ou encurvados, pés firmes ou titubeantes, o fremir das narinas, o respirar calmo ou agitado, o situar-se diante do outro, preocupações com temas específicos”. Paras. Reconsideras. Começas a desmontar teu arcabouço, a te repetir-refutar-contestar, queres-não-queres atingir o cerne da questão: tu mesmo. Tua deformação profissional. Ontem e hoje. Antes da cadeia, durante, depois. Toda elucubração que armas e projetas são desculpas para aguentar a dura convivência com o momento extremo que atravessas. Que atravessaste. Tens que levá-lo em conta na tua análise. A excepcionalidade afeta a todos, influencia o comportamento geral dos que ali foram jogados. Sendo

os mesmos são outros. De novo paras, questionas a mania que tens de querer catalogar, classificar. Mais: transformar tudo e todos ao teu redor em situações e personagens fictícios. É incorreto. Diante de ti estão quase sessenta seres diferentes, vindos de variados estratos da sociedade, ali confinados em circunstâncias especiais, seja com ou sem motivo. Também especial a visão de mundo a teu redor. Estará isto bem definido em tuas anotações? A propósito de tuas reações e da reação dos demais comesças, logo que recibes o caderno, a rabiscar as primeiras impressões. Existem observações que mais adiante se confirmavam válidas; outras, a respeito da mesma pessoa, com o passar dos dias, se contrapõem, se chocam. As pessoas não são planas, chapadas. Cadê o tal cientista de laboratório? Cadê o tom afirmativo da 'deformação profissional'? Não queres te entregar, mas reconheces, tens a teu lado homens, não bonecos, que vão sendo afetados... Te interrompes. Queres provar o quê? Sabes? Não sabes? Vai, te esforça, traça perfis, destaca figuras, busca compreender mais o bicho-homem em toda a sua complexidade, seleciona tipos, recolhe minúcias, examina categorias de personalidades. O sentido do que buscas, onde está? Será desculpa para passar o tempo, te afastar de teus problemas? É um tempo estanque que não tem, ali, como ser dimensionado. Só isto? Talvez! Ou quem sabe mais tarde ainda vais poder voltar às anotações com verdadeira isenção, trabalhar em cima delas, deixar um depoimento sobre o que se passou na cadeia, rever (e reavaliar à distância) a reação de cada preso. Período de interregno na vida de todos, merece ser preservado. Tuas anotações começam de maneira vaga, titubeante. Um

exemplo: “Luiz João, funcionário público estadual, motorista, meio ingênuo, um pouco gago, entendia tudo de motores, só não entendia por que foi preso.” E só. Mais adiante as informações começam a se ampliar. Assim: “Itajaí, 10 (significando décimo preso), Carlos Vogel, 41 anos, eletrotécnico, recusa-se a conversar, se explicar. Não adianta insistir, provocá-lo.” Mais adiante uma chamada para o mesmo número 10: “Com o passar do tempo, Carlos foi ficando mais nervoso, sempre caladão, anda sozinho por toda a extensão do alojamento, ou fica horas estirado, virado para a parede do quarto, não revela os motivos da prisão, se era casado ou solteiro, se tinha pai, mãe, irmãos, amigos. Às vezes murmurava me pagam, me pagam.” Entrou e saiu, uns quarenta dias depois, da mesma forma. Outra anotação sucinta, que sucinta permanece: “Araquari, número 31, Nício Lopes, 46 anos, casado, camponês-lavrador, mãos grossas-calejadas do cabo da enxada, rosto vermelho, de fundas rugas, não entendia o que lhe estava acontecendo, olhos parados-indiferentes, só sabia repetir, eu não queria nada demais, um pedacinho de terra pra plantar umas coisinhas pros meus, engordar uns leitõezinhos, fui sim na reunião, o homem dizia vamos dividir, eu achava bom, tanta terra abandonada, um crime, tanta terra sem usança que eu podia lavar, agora em lugar da terra me prendem, onde que já se viu...” Outra anotação não menos sucinta: “São Francisco, número 26, José Januário de Oliveira, 56 anos, ao entrar deixa clara sua posição, pediu, ouçam, sou arrumador, socialista e pregador.” Foi logo apelidado de ‘ermão’, sem explicar o que significava arrumador. Seria arrumador de almas? Baixo, mirrado, magro, rosto miúdo, olhos

flamejantes, sempre concentrado, mas de papo fácil e envolvente. Debruçado sobre a Bíblia, tomava anotações que ninguém podia ver e que em seguida rasgava recitando versículos. Uma noite discutia-se política, regimes, participação popular, necessidade de união das classes trabalhadoras, ilusão besta, a reação não vai entregar de mão beijada seus privilégios, disse alguém, José Januário aproveitou um instante de silêncio, pediu, me dão licença, estou ouvindo mecês, posso intervir? E saiu com a seguinte frase: “Tudo está nas mãos de Deus, mas Deus se cansou da história de ser brasileiro e pede ajuda, não pra Ele, mas pra ajudarmos uns aos outros, se não nada feito, os de baixo ficam embaixo e os de cima em cima.” Alguns dos versículos que gostava de repetir: “E em qualquer cidade, ou aldeia, em que entrardes, informai-vos de quem nela seja digno, e ficai com ele até a partida” — São Mateus, X-11; “O vento assopra onde quer, e ouves o seu somido; porém, não sabes donde vem, nem para onde vai; assim é todo aquele que é nascido do Espírito” — São João, III-8; “Ou fazei a árvore boa, e o seu fruto bom; ou fazei a árvore má, e o seu fruto mau; porque pelo fruto a árvore se conhece” — São Mateus, XII-33; “E também lhes dizia numa parábola: ninguém deita remendo de vestido novo em vestido velho; doutra maneira, rompe também ao novo, e também com o velho não condiz o remendo que foi tirado do novo” — São Lucas, V-36; “E disse-lhes uma parábola: Pode um cego guiar um cego? Não cairão ambos no barranco?” — São João, VI-39.

Casa de dois andares. No quarto de baixo, que dava para o alojamento, duas moças. Jovens, bonitas, vistas.

À noite, bem tarde, postavam-se à janela, permaneciam bom tempo ali, conversando animadas, se cutucando, risadas cristalinas chegando até vocês, homens solitários. As janelas do alojamento ficavam apinhadas, desrespeitando o toque de recolher, uns debruçados sobre os outros, esperando ver as moças chegarem ou se afastarem cruzando o quarto, iam e vinham. Quem primeiro a notar? Chamou baixinho, outro chegou, outro mais, a notícia circulou. Algumas vezes, descuidadas (ou quem sabe intencionalmente) elas se desnudavam com a janela semiaberta ou aberta por inteiro, caminhavam em direção a outra peça (seria o banheiro?), voltavam de camisolas transparentes, bicos dos seios rijos — agressivos. Olhares ávidos, expressões grosseiras, pensamentos cúpidos deviam chegar até elas. Vibrariam, quem sabe, com todo aquele desejo que inspiravam. Um mais engraçadinho berrava, estão todas úmidas, hein, suas gostosas. Logo os demais reclamavam, te cala, te cala.

Florianópolis, 49. Arno Lippel. Funcionário da Celsc. Sempre atento e bem-informado, sempre lendo, reclamando por não deixarem entrar literatura política, não se satisfazia com ficção e os raros jornais censurados, sempre grudado no rádio em busca de informações sobre a situação. Tinha sólida formação política, discorria com visão correta e conhecimento de causa a propósito dos males do país, seu problema principal a oligarquia corrupta, os grupos econômicos que só pensavam em encher os bolsos. Lamentava-se da ingenuidade dos chamados dirigentes populares, crentes que os donos do poder, há tanto tempo encastelados lá em cima, iam abrir mão de seus privilégios sem luta.

Florianópolis, 38. Dibo Elias, 60 anos, gráfico, ativa participação nas lutas de classe, nos sindicatos. Visão um tanto simplista, mas firme, não aceitava os argumentos do Arno Lippel. Dizia: a linha programática do Partido está correta, a correlação de forças é que não funcionou. Fracassaram na hora da luta as linhas auxiliares. Mas o futuro está a nosso favor, é no desenrolar da luta que se aprende e se tiram as lições.

Blumenau, 20. Manuel de Sousa, 56 anos, mecânico da Força e Luz. Vida difícil, lutou muito esperando usufruir um futuro melhor, se não ele pelo menos os seus. Teve intensa atividade sindical. Apanhou da polícia, foi demitido de empregos, esteve outras vezes preso, quando estourava uma nova greve a ordem na polícia era prendam os de sempre, ele o primeiro. Agora desiludido, amargurado, insistia, se foi minha última esperança, tudo a mesma merda, só queria jogar cartas, ficava percorrendo o alojamento, vamos logo, Mário-comunista o primeiro a aceitar dizia, saídos daqui abrimos um cassino clandestino, e Manuel, bom mesmo, outro jeito não vejo.

Blumenau, 21. S. B., engenheiro, naturalizado brasileiro. Dono de empresa, financeiramente bem situado na vida, ex-combatente da RAF. Participou ativamente das lutas contra o nazismo, com mais de cem incursões sobre o território alemão. Friamente, sem emoção, como quem relata um passeio no campo, explica a tática adotada, os voos à noite, o zumbido dos motores na rasante em cima de um alvo, o negror rompido por uma explosão, por um foguete, a queda de um avião. “Tive sorte, nunca fui

atingido, mas relembro como se fosse hoje, amigos que nunca voltaram nem mais se soube deles, mortos no ar ou mortos em campos de concentração.” Explicar a opção pelo Brasil não explicava. Queria era sair daquele mundo, daquele inferno, afetado interiormente por tudo aquilo. Acabou quase sem querer no Brasil, como poderia ter acabado na Austrália. Aos poucos se recuperou e adaptou. Informava, devo ter sido preso pela maneira como trato meus operários. Via-se, não podia ser apenas isto, S. B. tinha clara visão dos problemas, queria um mundo mais justo, com reais oportunidades para todos, não aquele onde uns tinham tudo e outros nada. Citava um exemplo: fui numa festa, se comemoravam os 35 anos de trabalho de um operário de fábrica, não era só operário, mestre, que conseguira construir uma casinha de madeira; antes de pra ali a gente se dirigir, fomos tomar um uísque na casa do patrão, do dono da indústria. Só na adega ele tinha algumas vezes mais em bebida do que custara a casa do mestre.

São Francisco, 54. Antenor Ricardo da Silva, 61 anos, funcionário autárquico. Ex-marítimo. Percorrera boa parte do mundo em navios da Marinha Mercante. Dirigente municipal do PCB. Como todo embarcadoio que se preza, perdia-se em casos e causos de suas viagens, portos pelos quais andara, mulheres que conhecera, hábitos e costumes, gentes de todas as latitudes com as quais convivera. Atilado, com uma simples observação sabia revelar como era um chinês, um australiano, um inglês, um italiano, um mexicano, um brasileiro do Sul ou do Nordeste. Participou de um curso de iniciação política

organizado (ou sugerido) por Arno Lippel. Suas intervenções eram corretas. Às vezes interrompia a discussão, quando ela se azedava e parecia enveredar para um impasse ou uma briga. Berrava gesticulando, o que me aporinha não é estar preso, prisão não foi feita pra pedra que está sempre presa, no navio, entre céu e mar, também se está preso, só que é uma prisão em movimento constante, com destino a um porto onde o mulherio nos espera. Olha para um e outro. Ri. Alívio. Noutro diapasão todos retomam o tema que, sem demora, voltava a descambar em agressões. Ele ria, atento, pronto para interferir com outra tirada: por que essa porra de prisão não anda, hein, algum sabido me explica, temos tantos aqui, se andasse era uma boa, aí eu não me importava tanto, estava mesmo cansado daquela vida de merda amarrado na terra. Neste navio parado, com um bando se agredindo, é que não aguento, fico doido de vez, podem crer.

Contrafeito. Desconfortável. Procuras outra expressão. Não encontras melhor para caracterizar a impressão que se reflete na fisionomia do Luiz Henrique da Silveira. Sabes (sabias à época) de quem é filho. O que não compreendes: quais as razões da insuficiência de dados a respeito dele. Voltas a esmiuçar teu caderno. Quase nada. Na terceira página, apenas três linhas. Assim distribuídas: “Luiz Henrique da Silveira — escrivão da SSP, acadêmico de direito, filho do correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*.” Só. Nada de número, nada de idade, nada dos motivos de prisão. Bem, este fato não é de se estranhar. Em vários outros casos inexitem tais anotações. Sabes que o Luiz é de Florianópolis. Continuas a folhear. Lá

pelo meio do caderno, o inusitado: “Luiz Henrique da Silveira, solto, voltou hoje, depois de 28 dias de liberdade.” Aliás, nem tão inusitado. Outros, poucos, a bem da verdade, entraram também, saíram. E voltaram. Te esforças, queres recuperá-lo, colocar diante de ti o perfil físico, as reações psicológicas. Ele avança e recua, se corporifica e esfuma. Capturaste-o. Ei-lo: mais para alto, de fácil relacionamento, interessado. Foi ali que vocês se conheceram, embora já lhe conhecesses o pai. Luiz Henrique devia abominar o trabalho burocrático, necessário para a sobrevivência, tinha sonhos, altos projetos de vida. Não pretendia ser mais um advogado num país de advogados, queria poder ocupar um lugar determinado na sociedade, na vida da cidade, do estado, do país. Mário debicava dos ‘altos voos’, cutucava-o, vais acabar deputado, governador, que governador, presidente, vê se me arranjas uma boca rica, Lippel incentivava-o. Te questionas: seria mesmo assim, esta a ordem, estes os nomes certos? Ou hoje, diante do que alcançou Luiz Henrique, elaboras? Frustração, por nada mais constar em teu caderno. Logo te defendes, teu caderno tem uma pletora de nomes, só que nem a metade está devidamente identificada. De muitos, apenas o número de entrada, o nome completo, a procedência, profissão. Ou nem isto. Mais tarde, tu já residindo no Rio, vocês se reencontraram, relacionaram. E não tens como esquecer a crônica que ele publicou, em jornal de Brusque, onde advogava, a propósito da reportagem que saiu na revista *Manchete*, de tua autoria, sobre Santa Catarina. Intitulada ‘A resposta’, a crônica, em síntese, dizia: “O autor, em lugar de se vingar, ou de lhe sobrares mágoas pelos injustos dias de prisão, fez uma matéria

substancial, extensa, bem documentada e positiva, sobre Santa Catarina, sua terra, sua gente, suas potencialidades e belezas.”

### Fragmentos/Perfis — III

UM GOSTINHO adocicado e enjoativo. Café da manhã ralo, dois pães pequenos por pessoa.

Ave estranha no ninho, já se encontrava no alojamento quando o primeiro preso político chegou. Casado, velhusco, bonachão, bom num solo de cavaquinho, que não largava, sempre disposto a tocar. Cabo, há mais de vinte anos servindo na Polícia Militar. Deflorara uma mocinha em idade de ser sua neta. Dizia, peguei dois anos de cadeia. Outros praças contestavam, estava ainda aguardando julgamento. Provocado, ria mostrando os cacos de dentes, dava sempre a mesma resposta, home que é home num bobéia, num tem que vacilá; ela que me procurou, de noitinha, desculpa boba, tava nas edade, topou logo, juro, forçar num forcei. E ocês tão aqui por quê, me digam? Forçaram? Um dia perguntaste, cabo Anfrísio, me explica uma coisa, me contaram história diferente, vamos, diz pra nós a verdade, ela não era muda e tu não estavas num porre danado, foi na delegacia que forçaste a bichinha, não foi? E ele, mentira dos meus inimigos, sempre fui respeitador, só tomo uma pinguinha. E tu, o capitão me contou, quando vocês foram acareados, o delegado te pergunta, cabo Anfrísio é verdade que tinhas bebido mais de uma garrafa de cana das brabas, respondeste, juntando um dedo no outro, que nada seu delegado, só um tiquinho assim, e a menina, nervosa me-

xendo a cabeça de um lado para o outro, bate no ombro do delegado, abre ambas as mãos e mostra, não era um tiquinho, era enorme o peru do Anfrísio. Ele ria, sem contestar. Parecia não perceber a monstruosidade do que praticara. Se é que o praticara.

Um gostinho adocicado e enjoativo. Almoço de carne cozida com batata (ou cenoura), feijão, arroz.

Araquari, 30. Santino Marçal, 42 anos, operário. Apelidado, logo que chegou, de Lobo Santino. Vivia o dia inteiro atrás de comida, olhar famélico, uma fome ancestral, de gerações. Sinaleiro durante 15 anos, ainda assim não se adaptava ao novo tipo de prisão, parecia um bicho enjaulado. Dizia, no farol eu tinha a imensidão do mar, calmo ou tempestuoso, gaivotas vinham me visitar, fiz amizade com um boto, minha cabrocha aparecia pruns amassos gostosos quando me traziam a boia da quinzena, eu sabia que podia sair quando quisesse, como acabei saindo. Em terra foi trabalhar num sindicato, teve razoável atuação, tornou-se conhecido. Depois, dissensões internas, o sindicato deixou de existir, o movimento esfriara, os homens se dispersaram. Lobo Santino foi preso porque continuava a receber publicações e, em lugar de as devolver ou solicitar cancelamento das remessas, assinava os recibos no correio (principal prova contra ele), saía dali e sem sequer abrir os pacotes, ia vendê-los num boteco ou numa peixaria, eram uns trocados que ajudavam no sustento da família. Negão retinto, alto, riso franco, epilético (um dos motivos para deixar o trabalho no farol), explicava, queriam saber pra quem eu distribuía o

dianho das publicações, me ameaçavam, olha, vamos descobrir de qualquer jeito, mais fácil contar, aí a barra vai pesar menos pro teu lado, sabes como é, se nos ajudares podemos manear, colabora, anda, não tens nada a perder, pelo contrário. Das boas maneiras partiram para os gritos, a ameaça, vamos te moer de pancada, seu negro nojento, vais ver o que é bom, já perdemos muito tempo contigo, não pensa que estamos pra brincadeiras, temos muito mais o que fazer, acabaremos descobrindo de qualquer maneira, então por que não facilitas, hein-hein. E adiantava dizer que não tinha o que facilitar? Colaborar como? Contando isto os lábios tremiam, a voz sumia, estava-se muito quieto. Ou se punha a andar, murmurando não vem, tomara que não venha, outra vez não, um ataque agora não. Certa vez teve um dos tais ataques, foi horrível, caiu se contorcendo, espumava, cabeça batendo no chão duro do alojamento. Foi preciso chamar o médico, que pouco pôde fazer. Os presos ficaram ali rodeando-o, o médico pedia que se afastassem. Impressionados, nunca tinham visto coisa semelhante. Lobo Santino ao voltar a si de nada se lembrava. Levantou-se, andou de um lado para outro com aquele olhar famélico, riu seu riso franco, foi indagando, tem aí algo pra se mastigar, tem?

Um gostinho adocicado e enjoativo. No jantar carne cozida com batata (ou cenoura), feijão, arroz. Como opção, sopa rala com dois pequenos pães por pessoa, idênticos aos da manhã.

Concórdia, 57. Edilberto Jung, 23 anos, curso de comércio completo. Bancário. Pertencia ao Grupo dos 11.

Simpatias pelo regime comunista. Participara com entusiasmo de reuniões políticas, gostava de se informar, queria saber mais. Dizia, não aspiro a muito, o povo não quer muito. Absurda é a proporção entre os que tudo têm e os que não têm nada num país tão extenso e tão rico. Não cansava de perguntar por quê, me digam? Ele mesmo por vezes respondia: porque os que nada têm são muitos, mas despreparados e não sabem reivindicar seus direitos, nem aquilatam a força que unidos têm.

O inexcelável sabor do primeiro prato recebido de casa. Peixe frito, arroz (que diferença do arroz ali servido!). O peixe, naquela época, só podia ser tainha. Repartido com outros presos. Que por sua vez repartiam o frango, a polenta, a fritada de camarão.

Hoje, dia 6 de maio. Após 34 dias de prisão no teu caso (ou 35, ou 36, no caso dos que foram apanhados no dia 31 de março ou 1º de abril), quando se acreditava que a vida entrara numa rotina carregada de expectativas, eis que guardas, acompanhados por um oficial, surgem de metralhadoras em punho, vasculham todo o alojamento em busca de algo que nem eles sabem ao certo o que é, reviram as camas, revolvem as roupas, olham dentro dos copos, embaixo das cadeiras. Deixam tudo desarrumado, saem como entraram, sem nada encontrar e sem nada revelar.

Suspensa a incomunicabilidade passado um mês. No primeiro fim de semana, visita de teus irmãos, teus filhos. Enorme prato de quibe. Sob a toalha, numa reentrância da

travessa, bilhete com notícias. De tua mulher. Aproveitas um momento de distração e arriskas. Ao devolver o prato colocas outro, no mesmo lugar. No domingo seguinte, a resposta. Teu bilhete também havia atravessado incólume a censura. O gosto assim mais gostoso da comida...

Dia 2.5.1964. Completas trinta dias preso, fechado, engaiolado, sem perspectiva de saída. A teu redor cerca de sessenta criaturas com poucos desejos e muitos sonhos. O mais imediato: sair. Depois, para a maioria, tentar reconstituir a vida.

Itajaí, 44. Nilson Vasco Gondim. Hoje, dia 8 de maio, dia da vitória sobre o eixo, esperava ser solto. Durante todo o dia ficou na expectativa. Repetia, vão me soltar, não tenho dúvida. À noite, já desiludido, estirou-se no seu canto, sorumbático, olhar distante. Se recusou a jantar, não saiu do alojamento, não quis saber de conversa, ele, bom conversador, de grandes gargalhadas, que gostava de revelar fatos das lutas na Itália. Ex-pracinha da FEB, possuía várias condecorações. Perguntava, me digam pra que lutei na Itália contra o nazismo, luto por um mundo melhor e acabo preso. Porra! Alguém entre vocês metido a sabido, e são tantos, me explique a razão, vamos!

Ataque de neurastenia, ataque de melancolia, choro contido ou às claras, explosão de raiva, de impotência. Ninguém escapa. Certos dias eis tudo sem saída. Tudo negro.

São Francisco, 28. Álvaro da Conceição, 40 anos, conferente marítimo, pretão alto e forte, bem-falante, preso ao tentar fugir, conhecido por Pretão Alvarado (ou Cláudio, seria codinome?). Gostava de contar histórias de viagens e de contrabando. Nunca esclarecia se acontecidos com ele. A mais comum e repetida com variações: o navio estava atracado, os homens já começavam a sair com a muamba quando houve a batida da polícia. Foi aquela correria, estavam quase escapando com a caixa quando ela escorregou das mãos de dois ou três carregadores, era uma caixona. Num já quinou, reventou e refloriu, esparramando na noite peças de linho branco. Tu ficavas imaginando a cena, bela para um filme, a correria, o barulho da caixa no cimento, o negror da noite, as peças de linho branco explodindo. Querias saber mais, perguntavas quem eram os que ‘estavam’? Ele ria, mexia a cabeça, dizia, sei lá meu, queres me enrascar é, já não basta a enrascada em que me encontro só porque tentei ajudar uns amigos.

A vida horizontal. Bom título. Se um dia qualquer resolveres deixar um depoimento... Anotas na capa do caderno, em caixa-alta, A VIDA HORIZONTAL. Todos boa parte do dia estirados, largados. Ali ou no pátio. Calculas, não menos de 13/14 horas das 24. Sim, a vida horizontal. Reconstituir, restituir à vida o tempo passado. Falas com o Chico Pereira, advogado que participou da fase final do Grupo Sul, publicou contos na revista. E ele, bom título, só que pode ser confundido com história da zona, de puta na horizontal. E tu, me diz, esta não é uma puta de vida que levamos! Na horizontal.

Bem-falante, vivo, viajado, virador, pequeno e salitante, riso solto, contador de casos e causos tendo-se sempre como personagem principal, Carioca é um policial que se destaca dos demais. Quer sempre saber se os presos necessitam de alguma coisa, disposto a prestar pequenos serviços, quero ajudar, dou um jeitinho, na minha folga levo um recado, não coisa que comprometa, vejam bem, ia ao armazém atrás do quartel comprar cigarro, pão, um lanche, um Chocomilk, na banca comprar um jornal, uma revista — desde que sobrassem uns trocados. Devolvia mas ficava à espera. Metia-se nas conversas quando estava de serviço no alojamento, bisbilhotava, ria-se, repetia, podem continuar sou cego-surdo-mudo, não tenham medo, não vou denunciar vocês, também sou de lutar por melhores dias, uma vergonha o que ganha um praça, mas tenho que me calar, de dar nojo o que se faz neste país de tantas riquezas com a maioria da população, eu que sei, percorri quase todo ele, esperava que alguém perguntasse, tinha sempre histórias aventurecas pelos caminhos do Brasil, trabalhei como garçom no Rio, fui minerador em Minas Gerais, estive no porto de Santos, cortei madeira no Mato Grosso, nem sei como vim parar aqui, aqui vou deixar a carcaça, me enrabichei por uma desterrense, fiz um filho nela, não tive como escapar, não sou homem de escapar, respondo por meus atos, mas luto, quero ver mudanças, uma terra mais justa. Olhado com desconfiança não se conformava, só porque estou aqui não pensem que não sei o que são dificuldades, preciso me virar, tenho família, hoje são quatro moleques, por isso me cuido mas por dentro estou com vocês. À chegada dele as conversas mudavam, nunca se conseguiu tirar a

limpo se Carioca era sincero ou infiltrado, um leva-e-traz-informações.

Diferença no tratamento: dois oficiais de dia faziam questão de obrigar os presos a formar fila para a chamada. Fora dali até que eram amáveis. Os demais simplesmente iam gritando o nome de cada um, mal ouviam a resposta. Um deles nunca trocou uma única palavra com os presos.

Silvério. Nada mais que um nome. Silvério. Ao contrário dos demais, sempre existindo uma data, uma indicação, uma qualificação, no caso dele nada. Só Silvério. Quase no fim do caderno, o que indica que foi dos últimos a chegar. Em seguida ao nome: olhos turvos, sem se fixarem, muito alto, muito magro, barbicha rala, embora sendo o anti-Quixote logo apelidado Dom Quixote, semelhante só no físico. Sentava-se na cama, cruzava as pernas, pendia a cabeça. Recusava-se a dar qualquer explicação, quais motivos o levaram a ser preso, em que trabalhava, o que fazia, de onde era, se tinha família. Só pensava em fugir, morro se ficar aqui, tinha fobia de lugar fechado, era o primeiro a sair para o pátio, para o refeitório. Um dia chega um oficial e chama, Silvério, se prepare. Teria sido solto? Idó para outra prisão? Entrou e saiu assim, mistério insondável envolvendo-o, deixando em todos uma inexplicável frustração.

Fome inestancável. Dois presos se digladiam. Ficam observando, em busca de restos. A fome viria de longe, ou seria compulsiva, válvula de escape? Após cada refeição, ou quando chegava um prato de comida de casa, ficavam observando (e se observando), atentos aos pratos, inda-

gando, posso, posso, sobrou alguma coisa aí? Não parecia a fome ancestral de um Lobo Santino.

Com o revólver a tiracolo, tirando-o e voltando a colocá-lo, Melquisedeck, guarda que tomava conta dos presos, caboclo baixo e magro, idade indefinida, relatava e voltava a relatar. Gaguejante, vários tiques, rosto miúdo onde se destacava o enorme nariz, perguntava, vejam só, eu não devia estar reformado? Ouçam minha história. E lá vinha ela, contraponteadada por indagações e dúvidas, reclamações e inquietudes. Dizia, ve-vejam vo-vo-vocês só, eu a-qui, eu-eu de-via es-tar em ca-ca-ca-saaa ou inter-na-nado em tra-ta-tamento. Me cuidando. So-so-u do-do-ente, faz pouco antes de ser des-destacado praqui eu estava na es-pe-ciali-za-da de roubos e furtos to-tomando conta de uns presos quando chegou o doutor e fi-ficou brabão todo admirado de me ver ali, foi lo-logo me chamando e dizendo, você aqui quem foi que deixou, isto é uma barbaridade, um crime, tu devia estar internado onde já se viu, quando foi que saíste me diz, hein? E a uma pergunta de vocês: é que es-es-tive várias ve-vezes in-in-ter-nado na Colônia Santana, te-nho dezoito atesta-dos a-firmando que não sou bom da bo-la, engraçado, é só melhorar um pouquinho me devolvem pra cá, falta de gente, sabem, por isso não me dão baixa. Ria, olhava os presos, punha a mão no revólver, ia se afastando, murmurava, não pre-pre-ci-sam se pre-o-cu-par não, tou numa fa-se boa, tudo bem. Reclamaram para o comando, não adiantou, responderam, é brincadeira do Melquisedeck.

Mais uma vez o comandante do batalhão, teu conhecido, vem ao alojamento, fala com um ou outro, con-

versa um pouco contigo, te diz, por que não me avisaste qual o bicho que ia dar, perguntas por quê, e ele, pegaram o Juscelino, e tu, adivinhar o jogo do bicho não dava, mas pegar o teu querido chefe estava na lógica dos fatos.

Conversa com teu irmão, que te fala da boataria que invade a cidade, do temor em todas as faces, das denúncias anônimas, o comandante do 5º Distrito Naval declarando que não aceita mais denúncia por telefone nem carta anônima, só com nome completo e endereço. Ele te pergunta se sabes de alguma coisa, o que se comenta, se tens perspectiva de soltura. E tu, como vou saber, só fugindo. Ele ri, fala de tua mulher, em prisão domiciliar, de teus filhos, com medo de ir à escola, perguntam se eles também podem ser presos, de teu pai, fala dos papos de vocês, das partidas de gamão, teu pai insistia que, de toda a família, és o que joga melhor. Tu ris, retrucas, claro, sou o melhor, é de quem ele sempre ganha.

Blumenau, 16. Afonso Schirmer, 35 anos, jardineiro. Confiante, bem germânico em suas colocações, estudioso da Bíblia, direto, positivo. Foi chamado a depor perante a comissão de inquérito. Recusou responder a uma questão que não lhe parecia pertinente. Destratado pelo militar que presidia o inquérito, formalizou-se, ergueu o queixo, retrucou em seu linguajar carregado, de pronúncia macarrônica bem acentuada, *nein-nein*, me desculpar, eu responder o que sei, mas querer ser tratado como ser humano, não um *schwein*, em termos tudo bem, eu falar o que sei, ser contrário, não dizer mais nada, pode bater em mim pancada até eu morrer. Diante da atitude decidida,

o militar mudou o tratamento e a inquirição prosseguiu. Afonso contava o incidente com tranquilidade, sem rir, sem se gabar, sem se alterar, como se fosse um fato corriqueiro. Não adiantou tentar explicar para ele que teve sorte, podia estar a ouvi-lo alguém truculento, que pouco estivesse preocupado com os direitos dele. Chico Pereira dizia, Afonso, não percebes que estamos passando por um período excepcional. Nada o demovia, num mover de ombros, sério como sempre, sem nenhum sentido de humor, rebatia: podia moer mim de pancada, quebrar mim. Onde se viu, mim não ser animal, nem animal eu tratar assim.

Solidariedade e compreensão raras da mulher de um dos presos, ao saber da situação difícil que atravessava a amante do marido. Dividia o que recebia, se desculpava ainda por não poder mandar a mesada regular. E nas visitas que fazia ao marido, dava notícias da amante e do filho pequeno, explicando, coitados, culpa eles não têm.

São Francisco, 24. José Cedro de Athayde, 40 anos, estivador. Acusado pela sogra e por um vizinho. Razão principal, só se preocupava com mulheres, deu uma cantada na mulher do vizinho. Foram denunciá-lo por fazer reuniões que visavam a implantação do comunismo, tirar dos ricos, os que tinham duas casas iam ficar com uma só e olhe lá, família pequena com casa grande vai ser obrigada a ceder parte da casa. Ria, não foi por causa disto que me acusaram. Explicava, tenho o sexo na cabeça, só penso em trepar. Ficava horas à janela observando mulheres que passavam, dizia, não aguento, ia ao banheiro se masturbar, um dia gritou, olhem, ligeiro, venham

ver, que coxinha mais bonitinha, redonda, rosada — era em uma das casas ao lado, três meninas entre quatro/seis anos pulavam corda, vestidinhos curtos subiam até quase a cabeça, José Cedro se babava, não se afastou da janela enquanto as meninas não entraram na casa. Rindo, contava os motivos da denúncia: minha sogra reclamava porque eu ganhava um bocado de grana e me tocava pra Santos, fechava um puteiro e me esbaldava, só voltando pra São Francisco depois de gastar tudinho. Mas nunca deixei minha família mal, mentira daquela velha bruxa, ela aproveitou a onda de delação e foi me denunciar, levando como testemunha o vizinho aquele. Que eu queria comer a mulher dele, queria, ela se arreganhava pra mim, uma peitama, uns coxões, ele devia ser broxa, não dava conta do fogo da danada. Juraram pro delegado que eu participava de um Grupo dos 11. Nem sei ainda hoje o que é isso. Logo passou a se interessar pelos debates promovidos à noite, a se soltar. Por fim confessou, ambas as versões eram verdadeiras, a da sogra pelas farras e a da sogra pela participação política.

Algumas palavras vetadas, altamente subversivas, proibidas de serem repetidas nos depoimentos: conscientização, espoliação, luta de classes, privilégios, proletariado, campesinato, classes dirigentes, oligarquias.

Discussão. Sob essa rubrica, são várias as páginas que a ela se referem. Poucas as variações. Ei-las sintetizadas. Mais uma vez foi até alta madrugada. Luzes do alojamento apagadas, a gente se levantava de mansinho, reunia-se em um dos ‘quartos’. Nem todos vinham par-

ticipar da discussão, outros se cansavam de ouvir quase as mesmas coisas, Mário-comunista vinha dissuadi-los, todos sabemos tudo isto de cor, vamos prum joguinho, mais divertido, prefiro um carteadado mas aceito até um dominó. A luz das velas tremulava, Mário insistia, vamos casar uns trocadinhos só pra coisa ter mais emoção, reclamava quando os outros se engalfinhavam nas discussões políticas, porra, já conhecemos bem tudo isto, se calem, caso contrário vem aí um guarda metido a bacana e babau! Giorgi, Herbert Giorgi, advogado de Blumenau, de muita leitura, teórico, gostava de nestas horas escutar sem participar diretamente, só saía de seu mutismo para repetir uma frase que dizia ser de Goethe, “deem ao povo o que ele essencialmente necessita e tereis paz e liberdade”. Baboseira, contrapunha Chico Pereira, outro advogado, nada de ‘deem’, o povo tem é que conquistar com as próprias mãos. Um grupo citava exemplos de como se conquista a vitória do povo, só com luta armada, nada se resolve com o nosso famoso jeitinho; outro grupo discordava, banhos de sangue nada resolvem, só deixam sequelas. E na União Soviética, e na Revolução Francesa? São exemplos que não servem pra gente, precisamos estar atentos a um regime que atenda à psicologia do nosso povo, à nossa maneira de ser, importar fórmulas só porque deram certo em outras regiões do mundo é um absurdo. Absurdo é sairmos de um ciclo para outro e acabarmos no mesmo lugar. Aliás, desta vez acabamos num muito pior. Alguém lembrava, vocês alegam a influência comunista, aceitam o que diz a reação sobre o chamado ouro de Moscou, mas me digam, não é a penetração americana que se amplia?, no golpe de agora vão negar que

há o dedo da CIA... Os ânimos se exaltam, a discussão ferve, ninguém se entende, falam ao mesmo tempo, aos gritos — até que alguns, nos ‘quartos’ vizinhos, acordam indignados, pedem silêncio, me deixem dormir, porra!

O comandante do batalhão responsável pelo bloco onde vocês se encontram é o teu velho conhecido dos tempos do palácio, foi da Casa Militar do governo, é o mesmo que te recebeu quando chegaste ao quartel. Ele passa com certa regularidade pelo alojamento, pra saber como vocês estão indo, bate um papo, vê no que pode ajudar (bem pouco pode), procura amenizar as agruras da prisão, dentro de sua limitada competência. Na verdade, conforme havias notado logo ao ser preso, ali é um mero depósito, as determinações e ordens vêm de cima, nem o governador do estado tem autoridade para prender ou soltar; mais do que ele, naquela situação, tem força o secretário de Segurança, homem do esquema e da estrita confiança dos militares. O comandante se informa de tudo, está aberto a sugestões viáveis. Atende a uma: conseguir uns momentos de intimidade entre marido e mulher. Ou nem atende, parte dele a ideia. Prepara um quarto em outro andar, determina um rodízio e tempo limitado para tais encontros. É com ansiedade que os presos aguardam a vez de serem chamados. Ao retornar são recebidos com gracejos, Mário-comunista não se contém, vai logo apontando para o felizardo e diz: olhem a cara dele, que tranquilidade, tiraste o atraso, hein-hein, não precisas mais ficar na janela vendo as moças nuas, deixa para os que não têm a sorte de ter uma mulherzinha à disposição,

É madrugada. Fechas o caderno. Estás esgotado. Reviveste um tempo que faz parte de ti. Repassaste páginas e páginas. Do passado mais nomes te incitam. Quais os motivos de tua seleção? E os demais? Não merecem ser recordados? Lá estão, perfilados, numerados. Por onde andam? Que destino terão? Da grande maioria não mais tiveste notícias. Como enfrentaram os mais de vinte anos de ditadura? Discriminados ou não, marcados, muitos perderam os empregos, não encontraram outro, alguns sumariamente demitidos. Olhos mortiços, na língua travada um gostinho enjoativo e adocicado, te levantas. E num átimo não estás mais em teu escritório; estás no refeitório, é um entardecer, te preparas para te servir, quando ouves que te chamam. Quarenta e oito dias se completam desde que foste preso. Desatento, mal sabes se é contigo. Um companheiro te avisa, ao mesmo tempo em que a voz do oficial de dia repete teu nome.

## Diálogos

### 1

EDÉSIO CAON — E os ritos da lei, e nossos direitos, onde ficam?

DALMO VIEIRA — Que direitos, homem, és um ingênuo ou estás brincando? E isto existe num momento destes?

### 2

CHICO PEREIRA — Discutir contigo não adianta. Não sabes nada.

ERWIN LOESCHNER, relojoeiro (sem perder a pachorra, com um risinho sardônico) — Sei o que sei. Só te digo uma coisa: a diferença entre o animal e o homem é que o animal sabe (por exemplo, quando tem fome) ou sente, e o homem sabe que sabe.

### 3

MÁRIO MORAES — Um homão desse tamanho, com barba na cara, olhando pra mulher se despir, não tens vergonha?

JUCA PORTUÁRIO — O problema não é de barba na cara ou de vergonha, mas de colhão vivo entre as pernas.

SÁLVIO CUNHA (conta como foi preso; gramou 32 dias na cadeia) — Fui na delegacia me queixar de um bêbedo, o sacana mijou na frente de minha casa, com minha mulher e meus filhos olhando, fui reclamar, ainda teve a desfaçatez de me xingar e desafiar.

BÊBEDO (chamado para se justificar) — Que nada, seu delegado, mentira deste subversivo de merda, nem sou de beber, eu reclamei porque vi ele nos fundos da casa queimando uns papéis, o mau-caráter quis se esconder, eu desconfiei que ali estava material subversivo, tinha até mesmo um retratão desse tamanho, um barbudo com um bruta charuto, nem ia dizer nada com pena, mas agora que o sem-vergonha vem e ainda me acusa, cumpro minha obrigação de cidadão...

NÉZIO JACQUES PEREIRA — Corre aqui Luiz, vem ver se não é tua mulher que está passando ali no outro lado da rua, parou e olha pra cá, abana pra alguém...

LUIZ JOÃO DE ANDRADE (na maior ingenuidade, o que provoca uma gargalhada geral e ajuda a aliviar o ambiente) — Não sei não, não-não, parece que não é, tem certa parecença lá isso tem, agora se é a minha, que não tava de barriga, algum filho da puta já fez um filho nela.

A. P. — Ameaçaram me bater pra que eu confessasse, confessar o quê? Iam me torturar como se eu fosse um comunista, elemento perigoso à sociedade. Estou aqui por equívoco; posso provar, se me derem chance, que sou inocente, sempre fui antijanguista, nem sei o que é o tal Grupo dos 11, o que é subversão, cuidado da minha vida, não tenho motivos pra ser maltratado, perseguido, detido.

DIRCEU DE SENNA MADUREIRA — Não vou discutir política partidária, não me parece o momento. Mas então se fosse um comunista ou alguém do Grupo dos 11 ou o que chamam de subversivo te parece que seria certo ser torturado, perseguido? Onde ficam os direitos humanos, me diz, e o direito de pensar, hein?

MÁRIO MORAES — Souberam da última? Meu informante exclusivo acabou de me avisar, como sou amigo passo pra vocês, mas bico calado, tá: os presos, aliás os detidos, todos sabemos que aqui não tem preso nenhum, foram qualificados em três categorias, muito-muito perigosos, mais ou menos perigosos, pouco perigosos.

SAUL BUCHELLE — E daí?

MÁRIO MORAES — E daí? Praqui foram encaminhados os mais ou menos e até os pouco. Os muito-muito foram pra penitenciária, pra outros estados, pro diabo que os carregue.

TU — Não entendo a tua colocação.

MÁRIO MORAES — Estou diminuído, constrangi-

do, eu, eu o famoso Mário-comunista do *figueirón*, onde já se viu!

CHICO PEREIRA — Mesmo?

MÁRIO MORAES — Claro. Não só eu. E tu, hein, advogado sindical e tal e coisa, não te sentes discriminado não, o que que lá nas tuas bases vão dizer amanhã, hein?, que és um fichinha de merda.

8

ORIVAL PRAZERES — Foi ingenuidade pensar que a reação não ia reagir, que não estavam conspirando, que iam entregar sem luta os privilégios.

DIBO ELIAS — Certo. Mas eles souberam também aproveitar as divergências e os choques entre as classes trabalhadoras e os intelectuais.

ARNO LIPPEL — Sim, houve radicalismo e essa divisão, embora me pareça falso separar trabalhadores e intelectuais. Foi fatal, falta de compreensão dos fenômenos históricos.

EDUARDO MUSSI — Não sei não. Vocês não acham que pesou também a euforia do ‘já ganhou’, e pouco adiantou alguns mais conscientes alertarem.

EMANUEL C. DOS SANTOS — E o Prestes então, dizendo aquela besteira de “já fazemos parte do poder”..

9

COMISSÁRIO MIRANDA — Se você estivesse no meu lugar e eu no seu, creio que você procuraria me envolver ainda muito mais.

TU — Impossível. Não tenho como raciocinar sob hipótese tão absurda. Em primeiro lugar não é pertinente, porque eu nunca poderia, nem em sonhos, me imaginar no seu lugar. Depois, a meu ver, a finalidade de uma polícia que se respeita e respeita os direitos do cidadão não é ameaçar ou tentar envolver alguém, mas ajudar a esclarecer a verdade e ajudar a Justiça.

COMISSÁRIO MIRANDA — Palavras.

10

LUIZ GORDINHO (sempre famélico, em disputa com outros famintos) — Tem algo aí pra se comer?

LUIZ HENRIQUE DA SILVEIRA — Para com esse teu 'se', homem, não me enche o saco, diz logo 'eu', diz um 'mim', tá!

MÁRIO MORAES — Infelizmente hoje não tens escolha, pra comer sobrou só... o... o... (e indicava alguém com quem desejava inticar naquele dia, e que por isso passava a ser perseguido pelo Mário como o bicha do dia no alojamento).

11

BANCÁRIO UM — Quero sair, tenho que sair (treme, chora, se desespera, implora). É uma bruta injustiça o que fizeram comigo, nem imagino qual o motivo, nunca fui de participar de nada, quanto mais de agitação, até pelo contrário, procurava demover os colegas, só porque um dia passei perto de uma manifestação grevista e me demorei uns minutos, nem olhando, mas procurando

passar no meio da multidão... me lembro que até protestei, aquilo não ia adiantar, a gente tinha que procurar negociação em paz com os patrões, compreender as razões deles...

BANCÁRIO DOIS — Olha, cara, cansei da tua choraminga. Honra tuas calças, deixa de ser cagão, um covarde de merda, age como homem; te vi mais de uma vez participando, discutindo inflamado, até discursando nas nossas assembleias classistas.

12

ARMANDO MUNIZ (ponderado, caladão) — Ficar choramingando não vai adiantar nada. É procurar tirar lição e não incidir nos mesmos erros.

JAYME GARBELOTTO — Me cansei de ouvir essa conversa; sempre se acaba caindo na mesma. A verdade é que a classe conservadora é mais organizada, mais atilada, tem mais cancha.

13

NÉZIO JACQUES PEREIRA — Me deixa um tiquinho, vai, não sejas tão guloso, olha só pra tua pança, Gordinho, tens muita banha pra jogar fora, pra dar e vender, olha pra mim, não só pra mim, não tou te gozando não, vê meu caso, baixinho, magrinho, tão magro que um pé de vento, nem precisa ser muito forte, me arrasta pro mar, nem vou mais ao Miramar; outro dia tiveram que me amarrar na figueira da praça XV que custou me segurar...

LUIZ GORDINHO — Deixo nada não. Besteira. Nota a diferença, vai, te dou uma lição e não precisas me pagar nada, eu como por gula, por gosto, saboreio a comida, me babo todo, sei até escolher mas traço o que vem; no teu caso não, tu não, tu comes por fome crônica, me diz, quase não comeste a barriga da tua infeliz mãe, aprende aqui com o doutor, és um magrelo mau de boca, nem de boca, de tudo, não adianta te empanturrar, nunca vais engordar, nunca...

SANTINO MARÇAL (Lobo Santino) — E eu?

LUIZ GORDINHO — Teu caso é diferente; tens uma fome ancestral, de gerações, de séculos, que não vai se estancar nunca, mesmo que comas uma boiada todo dia.

14

LUIZ JOÃO DE ANDRADE — E eu, um congregado mariano, me digam, o que faço aqui entre vocês?

ISRAEL GOMES CALDEIRA — Simples. Te congrega agora à gente aqui, outra saída por enquanto não tens.

15

MÁRIO MORAES — Vocês falam, falam, ficam aí olhando mulher se despir, mas garanto que nunca faturaram uma freirinha.

JOSÉ CEDRO DE ATHAYDE — Conta, conta logo, essa me interessa.

MÁRIO MORAES — Vocês devem saber, sou um homem versátil, modéstia à parte sou um bom electricista. Bem, fui contratado para fazer a ligação do serviço de

raio X em São Francisco, fiquei lá uns dias, tinha uma freirinha que não era de jogar fora, até pelo contrário...

JOSÉ CEDRO DE ATHAYDE — E daí, anda logo, vê só, de São Francisco, que coisa!

MÁRIO MORAES — Minha teoria: cantar não custa, forçar não forço, precisa ser do interesse... sexual... de ambos. Pois não é que deu certo. Pra falar a verdade a coitadinha era carente, Deus não dava pra ela o suficiente.

LUIZ JOÃO DE ANDRADE — Seu herege sem-vergonha; eu, um congregado mariano, não posso ouvir tal barbaridade.

MÁRIO MORAES — Então te retira, não fica aí com as ouças atentas, não te obrigo a escutar.

JOSÉ CEDRO DE ATHAYDE — Anda, homem, anda.

MÁRIO MORAES — Sou discreto, não vou entrar em minúcias, mas podem me acreditar, a freirinha deixou logo a batina.

JOSÉ CEDRO DE ATHAYDE — Só isto?

MÁRIO MORAES — Querias mais o quê, me diz? Uma prova ao vivo, é-é? Que te dê as dicas? E se agora te disser que acabo de inventar a história pra ver a reação do nosso congregado?

16

ARTHUR RODOLFO SULIVAN — Vamos começar pelo mais simples: sempre é proveitoso saber outro idioma, ninguém sabe quanto tempo ficaremos aqui. Posso começar as aulas de inglês por umas expressões bem simples. Por exemplo, já expliquei o que significa *man* e *dog*. Juntem as duas palavras numa frase simples.

NILSON VASCO GONDIM — O *dog* fez ‘*nhec-nhec*’ in the ‘*paica*’ of the man.

ARTHUR RODOLFO SULIVAN — *It is impossible. Now, the end of the lesson.*

17

CHICO PEREIRA (vendo Edelui Farias, motorista, retornar do interrogatório um trapo, tremendo, rosto descomposto, encolhido em seu canto, sem querer falar com ninguém) — O que aconteceu?

EDELUI — Nada não, me deixe, me deixem, por favor.

CHICO PEREIRA — Conta, te alivia, é bom a gente ficar sabendo.

EDELUI (reluta, pensa, se decide) — Não sei que revelações queriam, contei o que sabia, quase nada. Insatisfeitos, começaram as ameaças, os palavrões, que se eu não falasse tudo o pau ia comer solto, me pusesse no meu lugar, não estavam pra brincadeiras.

CHICO — E tu?

EDELUI — Eu o quê? Quis protestar, não deixaram, contar como, se nada sabia do que me perguntavam. Eu...

CHICO PEREIRA — Continua, tu o quê?

EDELUI — De repente nem sabia onde estava, passaram a gritar, me ameaçar mais, que obedecesse, estava diante de uma comissão de inquérito com plenos poderes, que pensasse nos meus.

CHICO PEREIRA — Que absurdo! E os direitos humanos onde ficam? Mais: mesmo aqui, dependendo da pessoa, existem discriminações. A pressão se torna

mais violenta exatamente sobre os mais humildes, que têm menor poder de argumentação, que se intimidam diante da parafernália encenada e armada. Mesmo que neste momento não adiante, precisamos protestar, não podemos aceitar nenhum tipo de intimidação.

## Liberdade

NA FILA. É tua vez. Tens o prato na mão, começas a te servir. Refeitório lotado. Em meio ao burburinho se destaca, bem alta, uma voz. O vizinho atrás de ti chama a atenção, olha, é contigo. Mais alta, a voz repete. Insiste. Sim, é contigo mesmo. Pensas, o que será que vem por aí, coisa boa não deve ser. Vai para quase cinquenta dias estás preso, trinta incomunicável. A dúvida angustia, sufoca. Intranquilo, respondes, pronto, o que é? E então as palavras seguintes te põem em transe. Estacas. Todos estacam. Não queres acreditar. Dizes, me deixa em paz, sim, quero comer, que brincadeira mais besta. A voz, em meio ao silêncio que se fez, repete, mais alto ainda, anda, vamos, tenho aqui a ordem pra tua soltura, chegou agora. Duvidas, deves estar sonhando, te ouves de novo, me deixa jantar tranquilo já disse, para logo reformular, o que é mesmo, repete pra mim, qué que disseste, é de verdade, enquanto o oficial de dia ergue um papel, exhibe-o, agita-o insistente para que todos possam ver, está aqui o comunicado que nos chegou pra te soltar, veio do Rio. Murmúrios à palavra 'do Rio', parece mágica. Só então começas a sair do pasmo que te toma, uma sensação que não consegues exprimir, olhos embaciados, corpo mole, pernas bambas, mente turbada. Os demais presos, companheiros daqueles dias cinza, ao te verem dar um passo adiante, reclamam, fica-fica, janta com a gente pela última vez, vamos comemorar, depois vais, e tu, meio rindo

meio a sério, voz embargada, vocês estão é malucos, vou me mandar é já-já, e se chega uma contraordem hein-hein, nesta loucura que andamos tudo é possível, vou me mandar rápido, lá fora qualquer dia a gente se vê pra comemorar. Há pesar acompanhado de alívio, alguns riem, outros suspiram, ainda outros se põem muito quietos. É como se pequena parcela de cada qual estivesse também sendo libertada contigo. Sabes o que é isto, já passaste pelo mesmo, por ocasião da saída de outros. Sensação contraditória, satisfação pela liberdade do colega, pesar por não estar no lugar dele. Olhas ao derredor de ti, um preso mais próximo te aperta a mão, outro te toca no ombro, um terceiro te abraça, todos pararam de comer ou de se servir. Te diriges para a porta, não sabes o que foi feito com o prato que tinhas na mão, ainda seguras com firmeza os talheres, te viras para o oficial de dia, para teus companheiros entre eles já alguns amigos, para os vigias, empunhas bem alto os talheres e proclamas em voz firme, definitiva, vou levá-los, lembrança daqui para o resto da vida, faca e garfo expostos que nem um troféu. Ninguém retruca, o silêncio retorna, se adensa mais. O oficial faz um gesto de cabeça, nunca saberás se de aquiescência ou de impaciência, te apressando, vamos-vamos. Da porta, pela derradeira vez te viras, queres gravar-reter tudo aquilo que agora faz parte de tua vida, olhas com atenção para o refeitório, para a comida, leve fumaça se evola dos panelões, para os rostos entre ansiosos e felizes que te observam e te desejam boa sorte, certamente cada qual pensando quando chegará a minha vez. A data da saída também se grava para sempre em ti: 20 de maio de 1964, às 18 horas, exatos 48 dias depois da prisão. En-

tre os presos circulava a notícia de que quem ultrapassasse os cinquenta dias teria prisão preventiva decretada. Escapaste por dois dias. O oficial e tu saem, a porta se fecha, um ciclo de tua vida se fecha, outro se abre naquele exato momento. Vocês começam a atravessar o pátio. Estaria mais longo ou mais curto do que quando o cruzaste pela primeira vez? Agora ele te aproxima da liberdade. Te recordas da outra manhã, que te parece tão distante, em que caminhavas em direção ao alojamento sem saber o que viria pela frente, o que te reservava o destino. Que sensação te domina agora? Não tens como descrevê-la, pelo menos por enquanto. O que sentes é algo difuso, informe, mil emoções desencontradas, que como um raio surgem e somem. Estranho! Deverias estar vibrando de felicidade. Clara, límpida, a noite se fechou, estrelas rebrilham, piscam, um pedaço de lua te segue. No alojamento raras luzes, um que outro preso que não foi jantar, de novo precisas explicar o que está ocorrendo. Caminhas até teu 'quarto', juntas atabalhoadamente roupa, livros, caderno, objetos de uso pessoal espalhados numa cadeira, olhas na extensão de todo o alojamento, teu lar nestes 48 dias, quantos entraram e quantos saíram, quantos sonhos e quanto desespero, há os que sabem enfrentar com estoicismo os momentos mais duros e os que se entregam logo ao desânimo, gemendo pelos cantos, reclamando do destino ingrato. Tudo isto começa a ser passado, um passado que não mais te largará, grudado em tua carne, impresso em tua pele, entranhado em teu sangue, presente em teus mais íntimos pensamentos. Para sempre. Para sempre. Te deténs uns instantes. Indeciso. O oficial te apressa, anda-anda, te

falta algo ou gostaste da casa, queres ficar mais um tempinho?, dá-se um jeito, não seja por isso. Começas a te movimentar. Eis a porta. Desces os degraus. Chegas ao portão de saída. O oficial faz um gesto, o vigia abre o portão, te olha diferente de quando saías no jipe, o oficial te estende a mão, que apertas, sorri, te desejando felicidades. Saíste. Com um rangido o portão se fecha. Estacas. Indeciso. Agora sim, é verdade. O ar mais leve, o ar mais gostoso, o ar mais suave, o ar mais puro — é outro o ar da liberdade. Há nítida diferença entre o ar que respiravas no quartel, para além do portão, como preso, e o ar aqui de fora. Não te cansas: em longos haustos o absorves. Ele te revitaliza. Bates no peito, inspiras, expiras, pulas de alegria, danças uma dança frenética, louca. É um ar fino, embriagador. Olhas para o céu, observas a noite outoniça. As parcas luzes te piscam, cúmplices. Não caminhas, flutuas, sacola ao ombro. Ali perto a avenida Rio Branco. Em minutos estarás na casa de teu pai. Nem imaginas o susto dele. Em seguida a alegria. Bates à porta. A empregada vem atender. Te olha abismada, como se enxergasse um fantasma, abre mais a porta sem pronunciar palavra. Teu pai está sentado no mesmo canto de sempre, perto da janela, ouve rádio. Foi ontem que o deixaste ali, assim, não foi? O tempo retroage. Não! Ele te fixa, esfrega os olhos, não consegue falar. Também tu não. Vocês se abraçam — e as primeiras palavras que profere são fugiste foi, fugiste né, vamos te esconder, onde-onde? E tu, ora pai, fugir como, me diz?, me soltaram. Descrente, repete, sei, fugiste, soltar assim sem mais nem menos, Alá, pensas que não sei, estou o tempo todo grudado no rádio, estão é cada dia prendendo mais gente, quando vai acabar esta

barbaridade? Demora até que se convença, se acalme, chama tuas irmãs, vocês começam a conversar, ele envelheceu neste mês e pouco, rosto chupado, olhos encovados, talvez tenha envelhecido mais do que tu, quer saber como foste tratado, fala-se tanto em tortura, acha que estás mais magro, quando na verdade engordaste. Mas o diálogo é difícil, artificial, como se o momento de comunicação e integração ainda não se houvesse estabelecido entre vocês, há um tempo de espera, de reaproximação. Ficam se olhando em silêncio. De repente te lembras de teu irmão, morando ali perto, que tem um carro, sentes urgência de ver tua mulher, teus filhos, pedes que teu pai lhe telefone, não diga nada, só o chame, que venha com o carro. Não demora ele chega, mora ali perto, na outra quadra. Por que será que a primeira questão que te coloca é a mesma, se fugiste. Explicas: tenho cara de quem sabe fugir? Mais: de que maneira fugir, fugir para onde? Ele diz, tem gente fugindo, pelo menos é o que se comenta. Dizes, não, não fugi, fui solto, não me peças pra explicar como, não sei, outra vez tens que contar tudo. Percebes uma pontinha de decepção em teu irmão, tão mais emocionante e dramática uma fuga rocambolesca — ou é o ficcionista que vem à tona e já começa a elaborar futuros enredos? De forma lenta, caprichosa, vais soletrando, fui-sol-to-há-pou-co-me-a-cre-di-ta. Ainda descrente indaga: Como? E tu, como o quê? Como foste solto, ora, me explica por que foste solto. Não sei o porquê, será que não estás satisfeito, me querias mais tempo lá, querias? Ele se irrita, não brinca, não estão soltando ninguém, estão é prendendo. E tu: e eu sou ninguém, bolas, te manca seu tanso, eu sou eu! Ele se irrita: não brinca,

anda, me diz o que sabes, que milagre foi este? E tu lá vais saber! O certo é que ali estás — e queres ir logo para a tua casa, depois com calma vocês terão tempo de conversar, esmiuçar, desvendar, agora o que mais queres no mundo é ver mulher, filhos, abraçá-los, beijá-los. Desatento não respondes às perguntas de teu irmão, que não se cansa, insiste em saber como se deu a soltura, de quem o aviso, se leste o papel, se havia alguma perspectiva anterior, se viste a assinatura no comunicado, pode ser uma armadilha. Nada sabes. E se fosse uma armadilha? O fato de veres os teus é suficiente. Tem mais, quem sabe aí sim podes fugir. A verdade é que a notícia te apanhou de surpresa. Por mais que busques és incapaz de imaginar o como e o porquê, quais forças (e intimamente te ris da palavra ‘forças’) teriam atuado, influenciado. Sim, viste, a ordem de soltura veio do Rio para o 14º BC e de lá foi passada para o comando da Polícia Militar. Só mais tarde, já morando no Rio de Janeiro, virias a saber detalhes, a luta dos amigos, entre os principais um Adonias Filho, um Marques Rebelo, que nela se envolveram para te ver solto. Neste momento o que te está interessando é chegar logo em casa, nunca o trajeto te pareceu tão interminável, reclamas de teu irmão, a merda desse carro não anda, a estrada se alonga, acelera, vamos, mais rápido. Eis a subida, pequena elevação, te viras, lá para trás o mar, eis a primeira curva à direita, eis a segunda à esquerda, ainda de longe vês tua casa. A porta. Tocas a campainha. Bates sem dar tempo que alguém chegue. A teu lado teu irmão também bate. Será que vão perguntar se fugiste? Passos, acompanhado de um já-estou-indo, espera. A porta se abre. Quem a terá aberto? Um grito ribomba,

extravasa para o interior da casa, vara a noite, atravessa-a como um relâmpago. Logo todos, mulher, filhos, sogra, estão te cercando, te apalpando, te abraçando, te beijando, há choro e há riso. De que maneira transmitir aquele momento de intensa emoção, como explicar o reencontro de seres que se amam — e mais uma vez constatas a verdade do que teoricamente intuías, repetias, te convences da incapacidade das palavras (ou de tua incapacidade) para a transmissão de tais sentimentos, da pobreza delas em tais momentos. Tudo se embaralha dentro de ti. O tatear dos corpos que se buscam fala mais alto. Discretamente teu irmão se despede.

## Liberdade?

EM LIBERDADE, tinhas imaginado retomar logo tuas atividades rotineiras. Não foi assim. Cidade e população sendo as mesmas não eram as mesmas. Novo componente se infiltrava no tecido social. As pessoas se encaravam sem o mesmo ar de espontaneidade de antes, um receio latente permeava as relações até entre parentes e amigos íntimos. Também contigo fato idêntico ocorreu, as coisas se mostraram diferentes, revelando outra face, ainda mais visível, eras afinal alguém que devia ter culpas, acentuava-se o ‘culpas’, recém-saído da prisão, bom ser evitado. Nem bem havias sido preso e teu contrato de trabalho com o governo do estado foi rescindido. Certo que teus colegas do Gabinete de Relações Públicas protestaram. Em vão. Começavas ali a conhecer um pouco mais o bicho-homem, com todas as suas forças e em toda a sua fragilidade. Na reunião em que se decidiria tua sorte, alguém que consideravas amigo, da tua geração, foi o primeiro a pedir tua cabeça. Insistiu na degola. E um velho, com quem só tinhas relações profissionais, foi o que mais te defendeu. Era conservador, mas um homem íntegro; fez questão de deixar registrado que na tua atividade como profissional nunca havias criado qualquer problema de qualquer ordem. Também no contato diário a situação adquiriu nuances antes inexistentes ou inapercebidas. “Amigos” de anos, assim mesmo entre aspás, dobravam esquinas para não te encontrar; por outro lado, pessoas

que pouco conhecias, ou nem conhecias, faziam questão de te convidar para um cafezinho no Ponto Chic, para um papo sob a figueira da praça XV, para uma cerveja no Miramar, para uma visita à casa deles, inventando desculpas, tenho um livro que vai te interessar, comprei um quadro, quero que o vejas — ou sem qualquer espécie de desculpa, o puro e simples convite. Sim, intuições, a liberdade é um dom indispensável ao ser humano, dele faz parte intrínseca, força é saber aproveitá-la, usufruí-la, compartilhá-la; o ar da liberdade, conforme constataras ao sair da prisão, é mais leve, mais gostoso, mais fraterno. Só que, percebias agora, existiam várias modalidades de liberdade — e cada um tinha a sua concepção de liberdade. A tua era agora uma liberdade vigiada, contestada, recusada por alguns. Voltaste ao trabalho na Agência Nacional. As informações que antes te chegavam em excesso, agora mal pingavam. No Rio, assumira a direção geral da Agência o escritor Adonias Filho. Embora nunca negasse suas tendências conservadoras e direitistas (em política, pois nas letras era um inovador e um revolucionário), ele se mostrou, naquela emergência, muito mais digno do que notórios esquerдинhas. Lutou e garantiu o emprego de muitos, entre eles o teu. Anos depois, já morando no Rio, é que foste saber o quanto fizera pela tua libertação. Vocês haviam sido apresentados por Jorge Lacerda quando dirigia o suplemento ‘Letras e Artes’, fizeram um bom relacionamento, mas não podiam ser considerados amigos íntimos. Em Florianópolis os meses iam passando. Percebias que tua posição continuava instável. Mesmo que teu processo tivesse sido arquivado por falta de provas, adversários continuavam intrigando, pro-

vocando, insinuando. Vagas notícias circulavam: ‘amigos’ haviam viajado ao Rio e Brasília, pediam teu emprego, insistiam na tua demissão, diziam estranhar que um notório subversivo, que estivera mais de um mês preso, permanecesse atuando no escritório da Agência Nacional. Alguns te defendiam, alegando a inexistência de provas. Ora, provas, retrucavam, pra que provas, basta ver a atuação dele na área cultural, que continua intensa. Um dia, começos de 1965, recibes um telefonema da direção da Agência, Adonias Filho comunicava que ia te mandar passagem aérea, precisava ter uma conversa urgente contigo, no Rio. Não titubeaste. Seguiste no primeiro avião. Ele foi direto e franco logo no primeiro encontro. Assunto: nada se apurara de concreto contra ti, ele achava que todos deviam ter direito às suas ideias, repetiu que teu processo fora arquivado por insuficiência de provas, nada tinham encontrado de incriminatório, voltavam a alegar tuas ideias; repetia, ninguém pode ser discriminado por ter ideias, aliás todos precisam ter ideias, mas o país atravessava um momento extremamente difícil e de descontro, devias compreender. Pedidos e reclamações não paravam de chegar até ele, mais, até o Ministério da Justiça, com espantosa regularidade. Queriam a tua demissão sumária. Ele brincou, vai ver o país se salva com a sua demissão. Adonias não podia garantir por quanto tempo mais ia conseguir te manter no emprego em Florianópolis, ninguém discutia tuas qualificações para o cargo, o fato não era esse. Também, de forma direta, sem tergiversação, com igual franqueza, perguntaste, o que me sugere, qual a solução viável, o que me propõe? E ele, vem trabalhar comigo no Rio, aqui na direção-geral, é uma cidade

grande, posso garantir seu emprego, seu caso é um entre centenas, se pulveriza entre os tantos outros. Não pensaste duas vezes, mal terminou de fazer a proposta e respondeste no ato, topo, quando quer que me transfira? E ele: já! Dali a dois meses se completaria um ano do golpe. Virada completa, que não estava em teus planos imediatos (ou sequer mediatos, se bem que não descartada mudança para um centro maior), logo estavas no Rio. Novo ciclo se abria na tua vida e na dos teus. Foram, de início, anos extremamente difíceis, lutando em busca de sobrevivência, buscando integração num ambiente desconhecido. Mas não podes te queixar. Provaram-se enriquecedores, tanto do ponto de vista estritamente pessoal como profissional, de realização. Aos poucos foste te adaptando. Fizeste novos e fraternos amigos, ampliaste tua visão de mundo, atuando num ambiente mais amplo reavaliaste tua percepção do ser humano, conheceste novas terras e novas gentes, perspectivas se abriram em vários campos de atuação, no jornalismo, no cinema, nas letras. Só que continuavas sentimentalmente ligado a Florianópolis, cidadezinha de inexplicável fascínio. Afirmava-se: quem desse duas voltas em torno da antiquíssima figueira da praça XV não mais teria como esquecer a velha Vila de Nossa Senhora do Desterro, nome trocado, em fins do século passado, devido à prepotência de Moreira César, o preposto de Floriano Peixoto, para Florianópolis. A população relutava em aceitar a nova (não tão nova, já com quase cem anos) denominação. A verdade, independente do nome, é que permanecia latente, no visitante, o desejo de retornar — por vezes para nunca mais sair da cidade, transformando-se num autêntico ‘manezinho da ilha’. E tu

havia dado infindáveis voltas em torno da figueira, havia passado horas à sua sombra acolhedora. E logo que se tomou possível, inventavas desculpas para uma visita à terra e aos parentes. Ainda no Rio, percebias, pelas informações que te chegavam, pelas viagens que fazias que, em lugar de se voltar à normalidade, conforme prometera o marechal Castelo Branco, que assumira a presidência da República, a situação no país começava a se deteriorar mais. A luta pelo poder entre os militares se ampliava. A tal ponto que o período de 1964 a 1968, por incrível que pudesse parecer, deixaria saudades, diante do que viria com o AI-5. Chegavam os anos de chumbo, de terror indiscriminado. O precário conceito de liberdade, tão precário a partir do golpe de 1964, derruía por inteiro. Surgiram os sequestros, as guerrilhas, a repressão, as torturas, o pavor, as mortes. Mas já aí, no que diz respeito à proposta que pretendias, a história, como diria Kipling, é outra. Fica, quem sabe, para mais tarde...

## **Relação dos presos no quartel da PM (de acordo com as anotações no caderno)**

Mauri, contador da gráfica, Florianópolis  
Aurélio Alves, inspetor de trânsito aposentado, Florianópolis  
Mário Moraes, funcionário do TAC, Florianópolis  
Luiz João de Andrade, funcionário do DCT, Florianópolis  
Waldir Silveira, estudante, Florianópolis (pai estivador/Itajaí)  
Luiz Henrique da Silveira, acadêmico de Direito, Florianópolis  
Benito Machado, presidente do Sindicato de Energia Elétrica,  
Florianópolis  
Orival Prazeres, estudante, Biguaçu  
Arno Lippel, funcionário da Celesc, Florianópolis  
Luiz João, motorista/funcionário público, Florianópolis  
Armando Muniz, engenheiro químico, Lages  
Guarino Iléo, alfaiate, Lages  
Jayme Garbelotto, funcionário do IAPC, Lages  
Hugo Borges de Melo, proprietário de alfaiataria, Lages  
Pedro Antônio Miguel G. Maza, industrial, Lages  
Ariovaldo Caon, fiscal do IAPC, Lages  
Edésio Caon, advogado/professor/jornalista, Lages  
Arnaldo Rosa, comerciante, Lages  
Jonas Ramos Martins, fiscal do IAPC, Lages  
Carlos Vogel, eletrotécnico, Itajaí  
Dirceu de Senna Madureira, médico, Itajaí  
Nilson Vasco Gondim, funcionário da CEF/ex-precincha, Itajaí  
Dalmo Vieira, advogado, Itajaí  
Francisco José Pereira, advogado, Blumenau  
Alfredo José Gonçalves, cobrador, Blumenau  
José Rosa da Silva, funcionário público, Blumenau  
Afonso Schirmer, jardineiro, Blumenau  
Hilton Zimmermann, mecânico, Blumenau  
Edelui Farias, motorista, Blumenau  
Erwin Loeschner, relojoeiro, Blumenau  
Manuel de Sousa, mecânico da Força e Luz, Blumenau

Saul Buchelle, engenheiro, Blumenau  
Herbert Giorgi, advogado, Blumenau  
Sálvio Cunha, estivador, São Francisco  
Ilsan Rosalvo Silveira, conferente, São Francisco  
José Cedro de Athayde, marítimo, São Francisco  
Ruberval de Oliveira, estivador, São Francisco  
José Januário de Oliveira, arrumador, São Francisco  
Antenor Rinaldo da Silva, funcionário autárquico, São Francisco  
Álvaro da Conceição, arrumador, São Francisco  
José Silvério da Cunha, operário, São Francisco  
Santino Marçal, operário, Araquari  
Nício Lopes, lavrador, Araquari  
Eduardo Mussi, estudante, Laguna  
Antônio Carlos Bahiense, bancário, Florianópolis  
Dibo Elias, gráfico, Florianópolis  
Israel Gomes Caldeira, diretor do DCT, Florianópolis  
Arthur Rodolfo Sullivan, professor, Florianópolis  
Nézio Jacques Pereira, funcionário do DCT, Florianópolis  
Alcebíades Pinheiro, advogado, Bom Retiro  
Edilberto Jung, bancário, Concórdia  
Emanuel C. dos Santos, bancário, Concórdia  
Luiz Gordinho  
Silvério  
Cabo Anfrísio  
Agiota, São Joaquim

Florianópolis, abril/maio de 1964 – anotações  
Florianópolis, maio/setembro de 1992 – texto final

## Posfácio

### A culpa dos jovens

Hélio Pólvora

Espero que o meu amigo Salim Miguel já esteja solto: o *habeas corpus* que iam pedir em seu favor há de ter falhado, porque a instituição caiu de moda depois de abril, mas não falhará decerto a inocência de Salim. Duvido muito que consigam formar a culpa desse catarinense de rosto cheio e satisfeito, nome de turco e mau comerciante: a livraria Anita Garibaldi, que ele teve na praça XV, em Florianópolis, não resistiu ao lirismo do dono, acabou desfalcada pelo próprio dono, que levava os livros para casa e que ao encomendar livros às editoras do Rio e São Paulo guiava-se mais pelo seu rigoroso gosto pessoal do que pelo gosto do público. Nós, amigos de Salim, só lhe reconhecemos a culpabilidade em duas coisas: desde 1955 não nos dá um livro seu e ultimamente andava engordando muito por culpa do frio que faz em Florianópolis. Então, por que o prenderam? De longe acompanho Salim, desde 1950, desde os tempos da revista *Sul* e das edições Sul, que nos deram escritores como Guido Wilmar Sassi, A. Boos Jr. e Silveira de Souza; nesse movimento literário que se projetou da província por todo o Brasil, pontificava Salim Miguel, espécie de conselheiro, intérprete do sentimento de renovação da turma, crítico, relações públicas, o diabo; tudo isso em função da literatura — um sonho que se desfez em 1958,

porque houve deserções, faltava dinheiro e “os que continuavam na revista já não eram tão rapazes, tinham outras e mais prementes obrigações na vida”. Num depoimento que lhe pedi em março de 1958 sobre a morte da revista, Salim explicava as dificuldades do meio pequeno com uma frase verdadeira: “Intelectual velho na província é instituição; escritor novo é caso de polícia.” E dizia que os jovens não podiam aceitar como definitivos os beletristas da terra. Queriam mais, queriam abrir debates, discutir problemas, dar uma mensagem que julgavam só deles. Precisavam extravasar-se. Será que 14 anos depois, morta a revista, suspensas as edições Sul, o meio ainda reagiu contra os jovens, ainda reagiu contra Salim Miguel? Será que o inspirador desse movimento que deu três ou quatro escritores de força foi denunciado como comunista por algum mau poeta ou acadêmico atacado pelos rapazes de então, hoje pais de família e empenhados no sonho mais lúcido de uma autêntica realização literária? Volto aos livros de Salim (*Velhice e outros contos*, 1951; *Alguma gente*, 1953; *Rede*, 1955) e neles não encontro as agora decantadas atividades subversivas, nem sequer o tom de panfleto que tem caracterizado a ficção brasileira voltada para a terra e para o drama dos humildes; encontro apenas aquela solidariedade de Gil Vicente quando disse: “Nós somos vidas das gentes e mortes de nossas vidas.” Releio artigos de Salim por mim publicados: o espanto que lhe causou, num anoitecer, a notícia da morte do seu amigo Jorge Lacerda, diretor do saudoso suplemento ‘Letras e Artes’, do jornal *A Manhã* (“com o seu ingresso na política, nossos contatos se fizeram mais escassos”, dizia Salim Miguel, em julho de 1958, recordando o amigo); o

crítico Salim Miguel, de aguda percepção, como naquele artigo em que considerava Machado de Assis um contista, inclusive nos romances, e escritor mais erótico do que Eça de Queirós. Onde está a subversão? Relembro Salim em suas vindas ao Rio, as conversas na mesa de bar até alta madrugada; a angústia de Salim, que também era a nossa angústia: forçados a sobreviver, forçados a ganhar dinheiro para o almoço e o jantar do dia seguinte, dificilmente podíamos conciliar a vida e a arte; os temas de contos, novelas e romances enchiam nossas cabeças e nos levavam ao desespero. Se este sentir e este sofrer, se esta busca do autêntico, se este esforço de definição constituem acaso ato subversivo, então toda esta nova geração brasileira, que saiu ou está por sair das universidades, que está escrevendo, lendo, estudando ou simplesmente se preparando para viver como homens responsáveis — então todos nós merecemos estar segregados na cadeia, em lugar oculto e não sabido, e sem direito de defesa, sem direito sequer ao *habeas corpus*, que já foi uma instituição brasileira por excelência. Nós, os jovens, não somos culpados por essa agitação, essa inquietação e esse ceticismo que nos envolve como uma auréola: já vimos falhar muitas revoluções feitas em nome de altos ideais humanitários, e o expurgo significa para nós apenas uma oportunidade de cheirar a imundície: é preciso cheirá-la (disse o velho Hemingway antes de estourar os miolos) para se conhecer a verdade.

*Jornal do Brasil,*  
Rio de Janeiro, 7 de junho de 1964

## Salim Miguel – Obra Completa

- 1 – *Velhice e outros contos* [Edições Sul, 1951]<sup>1</sup>
- 2 – *Alguma gente* [Edições Sul, 1953]
- 3 – *Rede* [Edições Sul, 1955]
- 4 – *O primeiro gosto* [Editora Movimento / Editora da UDESC, 1973]
- 5 – *A morte do tenente e outras mortes* [Editora Antares, 1979]
- 6 – *A voz submersa* [Global Editora, 1984]<sup>2</sup>
- 7 – *O castelo de Frankenstein: anotações sobre autores e livros*, vols. I e II [Editora da UFSC, 1986 e 1990]<sup>3</sup>
- 8 – *A vida breve de Sezefredo das Neves, poeta* [Editora Tchê, 1987]<sup>4</sup>
- 9 – *As areias do tempo* [Global Editora, 1988]
- 10 – *Primeiro de abril: narrativas da cadeia* [Editora José Olympio, 1994]<sup>5</sup>
- 11 – *As várias faces: novela em três atos* [Editora Movimento / Fundação Catarinense de Cultura, 1994]
- 12 – *As desquitadas de Florianópolis* [Editora Rio Fundo, 1995]
- 13 – *Onze de Biguaçu mais um* [Editora Insular, 1997]
- 14 – *As confissões prematuras* [Editora Letras Contemporâneas, 1998]
- 15 – *Variações sobre o livro* [Editora UFSCAR, 1998]

---

<sup>1</sup> Reeditado em 1981 (Fundação Catarinense de Cultura) e em 2004 (Editora Unisul).

<sup>2</sup> Reeditado em 2009 (Editora Record).

<sup>3</sup> Originalmente publicado em dois volumes. Na nova edição da Editora da UFSC estão reunidos em um só livro.

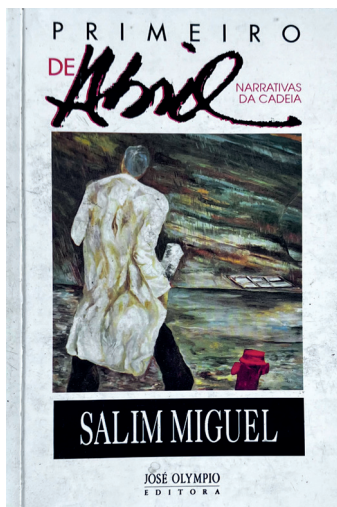
<sup>4</sup> Reeditado em 2005 (Editora Record).

<sup>5</sup> Reeditado em 2015 (Editora Unisul). Lançado em 2007, na França, com o título *Brésil avril 1964: la dictature s'installe* (Editora L'Harmattan).

- 16 – *Nur na escuridão* [Editora Topbooks, 1999]<sup>6</sup>
- 17 – *Apontamentos do meu escrever* [Editora Museu / Arquivo da Poesia Manuscrita, 2000]
- 18 – *Eu e as corruíras* [Editora Insular, 2001]
- 19 – *Aproximações: leituras e anotações* [Editora Movimento / Editora Letras Contemporâneas, 2002]
- 20 – *Memória de editor* (com Eglê Malheiros) [Editora Escritório do Livro / Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002]
- 21 – *Estrangeiros: releituras* [Editora Letras Contemporâneas 2003]
- 22 – *Mare nostrum: romance desmontável* [Editora Record, 2004]
- 23 – *Gente da terra: perfis e anotações* [Editora Lunardelli, 2004]
- 24 – *Cartas d'África e alguma poesia* [Editora Topbooks, 2005]
- 25 – *O sabor da fome* [Editora Record, 2007]
- 26 – *Minhas memórias de escritores* [Editora Unisul, 2008]
- 27 – *Jornada com Rupert* [Editora Record, 2008]
- 28 – *Reinvenção da infância* [Editora Novo Século, 2011]
- 29 – *Nós* [Editora da UFSC, 2015]

---

<sup>6</sup> Reeditado em 2008 (Editora Record). Traduzido para o árabe e lançado no Líbano, em 2013 (Editora Dar Saër el-Mashrek).



Capa da primeira edição de *Primeiro de abril: narrativas da cadeia*. Editora José Olympio, 1994.

Este livro foi editorado com a fonte Minion Variable Concept no ateliê Estúdio Sempredo, nas comemorações do centenário de nascimento de Salim Miguel.

O centenário de nascimento de Salim Miguel ensejou eventos comemorativos em torno da vida e da obra do autor que culminam com a disponibilização pelos herdeiros de todos os seus títulos em formato digital e gratuito. Com a parceria da família do escritor, que cuida do seu enorme legado, a Editora da UFSC lança a obra completa de Salim Miguel.